



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**WALLACE MOURA DA COSTA**

**AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO  
NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA**

**CAMPINA GRANDE  
2015**

**WALLACE MOURA DA COSTA**

**AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO  
NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

**Orientadora:** Prof. Dra. Filomena Maria  
Gonçalves da Silva Cordeiro Moita

**CAMPINA GRANDE  
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C837t Costa, Wallace Moura da  
As tecnologias digitais da informação e comunicação no ensino da língua inglesa [manuscrito] / Wallace Moura da Costa. - 2015.  
100 p. : il. color.

Digitado.  
Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2015.

"Orientação: Profa. Dra. Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro Moita, Departamento de Educação".

1. Ensino de Língua Inglesa 2. Tecnologia da Informação e Comunicação 3. Escola Pública I. Título.

21. ed. CDD 372.6521

**WALLACE MOURA DA COSTA**

**AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO  
ENSINO DA LÍNGUA INGLESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 03/12/2014

**BANCA EXAMINADORA**



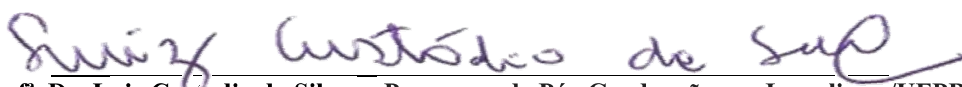
---

**Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Filomena Maria G. S. Cordeiro Moita - PPGE/UEPB**  
Orientadora



---

**Prof. Dra. Ana Paula Bispo da Silva - MFP/MECEM/UEPB**  
Examinadora interna



---

**Prof.<sup>a</sup>. Dr. Luiz Custódio da Silva – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo/UFPB**  
Examinador Externo

*A Deus, que me deu forças diante das adversidades para superar todos os obstáculos na conclusão deste trabalho;*

*À minha família, aos professores e aos amigos, pelo apoio e pelo incentivo;*

*Aos meus alunos, que me inspiraram a produzir esta obra.*

## AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Jesus, o autor da vida e da sabedoria. As dificuldades foram enormes, mas, com muito esforço e dedicação, consegui chegar até aqui e tornar esse sonho realidade;

À minha família, que sempre me incentiva e apoia a continuar nessa árdua jornada do conhecimento;

À Profa. Orientadora, Filomena Moita, minha querida e eterna professora. Não tenho palavras para agradecer pela paciência, pela compreensão e pela sabedoria com que me ajudou a concluir esta obra. Sou eternamente grato por tudo e jamais esquecerei as suas lições e exemplos, que me inspirarão a ser um professor melhor a cada dia e a acreditar que é possível transformar e renovar a forma de ensinar;

Ao amigo Emanuel Feliciano da Silva, com quem passei todos os momentos durante o curso. Sua amizade, companheirismo e dedicação ficarão marcados para sempre;

Aos Professores Coordenadores do Mestrado Profissional, Simone Dália, Paula Castro e Roberto Faustino que, com grande mérito, implementaram a Pós-graduação em Formação de Professores na UEPB e, com tamanha presteza e eficiência, proporcionaram o melhor do ensino para o nosso curso;

A todos os professores do Mestrado Profissional, que passaram por nossa turma que atuaram com muita competência, compartilhando seus conhecimentos e fantásticas experiências didáticas durante as aulas;

Aos funcionários da UEPB (Campus I), principalmente ao secretário do curso, Bruno Nunes, pela grande capacidade e eficiência no desempenho de suas atividades;

À Professora Ana Paula e ao Professor Luis Custódio, que aceitaram participar da banca examinadora;

A todos os queridos colegas da nossa turma pioneira, pelos bons momentos em que estivemos juntos durante o curso, compartilhando o conhecimento e as experiências do ensino, especialmente: Shelzea Oliveira, Antônio Gregório, Francisco Soares, Ana Maria Monteiro, Wellington, Fernanda Floriano e Lígia Michelle.

A todos os alunos da Escola Municipal Elita Barbosa da Fonseca, que, de forma voluntária, envolveram-se na coleta dos dados e se tornaram objetos deste estudo. Graças a sua disponibilidade e participação, conseguimos juntos, reformular as aulas e tornar o ensino da língua inglesa mais interessante e motivador nesta escola pública;

A todos os amigos, colegas de trabalho, diretores e coordenadores pedagógicos que, de alguma forma, contribuíram para a execução deste trabalho;

A todos os que torceram por este trabalho, incentivaram-no e acreditaram nele. Partilho com vocês mais esse passo para o meu crescimento pessoal e capacitação acadêmica e profissional.

*Tell me and I forget. Teach me and I remember. Involve me and I learn.*

Benjamin Franklin

*When you are interacting with a computer, you are not conversing with another person. You are exploring another world.*

John Walker

## RESUMO

As constantes transformações ocorridas na sociedade por causa do vertiginoso crescimento do acesso ao uso das tecnologias têm instigado à educação pública brasileira como preparar a recente geração de nativos digitais na atual sociedade global norteada pela revolução do conhecimento. O domínio da língua inglesa é uma das principais exigências nesse contexto e, cada vez mais, tem sido amplamente reconhecido como imprescindível no currículo escolar na era da informação e da comunicação. O método de ensino tradicional do inglês que toma como foco o método instrumental por meio da gramática e da tradução ainda perdura na maioria das escolas públicas do país e tem sido bastante desmotivador para os alunos e, conseqüentemente, ineficaz na aprendizagem. Diante desses pressupostos, tornou-se pertinente uma propositiva mudança da prática pedagógica para uma proposta metodológica comunicativa, inovadora e contextualizada através de inúmeros recursos digitais para o ensino da língua inglesa na escola pública. O uso adequado e planejado das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação pode oferecer muitas possibilidades e inovações em todas as modalidades de ensino da língua inglesa na escola pública. Esta pesquisa tem o objetivo de mostrar a importância do uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) como ferramenta e suporte para contribuir com a melhora da qualidade do ensino da língua inglesa para os alunos de escola pública na Escola Municipal Elita Barbosa da Fonseca da cidade de Tangará/RN.

**Palavras-chave:** Língua inglesa. Tecnologias. Escola pública.



## ABSTRACT

The constant changes in society caused by the rapid growth of access to the use of technologies, has prompted the Brazilian public education to prepare the new generation of digital natives to be citizens capable of being inserted in today's global society guided by the knowledge revolution. The command of the English language is a key demand in that context and, increasingly, has been widely recognized as essential in the school curriculum of the era of information and communication. The method of traditional English teaching, which takes as its focus the instrumental method, by means of grammar and translation, still persists in most public schools in the country and has been very demotivating for students and hence ineffective in learning. Given these assumptions, it became relevant a profound change of pedagogical practice to a proposal, innovative and contextualized and communicative methodological through numerous digital resources for teaching English in the public school. The proper and intended use of Information and Communication Digital Technologies can offer many possibilities and innovations in all English language teaching methods in public schools. This research aims to show the importance of the use of digital information and communication technologies (TDIC) as a tool to support and contribute to the improvement of the quality of English language teaching for public school students in the Municipal School Elita Barbosa da Fonseca in Tangará / RN.

**Keywords:** English language. Technology. Public school.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVA	- Ambiente Virtual de Aprendizagem
CALL	- <i>Computer Assisted Language Learning</i>
EAD	- Educação Aberta a Distância
EMPEBF	- Escola Municipal Professora Elita Barbosa da Fonseca
EJA	- Educação de Jovens e Adultos
EL	- <i>English Language</i>
EFL	- <i>English as a Foreign Language</i>
ESL	- <i>English as a Second Language</i>
ELT	- <i>English Language Teaching</i>
ICT	- <i>Information and Communication Technologies</i>
L1	- <i>Mother tongue or first language</i>
L2	- <i>Second or foreign language</i>
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LI	- Língua Inglesa
NTIC	- Novas Tecnologias da Informação e Comunicação
PCNEF	- Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental
PPP	- Projeto Político-pedagógico
TDIC	- Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
TIC	- Tecnologias da Informação e Comunicação
UEPB	- Universidade Estadual da Paraíba

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1</b> – Uma visão geral sobre os métodos e as abordagens usados para o ensino de línguas .....	59
--	----

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Resultado do IDEB da escola pesquisada .....	33
<b>Figura 2:</b> Exemplo de <i>QR code</i> .....	37
<b>Figura 3:</b> Procedimentos para o uso do <i>Task Based Learning</i> em sala de aula .....	38
<b>Figura 4:</b> Processo de aquisição da fluência na língua inglesa .....	41
<b>Figura 5:</b> Tela da primeira versão do AVA “Inglês na Net” .....	67
<b>Figura 6:</b> Tela do ambiente virtual dividida por bimestre.....	68
<b>Figura 7:</b> Fachada da Escola pesquisada.....	73
<b>Figura 8:</b> Equipamentos no laboratório de informática .....	74
<b>Figura 9:</b> Alunos assistindo aula no laboratório de informática .....	75
<b>Figura 10:</b> Aula ministrada no laboratório de informática.....	75
<b>Figura 11:</b> Alunos segurando os <i>QRcodes</i> na aula.....	76
<b>Figura 12:</b> Conteúdos do 6º ano do primeiro bimestre no AVA.....	78
<b>Figura 13:</b> Tela do AVA contendo todas as habilidades comunicativas.....	79
<b>Figura 14:</b> Tela contendo ferramentas motivacionais para a aprendizagem.....	80

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Sobre a importância de aprender inglês .....	76
<b>Gráfico 2</b> – Idade dos entrevistados .....	82
<b>Gráfico 3</b> – Sexo dos entrevistados .....	83
<b>Gráfico 4</b> – Escolaridade dos entrevistados .....	83
<b>Gráfico 5</b> – Renda familiar dos entrevistados.....	84
<b>Gráfico 6</b> – Para que o inglês é importante .....	85
<b>Gráfico 7</b> – Como os entrevistados gostam de aprender inglês .....	85
<b>Gráfico 8</b> – Assistir às aulas no laboratório de informática .....	86
<b>Gráfico 9</b> – Assistir às aulas no laboratório de informática ou em sala tradicional .....	86
<b>Gráfico 10</b> – Recursos utilizados pelo professor .....	87
<b>Gráfico 11</b> – Sobre saber utilizar o computador.....	87
<b>Gráfico 12</b> – Frequência de acesso à internet .....	88
<b>Gráfico 13</b> – Local onde se utiliza a internet .....	88
<b>Gráfico 14</b> – Acesso à internet pelo celular ou tablet .....	89
<b>Gráfico 15</b> – Preferência dos conteúdos acessados .....	89

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	14
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO .....	17
1.2 PROBLEMÁTICA.....	20
1.3 JUSTIFICATIVA .....	21
1.4 OBJETIVOS DA PESQUISA .....	22
<b>1.4.1 Objetivo geral</b> .....	22
<b>1.4.2 Objetivos específicos</b> .....	22
1.5 HIPÓTESES .....	23
1.6 ASPECTOS METODOLÓGICOS .....	23
1.7 ESTRUTURA DO TRABALHO .....	24
<b>2. REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	26
2.1 TRABALHOS CORRELATOS .....	26
<b>3. LINGUÍSTICA APLICADA AO ENSINO DA LINGUA INGLESA</b> .....	30
3.1 O INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA .....	30
3.2 A REALIDADE DA LÍNGUA INGLESA NA ESCOLA PÚBLICA PESQUISADA ...	33
3.3 CONCEPÇÕES LINGUÍSTICAS SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA .....	39
<b>4. O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA COM O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO</b> .....	60
4.1 A IMPORTÂNCIA DAS TDIC NAS AULAS DE INGLÊS .....	61
4.2 AS CRENÇAS SOBRE O USO DAS TDIC NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA .....	63
4.3 APRENDENDO IDIOMAS EM AMBIENTES VIRTUAIS .....	65
4.4 ENSINANDO A LÍNGUA INGLESA COM AS TDIC NA ESCOLA PÚBLICA: RECOMPENSAS E DESAFIOS .....	65
<b>5. METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	71
5.1 NATUREZA DA PESQUISA .....	71
5.2 REALIDADE DA ESCOLA PESQUISADA .....	73

5.3 PERFIS DOS SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	75
5.4 PERFIL DO PROFESSOR PESQUISADOR .....	77
5.5 INSTRUMENTALIZAÇÃO DA COLETA DOS DADOS .....	77
5.6 PRODUTO FINAL: CRIAÇÃO DE UM AVA PARA AS AULAS DE INGLÊS .....	78
<b>6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>82</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>95</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>99</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O reconhecimento que a língua inglesa conquistou no processo de mundialização, a partir do Século XX, quando obteve a posição de idioma oficial para a comunicação entre as pessoas de todo o mundo, tornou-se algo incontestável. A língua inglesa começou a ter o seu mérito como uma língua de influência internacional em meados da década de 50, no final da segunda guerra mundial, durante o período da guerra fria. Nesse período, a emergência dos Estados Unidos com o seu *status* hegemônico de nação mais poderosa do planeta, por meio de suas influências políticas, econômicas, militares, tecnológicas e sociais deu ao idioma inglês o posto de destaque na sociedade contemporânea mundial. Sua expansão passou a ser imprescindível para consolidar o capitalismo mundial, por influenciar diretamente o mundo dos negócios, do trabalho, da comunicação, das tecnologias, das viagens e do entretenimento e ser o meio para a comunicação global entre todos os povos.

Segundo David Crystal (2003), a língua inglesa é falada por mais de quatrocentos milhões de nativos no mundo. De acordo com o site English language guide<sup>1</sup>, entre cada nativo da língua, três não nativos também falam o idioma. Uma de cada seis pessoas do planeta fala inglês, incluindo aquelas que a usam como segunda língua, e, aproximadamente, setecentos milhões de pessoas a falam como língua estrangeira. Além de ser o idioma predominante do mundo dos negócios, a língua inglesa ocupa mais de oitenta por cento da informação armazenada nos computadores do planeta e noventa por cento do que está disponível na *internet*. Convém salientar que a metade de todos os periódicos técnicos e científicos do mundo é publicada em inglês. É a língua oficial da navegação, da aviação e da comunicação, cujo conteúdo em inglês é transmitido pelas cinco maiores redes de canais de TV do mundo (BBC, CNN, CBS, NBC, ABC).

A influência da língua inglesa está intrinsecamente ligada ao domínio americano sobre a informática/internet e suas interfaces, uma vez que as diversas informações e os recursos que se encontram agregados à rede viabilizam a comunicação em tempo real com qualquer pessoa do planeta. Nessa perspectiva, as pessoas do mundo inteiro perceberam que o ensino e a aprendizagem da língua inglesa - que é considerada como matéria-prima para muitos setores da economia - passaram a ser essenciais no mundo globalizado dominado pelo conhecimento. Carvalho (2011) explica que o ensino da língua inglesa alcançou seu papel hegemônico em escala mundial devido a três aspectos: primeiro, o inglês tem uma “função econômica de

---

<sup>1</sup> <http://www.englishlanguageguide.com/facts/stats/>



reprodução”, ou seja, de inserir na comunidade de conhecimento acadêmico e científico pessoas qualificadas pelo idioma. Segundo, o idioma tem “função ideológica”, o que significa dizer que carrega uma aceitação geral de “ideias modernas”, que permitem o acesso a valores interpessoais, sociais e culturais, mais capacidade de comunicação, melhor educação e, conseqüentemente, um padrão de vida melhor. Esses dois fatores corroboram o terceiro aspecto - que o inglês tem sua função “repressiva ou condicionante”. Isso quer dizer que, com o fenômeno da globalização, para quem deseja estar no mercado de trabalho, não há outra escolha: “é imprescindível aprender inglês”.

As constantes mudanças sociais ocorridas nos últimos anos, em todos os âmbitos do Século XXI, devido à iminente proliferação das inúmeras tecnologias, têm tornado a educação desafiadora para os professores porque a escola, principalmente as da rede pública, não consegue acompanhar o avanço frenético das transformações que permeiam a sociedade e não são mais a primeira fonte de informação e de conhecimento para os alunos. Moran (2007, p. 20) salienta que a

educação avança menos do que o esperado, porque enfrenta uma mentalidade predominantemente individualista, materialista, no nível pessoal e institucional, que busca soluções isoladamente...As mudanças demorarão mais do que alguns pensam, porque nos encontramos em processos desiguais de aprendizagem e evolução pessoal e social.

As Tecnologias da Informação e Comunicação são recursos tecnológicos utilizados com um fim específico. O termo “novas tecnologias” da informação e comunicação eclodiu a partir de 1975, com a fusão das telecomunicações analógicas associadas com a informática. Lemos (2010, p.68) aborda que essa Cibercultura se caracteriza pela formação de uma sociedade estruturada através de uma conectividade telemática generalizada, que amplia o potencial comunicativo e proporciona a troca de informações sob as mais diversas formas. O autor acrescenta que a tecnologia moderna é fruto do casamento da ciência com a técnica, associada à racionalidade e à objetividade (p.87).

Kenski (2013, p.27) explica que o antigo sistema previsível e linear, regido pelas máquinas e fábricas, que norteava nossa sociedade deixou de existir com a sociedade do conhecimento conduzido, agora, pelas tecnologias digitais, em que a velocidade das informações favoreceu a exigência da contínua inovação, do imediatismo e da descartabilidade de quase tudo, que tornou a moderna forma de viver consumista e insaciável. O “imediatismo” é a forma atual de perceber a vida e o mundo.

Segundo Lima (2011), em muitas escolas públicas do país ainda se empregava o método tradicional do inglês instrumental<sup>2</sup> focado apenas na leitura e na escrita, por meio da gramática e de tradução. Isso tem sido desmotivador para os alunos e, conseqüentemente, ineficaz para a aprendizagem de todas as habilidades comunicativas da língua predominante do mundo globalizado. Conhecer a língua inglesa é de extrema relevância para o desenvolvimento pessoal, cultural e profissional dos alunos, em todos os âmbitos do conhecimento, mas, especificamente, para o mundo dos negócios e o mercado de trabalho.

Diante desses pressupostos, consideramos pertinente fazer uma profunda reflexão sobre a mudança da atual e resistente *práxis*<sup>3</sup> pedagógica tradicional do ensino da língua inglesa na escola pública pesquisada, para uma proposta metodológica inovadora e contextualizada voltada para o ensino de todas as habilidades comunicativas da língua inglesa através da utilização de recursos digitais dentro e fora da sala de aula.

A forma habitual de ensinar na escola pesquisada enfatizava a tradução de listas de palavras ou textos com dicionários velhos e danificados, o uso do quadro branco para escrever as regras gramaticais, exercícios para fixar os conteúdos, as esporádicas repetições para memorizar a pronúncia correta das palavras e o uso de caça-palavras.

A inserção das novas tecnologias como computador, internet, celulares, *tablets*, câmeras, filmadoras, projetores etc. pretendeu nesta proposta de metodologia de ensino, abordar todos os conteúdos integrando todas as habilidades comunicativas da língua inglesa (*reading, writing, listening, speaking, vocabulary and grammar*)<sup>4</sup>. Foi possível revisar e praticar os conteúdos de forma colaborativa, interativa e dinâmica, não apenas dentro da sala de aula. As inúmeras ferramentas disponíveis em websites específicos<sup>5</sup>, redes sociais, blogs, *vlogs*<sup>6</sup>, vídeos, *podcasts*<sup>7</sup>, *handouts (worksheets)*<sup>8</sup>, jogos, entre outros - puderam reverter, de maneira significativa, o desinteresse dos alunos e resultar na participação ativa das aulas.

Este estudo surgiu da necessidade de revitalizar a forma de ensinar a língua inglesa como língua estrangeira na escola pública alvo, com a intervenção do uso das TIC no laboratório de informática e pretende mostrar as inúmeras possibilidades que o ensino da

---

<sup>2</sup>O nome designado para o que chamamos popularmente de Inglês Instrumental é "English for specific purposes" (ESP), que, em português, quer dizer: inglês com objetivos específicos.

<sup>3</sup>Termo em grego que significa **conduta** ou **ação**. Corresponde a uma **atividade prática em oposição à teoria**.

<sup>4</sup>(leitura, escrita, escuta, fala, vocabulário e gramática).

<sup>5</sup> Sites que ensinam inglês de forma gratuita e colaborativa (Ex: LiveMocha, MyLanguageExchange, SharedTalk, Babbel etc.)

<sup>6</sup> Páginas na internet cujo conteúdo consiste de vídeos (Ex: Youtube, Vevo etc.).

<sup>7</sup> Arquivos de áudio digital que podem ser de diferentes formatos (mp3, wav, aac, ogg etc.).

<sup>8</sup>*Handouts* são materiais impressos distribuídos para os alunos com conteúdos ou tópicos a serem estudados. *Worksheets* são folhas de papel complementares com exercícios e tarefas, com a finalidade de facilitar, revisar e reforçar a aprendizagem. Ex. <http://www.handoutsonline.com/>

língua inglesa, associado com o uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), pode contribuir para melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem e despertar a motivação e o desenvolvimento intelectual dos alunos da rede pública de ensino.

## 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Nos últimos anos, com a popularização do acesso às tecnologias digitais, através da conexão com a internet, a maioria da população brasileira tem tido a oportunidade de acesso digital à informação e a conteúdos, o que resulta na imersão instantânea do conhecimento, características típicas da geração de nativos digitais de uma sociedade que vive na era da informação e da comunicação. Esse crescimento iminente tem se tornado um desafio para a educação pública, pois, para continuar a se desenvolver, o país precisa, urgentemente, qualificar a mão de obra de seu povo, ou seja, preparar as futuras gerações para os desafios imprevisíveis da sociedade conectada.

Segundo os dados coletados no site de consultoria em telecomunicações Teleco<sup>9</sup>, em parceria com o PNAD<sup>10</sup>, o aumento vertiginoso da democratização do acesso à Internet passou de 5%, em 2005, para 33%, em 2008, pelos usuários cuja renda mensal atingisse até dois salários mínimos. Esses fatores ocorreram, principalmente, nas classes sociais mais baixas, devido ao fato de esse público conectar a *web* em *lanhouses*, no trabalho, na escola, nos estabelecimentos comerciais e públicos com a rede *wi-fi* (sem fio), e ao crescente número de residências com computador conectadas à rede mundial. Atualmente, a ideia de acessar a internet não se restringe aos computadores fixos, conhecidos como *PCs* (personal computers) ou *Desktops*, mas também a vários artefatos digitais portáteis, como celulares, notebooks (*laptops*) e *os tablets*, com os quais se pode acessar a internet a qualquer momento e manter contato com os conteúdos de forma simultânea e móvel.

Apesar desses avanços, não podemos deixar de mencionar que ainda existem muitas disparidades para o acesso digital entre determinadas regiões do país, camadas sociais e nível de escolaridade das pessoas. O governo brasileiro tem investido muito pouco em recursos por meio dos quais a maioria da população possa ter acesso à banda larga. Portanto, esse é um fator de desigualdade social devido ao alto preço comparado com os de outros países.

Nesse contexto tecnológico, o idioma inglês tornou-se o elemento principal para os meios de comunicação na aldeia global. A influência hegemônica dos países falantes da

---

<sup>9</sup> [http://www.teleco.com.br/internet\\_usu.asp](http://www.teleco.com.br/internet_usu.asp)

<sup>10</sup> Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

língua inglesa desencadeou como língua oficial da informação e comunicação, principalmente no mundo dos negócios. A relevância social e política deste idioma sobre os demais países do mundo ocorreu de forma propositiva e impositiva, não sendo diferente com o Brasil na época da colonização e até os dias atuais onde os estrangeirismos tomaram parte de muitas palavras da língua portuguesa.

De acordo com Santos (2011), o ensino de inglês tornou-se obrigatório no Brasil, em 1809, quando o Rei D. João VI implantou as línguas inglesa e francesa no currículo escolar. A partir de 20 de dezembro de 1996, com a promulgação da nova LDB (Lei nº 9.394), o ensino de língua estrangeira passou a ser obrigatório a partir do sexto ano<sup>11</sup> do Ensino Fundamental e incluiu no Ensino Médio. A partir da LDB foi constituído a divisão dos segmentos na educação: Educação infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Ensino Técnico.

Em 1998, o MEC publicou os Parâmetros Curriculares Nacionais e estabeleceu uma língua estrangeira moderna como disciplina obrigatória, a ser escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda língua estrangeira optativa, dentro das possibilidades da instituição. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de língua estrangeira, do Ministério da Educação, são as orientações fundamentais que norteiam o ensino de línguas estrangeiras nas escolas públicas, o que abrange as turmas do Ensino Fundamental II até o Ensino Médio. O princípio geral desses parâmetros é “construir no aluno uma base discursiva, ou seja, dominar a possibilidade de comunicação com outras pessoas seja por meio oral ou escrito” (BRASIL, 1998, p. 5).

Apesar dos inúmeros investimentos nos últimos anos na Educação Brasileira com o FUNDEF que depois tornou-se FUNDEB e outros programas, ainda falta muito para reverter a vergonhosa situação em ser um dos últimos países do mundo no ranking em qualidade na educação.

Segundo Moran (2007), a cada ano, a sensação de distanciamento entre a educação desejada e a real se acentua. O autor reitera que a sociedade evolui muito mais rápido do que a escola, e para que essa incongruência seja amenizada em todas as disciplinas (e nesse caso, principalmente a de língua inglesa), as escolas precisam passar por mudanças estruturais consistentes e constantes, a fim de “oferecer uma educação instigadora, estimulante, provocativa, dinâmica e ativa desde o começo e em todos os níveis de ensino”. Uma das principais mudanças a que o autor se refere é o acesso ao mundo digital, considerado como

---

<sup>11</sup>Publicada como quinta série na época.

um direito pleno de cidadania. Moran reforça que não basta colocar os alunos na escola, mas oferecer-lhes o acesso permanente às redes digitais, por estarem excluídos da forma de aprendizagem atual, que reflete de modo não fragmentado, linear e intersensorial. O autor acentua que é preciso humanizar as tecnologias para facilitar o processo de aprendizagem.

Necessitamos dos educadores tecnológicos, que nos tragam as melhores soluções para cada situação de aprendizagem, que facilitem a comunicação com os alunos, que orientem a confecção dos materiais para cada curso, que humanizem as tecnologias e as mostrem como meios e não como fins. (MORAN, 2007, p. 38).

As tentativas de justificar o fracasso da aprendizagem de todas as disciplinas nas escolas públicas vêm desde a falta de investimento por parte do governo, em suas diferentes estâncias e níveis de abrangência municipal, estadual e federal; a desvalorização da sociedade pela falta de apoio da família à escola; um ambiente escolar repleto de medo e de violência e descaso em relação à disciplina no currículo escolar, a qual pode ser lecionada por qualquer professor sem qualificação ou habilitação. Em consequência disso, temos professores desvalorizados, desmotivados, mal remunerados, esgotados fisicamente e psicologicamente por terem que trabalhar nos três turnos e em várias escolas diferentes para complementar a renda e ter que continuar estudando para se qualificar etc. Por fim, alunos entediados, rebeldes e inconsequentes, que também reclamam da falta de aulas interessantes e de um ambiente favorável a sua aprendizagem.

Há várias maneiras de explicar o fracasso na aprendizagem da língua. A mais comum é pôr a culpa nos outros, que pode ser o governo, o professor ou mesmo o aluno: a culpa é do governo porque não cumpre as leis que cria, do professor porque não ensina ou do aluno porque não estuda. Condenar tem sido a estratégia menos eficaz, na medida em que, pelo menos na escola pública, cria o conflito sem resolvê-lo e tudo acaba ficando por isso mesmo. (LEFFA, In LIMA, 2011, p.31)

Essas desculpas sobre o ensino e a aprendizagem de uma língua estrangeira na escola pública não podem justificar a falta de oportunidades de milhares de crianças e adolescentes terem um futuro melhor, porquanto precisam disso para vencer na vida.

## 1.2 PROBLEMÁTICA

A educação pública brasileira tem avançado pouco em relação ao cumprimento do seu papel de inclusão social, a fim de oferecer as condições para que a geração dos “nativos digitais ou a geração internet” (PRENSKY, 2001) tenham oportunidades de ser inseridos no mercado de trabalho que a cada dia se torna muito mais exigente, e saber inglês, nesse contexto, é imprescindível.

Desde o início de minha carreira como professor de língua inglesa, fui compelido a refletir sobre como a minha forma de ensinar poderia ser aprimorada a me colocar no lugar dos alunos. Cheguei à conclusão de que as aulas tradicionais, ministradas de forma expositiva, linear e centrada no professor não conseguem mais motivar, encorajar e, muito menos, garantir a aprendizagem dos alunos. Esses motivos agravam o desinteresse e, conseqüentemente, a evasão escolar.

Com base nesse contexto, foi formulada a seguinte questão norteadora: Como é possível reverter a realidade do desinteresse nas aulas de inglês promovendo a melhoria na qualidade do ensino para obter resultados positivos de aprendizagem na escola pública pesquisada? Através dessa pergunta, surgiram outras questões como aporte essencial para a realização da pesquisa: É possível tornar as aulas de LI mais dinâmicas e interativas com a ajuda dos recursos tecnológicos para efetivar a comunicação da língua inglesa? A incorporação do uso das tecnologias como ferramenta didática favorecem o ensino e a aprendizagem? Quais os benefícios que as tecnologias podem trazer para a educação? O uso das TDIC pode tornar o ensino interessante e motivador a fim de atender às reais necessidades dos alunos do Século XXI?

Os desafios, os anseios e as inquietudes viabilizaram uma profunda reflexão a respeito de como é possível revitalizar as aulas tradicionais de inglês na escola pública, onde foi possível tornar as aulas mais interessantes promovendo a aprendizagem.

## 1.3 JUSTIFICATIVA

O ensino da disciplina de língua inglesa como parte do currículo na escola regular sempre pretendeu que o aluno adquirisse principalmente o conhecimento das regras gramaticais e um vocabulário restrito do idioma, concentrando-o apenas nas habilidades de leitura e escrita, e não, nas competências comunicativas. Esses conteúdos normalmente são

abordados em aulas expositivas, acompanhadas de técnicas de memorização, e por meio de repetição, têm a finalidade específica de aprovar em concursos ou processos seletivos.

Essa forma de ensino tradicional do Século XVII, baseada no método da gramática e na tradução, sempre vem acompanhada de técnicas de ensino descontextualizadas e desvinculadas da realidade e das necessidades dos educandos e continua de forma pertinaz, até os dias de hoje, em muitas escolas públicas. O resultado dessa prática, além de limitar o conhecimento pleno da língua estrangeira, torna sua aprendizagem maçante, frustrante e desinteressante para os alunos.

As incríveis transformações sociais fomentadas pelas tecnologias da informação e comunicação, na sociedade contemporânea refletem diretamente na produção, na economia e no desenvolvimento em todo o mundo. Nesse processo, o sistema educacional é obrigado a formar seus indivíduos para essa realidade:

As origens e trajetórias das maiores mudanças tecnológicas são sociais. A aplicação da tecnologia está determinada, como está socialmente determinado o efeito retroativo das consequências sociais de suas aplicações. Uma vez que temos esses supostos esses pontos fundamentais, penso que ainda é importante centrar-se sobre os efeitos específicos dessa revolução tecnológica na estrutura social para entender o novo surgimento do sistema social (CASTELLS, 1996, p.11).

Através da experiência de uma nova prática pedagógica digital, é possível revitalizar o ensino da língua inglesa nas redes pública e privada, desenvolvendo metodologias de ensino mais dinâmicas e motivadoras, através da internet, em um ambiente virtual de aprendizagem (AVA), recorrendo a sites específicos de idiomas, redes sociais, objetos de aprendizagem que reflitam no ensino e na aprendizagem de modo colaborativo e a inúmeros recursos tecnológicos, dentro e fora da sala de aula, o que resulta no aumento do interesse pela disciplina e na melhoria da aprendizagem.

Nessa perspectiva, a língua inglesa e o uso imprescindível das novas tecnologias no contexto global de comunicação são sobremaneira relevantes, razão por que devem ser adotados no processo educacional, com o papel social de promover a inclusão dos nativos digitais.

## 1.4 OBJETIVOS DA PESQUISA

Os objetivos propostos pela pesquisa foram classificados em geral e específicos, em conformidade com as atividades e os resultados da pesquisa.

### 1.4.1 Objetivo geral

Analisar a situação do ensino da língua inglesa a partir da implantação do uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) como ferramentas para o processo de ensino e aprendizagem, na rede pública de ensino, e investigar como podem promover um ensino da língua inglesa mais interessante, motivador e contextualizado para as atuais necessidades dos alunos da Escola Municipal Elita Barbosa da Fonseca da cidade de Tangará/RN.

### 1.4.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos instituídos para esta pesquisa são:

- a) Buscar na literatura fundamentação para o desenvolvimento da pesquisa;
- b) Investigar a situação do ensino da língua inglesa na escola pública;
- c) Reconhecer a urgente necessidade do uso das TDIC nas aulas de LI;
- d) Entender as estratégias usadas para melhorar a qualidade do ensino;
- e) Desenvolver técnicas de aprimoramento do ensino e da aprendizagem;
- f) Revisar a bibliografia que trata do uso das tecnologias no ensino de línguas.



## 1.5 HIPÓTESE

A hipótese deste trabalho é de que as TDIC – como vídeo, computador e internet – auxiliam e incrementam o ensino da língua inglesa. Diante desse fato, é necessário inseri-los em um contexto de aulas mais atraentes, visando aprimorar as habilidades comunicativas da língua inglesa.

Essa hipótese parte do pressuposto de que é possível renovar e transformar o ensino da língua inglesa na escola pública desenvolvendo metodologias de ensino mais dinâmicas e motivadoras, com os diversos recursos tecnológicos existentes, principalmente através da internet e de outras diversas ferramentas digitais, dentro e fora da sala de aula, resultando no aumento do interesse pela disciplina e na melhoria da aprendizagem.

## 1.6 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para desenvolver este estudo, utilizamos uma pesquisa na vertente qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, que é bem aceita na área da educação. Assim, sob o ponto de vista da metodologia, trata-se de uma pesquisa etnográfica e de estudo de caso.

Para a coleta dos dados, foi aplicado um questionário estruturado com múltiplas respostas, realizadas na sala de aula com 201 alunos voluntários, no início do ano letivo de 2013, com o intuito de diagnosticar os anseios e necessidades dos alunos da escola pública pesquisada, a fim de promover as mudanças na prática pedagógica para a implementação do processo de ensino digital da língua inglesa.

O aporte teórico para fundamentar e respaldar este trabalho consistiu de levantamento bibliográfico, em conformidade com a área de estudo envolvida (linguística aplicada, ensino da língua inglesa e tecnologias da informação e comunicação). A revisão da literatura envolveu livros específicos e trabalhos correlatos encontrados em teses, dissertações ou artigos e páginas na internet.

Depois de coletar e averiguar as evidências empíricas foi possível diligenciar, a *posteriori*, a implantação desafiadora das TDIC nas aulas de língua inglesa e chegar à conclusão acerca de suas funcionalidades para alcançar os resultados desejados.

## 1.7 ESTRUTURA DO TRABALHO

Quanto à estrutura, este trabalho está organizado em cinco capítulos, além das considerações finais.

O primeiro capítulo- “Introdução” - apresenta a finalidade e trata, de forma geral, dos procedimentos utilizados considerados basilares e que corroboraram a motivação para a elaboração, o desenvolvimento e a consolidação da pesquisa. Em seguida, discute sobre a importância da aprendizagem da língua inglesa e a influência das tecnologias na atual sociedade do conhecimento. Os elementos englobados na pesquisa constam de contextualização, problemática, justificativa, objetivos, hipóteses e os aspectos metodológicos e estruturais.

Os trabalhos correlatos, apresentados no segundo capítulo- “Revisão da literatura” - abordam o levantamento bibliográfico que serviu de aporte teórico para o desenvolvimento da pesquisa. Nesse capítulo, são mencionados alguns trabalhos acadêmicos pesquisados sobre a mesma temática. Em todo o escopo da pesquisa, vários autores internacionalmente reconhecidos como grandes autoridades da linguística aplicada, no ensino da língua inglesa, fundamentam significativamente este trabalho, tais como, H. Douglas Brown (2000; 2001), Jeremy Harmer (1998; 2001), Jack Richards (2001), David Nunan (1999), entre outros. Os autores Warschauer & Healey (1998), Castells (1996, 2009), Lévy (2010), Carvalho (2011), entre outros, fazem uma abordagem sobre o uso das TDIC na prática pedagógica, de modo geral, e especificamente, no ensino da língua inglesa.

No terceiro capítulo - “Linguística aplicada ao ensino da língua inglesa” – são feitas considerações a respeito dos principais problemas, das dificuldades e das limitações, ou seja, sintetiza as muitas dificuldades existentes na rede pública de ensino. No mesmo capítulo, apresentam-se as principais teorias, os conceitos e as pesquisas no campo da Linguística Aplicada concernentes ao ensino e à aprendizagem de uma língua estrangeira, especificamente a língua inglesa, e as abordagens das técnicas e dos métodos de ensino de línguas ao longo da história.

No quarto capítulo - “O ensino da língua inglesa com o uso das tecnologias da informação e comunicação” – discorre-se sobre o uso das TDIC na prática pedagógica, de modo geral, e no ensino da Língua Inglesa, de forma específica, mostrando como as tecnologias revolucionaram a forma de ensinar idiomas nos dias atuais.

O quinto capítulo abrange as perspectivas para uma prática inovadora do ensino de inglês, associada às TDIC, e apresenta o processo de análise dos dados. Nessa parte, também

consta as ações que fomentaram a implantação dos recursos tecnológicos que possibilitaram a superação dos desafios encontrados para reverter a situação desoladora em que eram ministradas as aulas de inglês na escola envolvida na pesquisa.

As “considerações finais” remetem a uma profunda reflexão crítica sobre a emergente mudança de que a escola pública brasileira precisa para enfrentar os desafios do Século XXI, a fim de que possa cumprir o seu papel de agente transformador da sociedade e oferecer o ensino da língua inglesa de modo contextualizado, dinâmico e inovador para a geração de nativos digitais.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 TRABALHOS CORRELATOS

A proposta de descobrir a influência das TDIC no ensino e na aprendizagem da língua inglesa tem sido motivo de estudos e pesquisas de vários trabalhos que já foram desenvolvidos. Para esta pesquisa acadêmica, foram analisados alguns trabalhos anteriores considerados relevantes feitos por pesquisadores cujas pesquisas corroboram a essência deste trabalho.

Na pesquisa, “O uso pedagógico das tecnologias da informação no ensino e na aprendizagem da língua inglesa” (FERREIRA, 2010), desenvolvida por Edilene Luciana Ferreira, em sua defesa de Mestrado em Educação apresentada à Universidade Federal da Paraíba – UFPB - a pesquisadora focaliza o ensino da língua inglesa em uma escola pública. Ela trata de assuntos como a importância da LI para os alunos, a postura do professor de LI diante dos desafios do uso das TDIC, a finalidade das TDIC associadas ao ensino de LI, quais recursos são considerados significativos na aprendizagem de LI na visão do aluno, entre outros aspectos.

A tentativa de responder a esses questionamentos, com o propósito de buscar algo que venha a aprimorar os processos de ensinar e aprender, no que diz respeito à LI, na escola pública, é a razão de ser dessa pesquisa. (FERREIRA, 2010, p. 17)

A contribuição dessa pesquisa deve-se ao fato de destacar a importância do uso das TDIC na educação de um modo geral, principalmente sobre a necessidade de os professores se apropriarem desses recursos para os seus aprendizes.

Outra pesquisa considerada pertinente é o “Projeto de website educativo voltado ao ensino da língua inglesa para crianças do ensino fundamental entre 9 a 12 anos” (ENOMOTO, 2010). Nesse seu trabalho de conclusão de curso pela USP, a autora apresenta um projeto pedagógico aplicado em uma escola pública usando diversos recursos midiáticos, como softwares, jogos e websites para que o público infantil tenha acesso à tecnologia desde cedo.

O trabalho envolve o estudo de técnicas e ferramentas interativas que facilitem a compreensão do produto e o ensino da disciplina, considerando questões de usabilidade, ergonomia, metodologia de ensino, entretenimento, imersão do usuário e acesso à tecnologia. Para isso estudou-se as principais formas de ensino de língua estrangeira, interfaces em jogos educativos e

websites para crianças, usabilidade focada no público infantil e a potencialidade da tecnologia envolvida. (ENOMOTO, 2010, p. 5,6).

Segundo a autora, o livro didático e o caderno, mesmo sendo de extrema importância no processo do aprendizado, apresentam recursos limitados de linguagem na língua alvo. Em um ambiente multimídia, como um website, é possível usar novos métodos de ensino que enriqueçam o contexto do estudo e aumenta o interesse do aluno pelo conteúdo, sobretudo o público infantil, acostumado com a dinamicidade da TV e a interatividade dos jogos.

O trabalho “Computers and language learning: an overview”<sup>12</sup>, do pesquisador Mark Warschauer (1998), atualmente professor da Universidade da Califórnia, USA, é considerado um dos precursores dos estudos sobre a aprendizagem de línguas com a tecnologia no contexto escolar. Segundo o autor, a Linguística Aplicada tem uma área da ciência linguística que é chamada de Linguística Computacional, que é voltada, especificamente, para o estudo da manipulação da linguagem humana através da informática. Essa área da Linguística é dividida em duas subáreas: a Linguística de Corpus, definida por Berber Sardinha como o grande banco de dados que contenham amostras de linguagem natural (*apud* OTHERO & MENUZZI, 2005, p. 22), e o Processamento de Linguagem Natural<sup>13</sup>, que objetiva a “construção de programas capazes de gerar informação fornecida em linguagem natural” (OTHERO & MENUZZI, 2005, p. 24).

O autor enfatiza que os estudos sobre o uso da informática para a linguagem humana começaram nos anos 50 e foram implementados nos anos 60, quando se buscava descobrir o alinhamento das palavras e dos textos para descobrir, através de simulação, o padrão e o significado linguístico. Esse fato diferencia a Linguística Computacional, considerada como nova em relação à Linguística propriamente dita. O objetivo inicial desse campo da Linguística era de usar “aplicações ou aplicativos que se enquadrassem no reconhecimento da fala, síntese da fala e sistemas de diálogos em língua falada”. (OTHERO & MENUZZI, 2005, p. 27).

Segundo Belloni (1999), o termo “tecnologia”, quando usado na educação, pode ter dois sentidos. Primeiro, refere-se ao conhecimento incluído no artefato<sup>14</sup> e em seu contexto produtivo; segundo, os artefatos tecnológicos funcionam como mediadores entre o conhecimento e o aluno.

---

<sup>12</sup> Computadores e aprendizagem de línguas: uma visão geral

<sup>13</sup> Natural Language Processing - NLP

<sup>14</sup> Recursos didáticos tecnológicos usados para auxiliar o ensino e a aprendizagem.

As pesquisas sobre o uso das tecnologias no ensino de línguas se intensificou nos anos de 1960/1970 com os laboratórios de línguas. A partir dos anos 80, com o surgimento dos primeiros computadores, começou a desenvolver uma nova área no ensino de línguas que concentra a sua relação com a tecnologia. No Brasil, o projeto educacional ProInfo, do Ministério da Educação, visa informatizar as escolas públicas e promover capacitação e formação para os professores para o uso das tecnologias na rede pública de ensino. O projeto conta com a parceria dos órgãos públicos federal, estadual e municipal, da Anatel e de empresas operadoras de telefonia fixa e móvel.

O novo projeto que será implementado em 56.685 mil escolas públicas até dezembro de 2010, tem três frentes de ação. A primeira é a instalação dos laboratórios de informática no âmbito do ProInfo. A segunda é a conexão dos laboratórios de internet em banda larga, que as operadoras levarão gratuitamente às escolas até 2025, atualizando a velocidade periodicamente. A terceira frente do programa Banda Larga nas Escolas é a capacitação dos professores. Para tanto, serão oferecidos cursos a distância, que serão acompanhados pela Secretaria a Distância do MEC.(PORTAL MEC, 2010)

Outra pesquisa (MARTINS & MOREIRA, 2012) reforça a contribuição nesse trabalho, reiterando as diversas pesquisas de Warschauer sobre as tecnologias especificamente dirigidas para a aprendizagem de línguas maternas ou estrangeiras que formam um campo específico de estudos linguísticos chamado de CALL<sup>15</sup>. Esse acrônimo surgiu nos anos 80, ao mesmo tempo, na Europa e na América do Norte. Foi desenvolvido por pesquisadores que consideravam o computador muito mais como um instrumento de mediação do que um assistente de ensino. O termo CALL passou a ser internacionalmente consagrado no ano de 1983, em Toronto - Canadá - na Convenção de TESOL (Teachers of English to Speakers of Other Language)<sup>16</sup>, como área específica sobre as questões concernentes ao uso da tecnologia no ensino e na aprendizagem de línguas.

Segundo Crystal (2010), esse campo de pesquisa é considerado novo porque as pessoas ainda estão aprendendo como tirar o melhor proveito da aprendizagem de línguas mediada<sup>17</sup> pelo computador. O CALL é considerado uma subdivisão recente da Linguística Aplicada e uma parte da área de estudos sobre a aquisição de segunda língua.

---

<sup>15</sup> Sigla consolidada em língua inglesa, que corresponde a *Computer Assisted Language Learning*.

<sup>16</sup> Professores de inglês para falantes de outras línguas

<sup>17</sup> O termo 'mediada' foi substituído, intencionalmente, pela tradução literal em inglês *assisted* (assistida) por representar melhor em sua essência esse significado no português. (LEFFA, 2006)

As pesquisas sobre o ensino e a aprendizagem da língua inglesa, com o advento das novas tecnologias ao longo dos anos, principalmente com a inserção da internet 2.0 através dos inúmeros recursos didáticos *online* como *blogs*, *podcasts*, *wikis*, ambientes virtuais, etc., desencadearam novas pesquisas sobre essa temática porque a utilização desses recursos na educação ainda está sendo aprimorada.

A organização teórico-referencial de outros trabalhos que fundamentam esta pesquisa inclui as pesquisas que enfatizam a língua inglesa em seu contexto na Linguística Aplicada. As informações teóricas e práticas abordadas nesta pesquisa são consideradas de extrema relevância e imprescindíveis. Aqui são propostas algumas sugestões importantes que auxiliarão o docente em sua prática pedagógica e as conduzirão a uma profunda reflexão que acarretará no aperfeiçoamento de sua atuação como educador.

### 3 LINGUÍSTICA APLICADA AO ENSINO DA LINGUA INGLESA

Nesta primeira parte, falaremos acerca dos professores de língua inglesa, com uma abordagem clara e concisa, conceitos, teorias, crenças e valores dos mais renomados e conceituados autores na área da Linguística Aplicada sobre o ensino e a aprendizagem da língua inglesa e o uso das tecnologias da informação e comunicação na educação, particularmente sobre a sua aplicabilidade no ensino de línguas estrangeiras.

O presente trabalho fundamentou-se teoricamente nos conceitos de assimilação da língua inglesa como língua estrangeira e segunda língua. Os critérios que favoreceram a escolha do tema, tópicos e referências bibliográficas foram muitos. Primeiro, “a língua inglesa é a língua mais estudada no mundo” (RICHARDS & RODGERS, 2001, p. 3). Não é necessário justificar a forte influência do inglês no mundo, mas mencionar o importante papel que ele exerce em sociedades desenvolvidas, especificamente no mundo moderno da era digital em que vivemos.

#### 3.1 A LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

O cenário globalizado da sociedade atual em rede é definido como “*global network society*”, ou seja, o uso da comunicação através da interatividade solidificou o compartilhamento do conhecimento de forma ágil e dinâmica no mundo sem fronteiras.

A comunicação é definida como o compartilhamento do significado através da troca de informações. O processo de comunicação é definido pela tecnologia da comunicação como as características dos emissores e receptores da informação, seus códigos de referência e protocolos da comunicação no âmbito do processo comunicativo. Significado somente pode ser entendido no contexto das relações sociais em que as informações e a comunicação são processadas. (CASTELLS, 2009, p.54, tradução nossa)

Diante desses fatos, a língua inglesa exerce um papel preponderante nesse processo. O idioma inglês foi estabelecido como uma língua internacional depois da Revolução Industrial e devido ao processo de colonização de vários países ao redor do mundo pela Grã-Bretanha. Com a ascensão dos Estados Unidos como potência mundial, em meados do Século XX, a crescente internacionalização dos mercados e a influência hegemônica do “*American way of life*” levaram as nações a adotarem o inglês como uma língua *franca*. Ter o domínio da língua



inglesa, principalmente no mundo dos negócios, passou a ser sinônimo de sobrevivência e de integração global.

Carvalho (2011) explica que o ensino da língua inglesa alcançou seu papel hegemônico em escala mundial por meio de três aspectos: primeiro, porque tem uma “função econômica de reprodução”, ou seja, de inserir na comunidade do conhecimento acadêmico e científico pessoas qualificadas pelo idioma. Segundo, tem “função ideológica”, porquanto carrega uma aceitação geral de “ideias modernas”, o que permite o acesso a valores interpessoais, sociais e culturais e mais capacidade de comunicação, educação de melhor qualidade, e conseqüentemente, melhor padrão de vida. Esses dois fatores corroboram o terceiro aspecto, o de que o inglês tem sua função “repressiva ou condicionante”. Isso quer dizer que, com o fenômeno da globalização, para quem deseja estar no mercado de trabalho, não há outra escolha: “é imprescindível aprender inglês”.

Nesse sentido, é imprescindível compreender a importância da língua inglesa, usar as novas tecnologias, no contexto global de comunicação, e evidenciá-la como de extrema necessidade na educação, na perspectiva de promover a inclusão social dos nativos digitais. A prática do ensino da língua inglesa tem sido atualmente, uma das tarefas mais fascinantes e necessárias na inclusão de pessoas que desejam fazer parte de uma sociedade moderna e globalizada, visando ampliar os conhecimentos linguísticos, culturais, comportamentais e sobre as organizações político-sociais dos falantes da língua de origem germânica.

O ensino de língua estrangeira, principalmente de inglês, já é uma realidade para muitas crianças antes dos seis anos de idade. Essa prática tornou-se uma necessidade devido a duas frentes de incentivo. Por um lado, a preocupação geral com o desemprego e a qualificação profissional que garanta um futuro estável financeiramente tem levado os pais a procurar cada vez mais cedo o ensino de inglês e de informática para os filhos, como forma de garantir-lhes possibilidades de competir por um lugar no mercado de trabalho. (PIRES, 2001, p. 6)

Os professores devem estar comprometidos com a melhoria do ensino e as transformações sociais, ou seja, não podem ficar omissos diante dessa realidade. Cloud; Genesee e Hamayan destacam:

A focus on language is critical because language plays a dual role in education. It is both a prerequisite to successful education, and it is an important outcome of successful education. Because language is the primary medium through which education is delivered, students must acquire the language skills they need to do academic work. We all know of individual students who struggle in school because they have not had the opportunity to

develop the kinds of language skills that schooling calls for. It is our job to teach them those skills so that they can get on with their other school work. At the same time, a primary objective of education is to teach students language and literacy skills that will permit them to function effectively in their personal and professional lives. (2000, p. 1)<sup>18</sup>

O sistema de ensino brasileiro tornou obrigatório o ensino de uma língua estrangeira desde a quinta série do ensino fundamental até o final do ensino médio. As escolas, geralmente, oferecem o inglês ou o espanhol, com uma ou, no máximo, duas aulas por semana de, aproximadamente, 45 a 50 minutos. Apesar de esse aluno passar sete anos estudando o inglês na escola, conclui a escolaridade básica sem adquirir o conhecimento linguístico necessário para se comunicar ou adquirir novos conhecimentos de segunda língua.

Foi perceptível com a experiência local, em sala de aula, que os alunos não toleram mais aulas expositivas, mecânicas, desinteressantes, monótonas e sem criatividade que a maioria dos professores ministra. É por esse motivo que grande parte dos alunos detesta e acha difícil aprender inglês. É inescusável abolir das nossas mentes o sistema de ensino pronto, improvisado, sem surpresas, inativo e retrógrado com o intuito de integrar totalmente o aluno com uma abordagem moderna e criativa, deixando-o curioso e interessado. A atitude de encarar a profissão com pessimismo ou o sistema de ensino como utopia não é uma atitude coerente para quem lida com a educação. Se os professores não se valorizam, quem o fará então? Tudo vai depender de como a profissão é conceituada pelos próprios profissionais. Candau define bem essa questão:

A prática educacional não poderá ser de forma alguma, uma prática burocrática (ou profissional-burocrata). Ela tem que ser uma ação comprometida ideológica e efetivamente. Não se pode fazer educação sem "paixão". Agir, em educação, como um burocrata é fazer o jogo de decisões alheias; muitas vezes, decisões que nem o mesmo o agente aceitaria se delas estivesse consciente. (1986, p. 26)

As dificuldades e as limitações existem, mas com otimismo, dedicação e esforço é possível superá-los e resolvê-los. A indagação que o professor faz de si mesmo, fará toda a diferença em sua prática pedagógica e logo será percebida pelos alunos.

---

<sup>18</sup>O foco na linguagem é fundamental porque a linguagem desempenha um papel duplo na educação. Ele tanto é um pré-requisito para a educação de sucesso quanto um resultado importante da educação bem sucedida. E como a língua é o principal meio pelo qual a educação é entregue, os alunos devem adquirir as competências linguísticas necessárias para fazer o trabalho acadêmico. Nós todos sabemos que cada aluno que se esforça na escola é porque não teve a oportunidade de desenvolver os tipos de habilidades de linguagem que a escola requer. É nosso trabalho para lhes ensinar essas habilidades para que eles possam continuar com seu outro trabalho escolar. Ao mesmo tempo, um objetivo primordial da educação é ensinar a língua aos alunos e as competências do letramento que lhes permita funcionar de forma eficaz em suas vidas pessoais e profissionais. (tradução nossa)

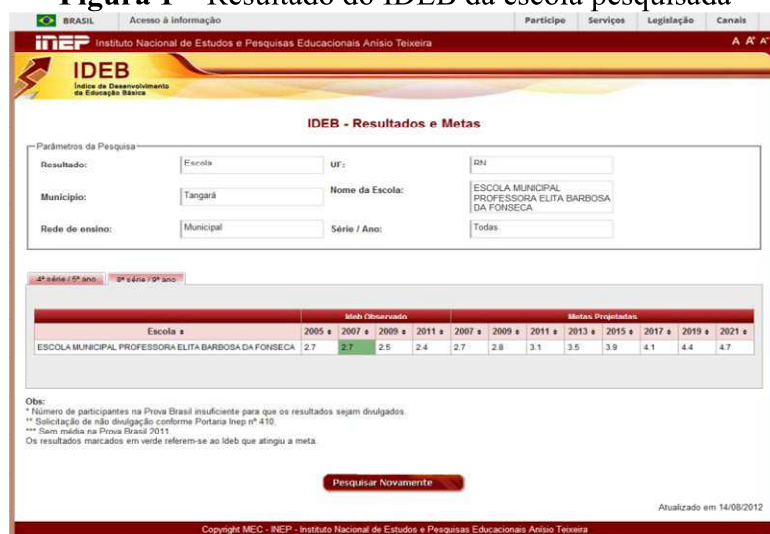
### 3.2 A REALIDADE DO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA ESCOLA PESQUISADA

A escola pública pesquisada tem se mostrado pouco atraente para seus alunos. O sublime papel de promoção da educação de qualidade para todos parece tornar-se cada vez mais distante diante dos principais problemas que permeiam o espaço escolar: desinteresse dos alunos, professores desmotivados, falta de infraestrutura e condições de trabalho, dupla ou tripla jornada de trabalho, baixos salários, drogas, violência, ausência da participação da família, desvalorização da sociedade, entre inúmeros outros.

O que suscitou também a elaboração desta pesquisa foi o fato de a escola pesquisada apresentar um índice bem inferior pelo IDEB<sup>19</sup>, o que comprova que o resultado da escola pesquisada de modo geral ainda está aquém do ideal. O objetivo do IDEB é medir a qualidade da educação básica pelos testes SAEB e Prova Brasil, medindo itens como a aprovação escolar e desempenho dos alunos, sendo a aprendizagem o resultado mais importante.

A média conquistada na escola pesquisada no *ranking*, em 2007, foi de 2,7 para os alunos do 2º ciclo do ensino fundamental. Essa nota não teve qualquer progresso, pois piorou nos dois anos seguintes e atingiu o mínimo - 2,4 - um valor bem distante da meta nacional, que seria de 3,1 para o ano de 2011, ano em que foi divulgada a última pesquisa. Apesar do sistema de avaliação da IDEB através da Prova Brasil focar exclusivamente nas disciplinas de Português e Matemática, os resultados interferem diretamente também nas outras disciplinas, neste caso, a língua inglesa está inserida também neste contexto.

**Figura 1 – Resultado do IDEB da escola pesquisada**



Fonte: Site do IDEB<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Índice de desenvolvimento da educação básica

<sup>20</sup> Disponível em <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=410566>. Acesso em: 31/03/2013.

Nos últimos anos, os alunos pesquisados do 2º ciclo do Ensino Fundamental da escola pesquisada têm demonstrado *in loco*<sup>21</sup> e corroborado no questionário desta pesquisa que não vêm suportando mais assistir às aulas expositivas tradicionais e no caso da língua inglesa em métodos ainda empregados na gramática e tradução que surgiram com o interesse das culturas grega e latina na época do Renascimento no Século XVI. Por vários motivos, ainda grande parte das aulas de inglês na escola pesquisada eram baseadas neste método.

Carvalho (2011) afirma que, para Piaget e Vygotsky, precursores da Psicologia cognitiva contemporânea, o conhecimento deve ser construído em ambientes de interação social, formados culturalmente, para que cada aprendiz construa seu aprendizado autônomo num processo de dentro para fora, baseado nas experiências de cunho psicológico. Essa é a principal lacuna que existe na escola pública, que leva ao fracasso na aprendizagem de línguas estrangeiras.

Leffa, In Lima (2011, p. 21) refere que “o problema da qualidade do ensino de línguas estrangeiras na escola pública é histórico porque vem desde a universalização do ensino fundamental na década de 1970 onde houve apenas a preocupação de construção de escolas e não ter professores qualificados para a sala de aula”. A tarefa de ensinar uma língua estrangeira, principalmente a inglesa, não é fácil, pois, além de requerer a proficiência na língua a ser ensinada, exige muita preparação e profissionalismo.

Muitas escolas do país não têm as condições mínimas de estrutura para oferecer um ambiente propício para o aprendizado. Os laboratórios de informática presentes em quase todas as escolas através do programa ProInfo<sup>22</sup> do Governo Federal não funcionam como deveriam, e as principais razões para essa inércia são a deficiência na estrutura física como espaço apertado, rede elétrica, falta de equipamentos, problemas técnicos de impressora, ausência ou baixa velocidade da conexão com a Internet etc. Na questão humana, os motivos são a ausência de professores capacitados que dominam a informática, falta de funcionários para manutenção e configuração dos computadores, dificuldades burocráticas para enviar os equipamentos para a assistência técnica e principalmente, a falta de vontade da equipe pedagógica em usar os equipamentos (GOMES, 2009).

Uma educação de boa qualidade é a única condição eficaz para o desenvolvimento de qualquer país. É o mecanismo necessário que leva o seu povo a ser cidadão, a evoluir, a

---

<sup>21</sup> Termo em Latim que significa “no próprio local”.

<sup>22</sup> Programa Nacional de Tecnologia Educacional. É um programa educacional com o objetivo de promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica.

pensar de forma crítica, a ser competitivo, a superar a cruel desigualdade e a reconhecer sua autonomia, empregabilidade e empreendedorismo. É o único meio de diminuir a exclusão social e incluir os cidadãos no mercado de trabalho cada vez mais competitivo e exigente.

É nessa perspectiva, que pensamos a educação. Educação de qualidade e inclusiva, a que deva preparar o indivíduo para interagir com o meio com maturidade, autonomia e criticidade, ou seja, aquela que prepare o indivíduo para compreender e intervir em prol de uma sociedade mais humana, sem se deixar excluir, ou mesmo, se deixar levar pela enxurrada de informações que as mídias produzem. (BARROS e CARVALHO, 2011, p.208)

Quando a escola adota a tecnologia para ampliar as possibilidades e as potencialidades dos alunos com uma pedagogia inovadora e criativa, os resultados positivos são alcançados de forma efetiva. Em outras palavras, a metodologia “fala” a mesma “língua” do aluno.

Ao mesmo tempo em que é necessário melhorar o acesso às redes digitais, precisamos também tornar a escola um espaço vivo, agradável, estimulante, com professores mais bem remunerados e preparados; com currículos mais ligados à vida dos alunos; como metodologias mais participativas, que tornem alunos pesquisadores, ativos; com aulas mais centradas em projetos do que com conteúdos prontos; com atividades em outros espaços que não a sala de aula, mais semipresenciais e on-line, principalmente no ensino superior. Podemos aprender estando juntos fisicamente e também conectados. Podemos aprender sozinhos e em grupos, podemos aprender no mesmo tempo e ritmo ou em tempos, ritmos e formas diferentes (MORAN, 2007, p.10).

Segundo Lima (2011), as dificuldades para ensinar inglês na escola pública são muitas. Por isso o professor deve trabalhar de forma democrática, com metodologias criativas, dinâmicas e inovadoras, com liberdade e entusiasmo, a fim de avaliar e refletir, de forma responsável, sobre o *feedback* recebido de seus alunos para descobrir se determinada metodologia está dando certo ou não. As tecnologias digitais a serviço do ensino e da aprendizagem não podem ser diferentes.

Ensinar e aprender devem sempre significar compreensão, envolvimento, prática, recebimento de constante feedback, oportunidades de aplicação à vida e aos problemas do mundo real... Ensinar e aprender não são, por conseguinte, algo que ocorra ao sabor do acaso e improvisação. (NETTO, 2011, p.85)

Não pretendemos discorrer de forma aprofundada sobre a difícil situação em que a LI está inserida no contexto da escola pública, porque muita coisa já tem sido escrita, e a maioria

de nós já sabe como se encontra essa realidade. Antes de tudo, devemos mesmo é refletir e discutir sobre quais soluções seriam apropriadas para reverter cada realidade, a fim de que o professor cumpra o seu papel de cidadão.

Ser professor é uma vocação, não uma profissão. O professor deve assumir seu papel de educador e não de mero “ensinador” de línguas. A figura do professor sabe-tudo, do professor enciclopédia ambulante, já não impressiona ninguém, especialmente em tempos de internet ao alcance de praticamente todos num simples clique de um mouse. (RAJAGOPALAN, 2011, p.60)

Diante do exposto, surge a seguinte dúvida por parte de muitos professores: “Como posso ensinar a língua inglesa se os meus alunos mal sabem ler e escrever?” Ou seja, se eles não aprenderam o português, que é a língua materna, como ensinar inglês para eles? Partindo dessa premissa, é possível afirmar que, para converter essa situação, é necessário que sejam trabalhados os conteúdos com uma metodologia mais específica, com ênfase na leitura e na escrita, com a ideia dos hipertextos e dos gêneros digitais (letramento digital), principalmente nas séries iniciais do 2º Ciclo (6º e 7º ano). As mídias digitais, no contexto escolar - TV, DVD, projetor de tela, conhecido como “Datashow”, computadores e celulares- quando são usadas de forma planejada e sistemática, conseguem modificar essa realidade de forma rápida e surpreendente. “Independente da ferramenta, o princípio das mídias sociais e da própria Internet é que, de fato, podem transformar a educação” (SANTANA e ROSSINI, 2011, p.166).

As aulas de inglês, com o uso da web 2.0, caracterizadas, principalmente, pela interatividade, devem propiciar primordialmente um benefício pedagógico para o aluno, e nunca, como um passatempo em sala de aula. Se os conteúdos e as tarefas forem apresentados de forma lúdica, os alunos se sentirão motivados a se envolver nesse processo e aprenderão “brincando”. Mas, para isso, o professor deve oferecer-lhes a possibilidade de aprendizado, ou seja, promover o desenvolvimento de uma aptidão ou capacidade cognitiva da língua-alvo. “A educação pela via da ludicidade propõe-se a uma nova postura existencial, cujo paradigma é um novo sistema de aprender brincando inspirado numa concepção de educação para além da instrução” (SANTOS, 2001, p. 53).

Os vídeos, jogos (*games*), *handouts*, *podcasts*, *blogs*, *wikis* e as redes sociais são ferramentas muito úteis para a efetivação do ensino e da aprendizagem de todas as habilidades comunicativas da língua inglesa, desde que sejam bem aproveitadas e não sejam usados de forma vaga e aleatória.

As redes sociais são as plataformas virtuais mais desejadas pelos alunos entrevistados na escola pesquisada. Por isso, é preciso aproveitar o entusiasmo dos alunos para utilizar esses objetos de aprendizagem como estratégias de ensino. Esses inúmeros recursos digitais podem ser usados dentro e fora da sala de aula. Esse método é denominado em inglês de *Blended Learning* ou Aprendizagem Híbrida, porque promovem a interação e a integração dos alunos não apenas com o computador, mas também com o celular ou *tablet* (*Mobile Learning*). Através da internet, é possível compartilhar com os alunos os vários conteúdos do currículo através de *games online*, *vídeos*, *podcasts*, *músicas* etc. A tecnologia dos *QR codes*<sup>23</sup> com a câmera dos celulares dos alunos contribui para que os conteúdos sejam abordados de uma forma bem interessante. Dessa forma, os alunos estarão sempre em sintonia com as aulas, mesmo fora da escola, integrando o aprendizado colaborativo.

**Figura 2** – Exemplo de *QR code*

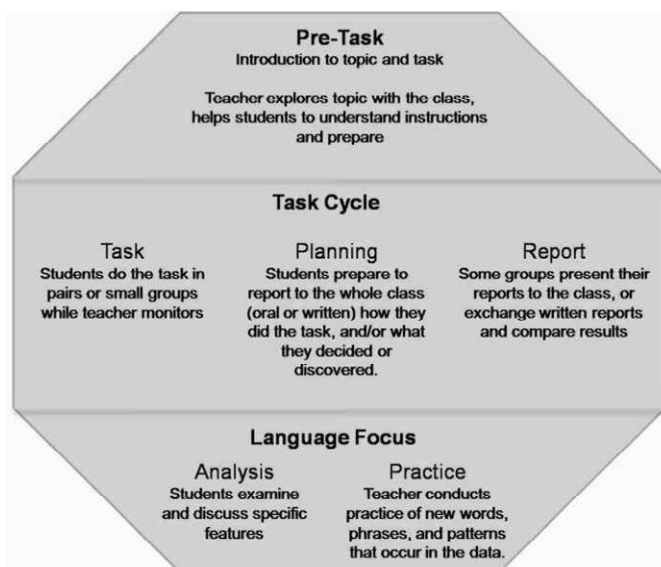


Uma proposta de ensino do inglês que funciona muito bem na escola pública é baseada em tarefas e conhecida como *Task-based language teaching*. Essa proposta focaliza as situações linguisticamente significativas e conta com o engajamento do aprendiz para a realização de tarefas contextualizadas dos conteúdos abordados. Essas tarefas são divididas em três etapas, do antes, durante e depois (Figura 3) e focaliza todas as habilidades linguísticas para a comunicação. Não se trata apenas dos conhecidos “exercícios” só com perguntas e respostas de determinado assunto e totalmente fora de contexto, mas de atividades dinâmicas que objetivam a participação ativa e autonomia dos aprendizes.

---

<sup>23</sup>*QR code* é um código de barras (sigla do inglês *Quick Response* - Resposta rápida) criado em 1994, que pode ser facilmente escaneado usando-se a maioria dos telefones celulares equipados com câmera. Esse código é convertido em texto (interativo), um endereço URL, um número de telefone, uma localização georreferenciada, um e-mail e um contato ou um SMS. Fonte: Wikipédia.

**Figura 3** – Procedimentos para o uso do *Task Based Learning* em sala de aula



Fonte: <http://colombotech.pbworks.com/w/page/16138758/TBI>  
Acesso em: 22/07/2014

A metodologia baseada em tarefas é algo que conta com a intervenção do professor, numa perspectiva mais real e cativante para ajudar os alunos a desenvolverem as habilidades linguísticas com sucesso.

O ensino baseado em tarefas, se contar com o máximo da criatividade e da inventividade que costuma ser uma maracá típica do trabalho do bom professor de línguas estrangeiras, realizará a exposição à língua-alvo e oferecerá ao aprendiz oportunidades de uso da mesma em situações e contextos muito diversificados, tanto do ponto de vista comunicativo quanto do ponto de vista das exigências cognitivas. (SOUZA, 2009, p.159)

A primeira sugestão que deveríamos focalizar para mudar essa realidade seria o professor mudar de atitude. Isso significa que ele precisa ser abnegado, idealista e otimista quanto a sua prática pedagógica em sala de aula. A ideia de “fazer a diferença” sempre deve estar incutida na mente dos educadores. Quanto mais conhecermos e entendermos nativos digitais da escola pública, mais compreenderemos como será o rumo a que a educação pública terá que se moldar diante das mudanças que o futuro promete.

Portanto, a escola pública alvo da pesquisa precisava resgatar seus princípios e reconhecer que as tecnologias podem ser uma poderosa ferramenta de conquista e motivação para os alunos. A escola e a prática pedagógica do professor precisam estar em sintonia com o conhecimento básico de mídias e tecnologias para promover, no mínimo, um ambiente agradável, que favoreça a aprendizagem.



### 3.3 CONCEPÇÕES LINGÜÍSTICAS SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA

A linguagem humana é a característica primordial que diferencia os seres humanos dos animais. Certamente, nenhuma outra espécie tem um sistema de comunicação tão complexo.

As línguas começaram a ser estudadas de modo mais sistemático em todo o mundo com o latim, a língua que dominava a educação, o governo, o comércio e a religião do mundo ocidental. Aos poucos, foi perdendo o espaço para o francês, o italiano e o inglês com as mudanças políticas na Europa. O estudo dessas línguas começou a ser realizada sistematicamente, utilizando-se, principalmente, as metodologias antigas usadas com o latim através de traduções.

Ensinar uma língua estrangeira implica, primordialmente, compreender o fundamento do processo da linguagem para a utilização da língua estrangeira para a construção dos significados. Sobre essa assertiva, Fromkin et al. (2003, p. 4) explica:

When you know a language, you can speak and be understood by others who know that language. This means you have the capacity to produce sounds that signify certain meanings and to understand or interpret the sounds produced by others.<sup>24</sup>

A linguagem é o reconhecimento dos códigos linguísticos e realmente acontece quando há interação e compreensão no processo da comunicação interpessoal humana. Todas as línguas são arbitrarias, irregulares e dinâmicas e estão sempre em constantes transformações. A Linguística explica os fenômenos da linguagem. Segundo David Crystal, citado por Fromkin et al. (2003, p.1),

Linguistics shares with other sciences a concern to be objective, systematic, consistent, and explicit in its account of language. Like other sciences, it aims to collect data, test hypotheses, devise models, and construct theories. Its subjects matter, however, is unique: at one extreme it overlaps with such 'hard' sciences as physics and anatomy; at the other, it involves such traditional 'arts' subjects as philosophy and literacy criticism. The field of linguistics includes both science and humanities, and offers a breadth of coverage that, for many aspiring students of the subject, is the primary source of its appeal.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup>Quando você conhece uma língua, pode falar e ser entendido por outros que conhecem a linguagem. Isso significa que você tem a capacidade de produzir sons que têm certos significados e compreender ou interpretar os sons produzidos por outros. (tradução nossa)

<sup>25</sup> A Linguística compartilha com outras ciências a preocupação de ser objetiva, sistemática, consistente e explícita em sua conta da linguagem com outras ciências que têm como objetivo coletar dados, testar hipóteses, elaborar modelos e construir teorias. Seus assuntos, no entanto, são únicos: em um se sobreponha extremos com essas ciências "duras" como a física e a anatomia; no outro, envolve temas tais "artes" tradicionais como

Para efetivar a aprendizagem da linguagem, é necessário que se estabeleçam as estratégias adequadas de ensino, que Nunan (1999, p. 171) define assim:

Strategies are the mental and communicative procedures learners use in order to learn and use language. Underlying every learning task is at least one strategy. However, in most classrooms, learners are unaware of the strategies underlying the learning tasks in which they are engaged.<sup>26</sup>

Conhecer as estratégias de ensino é muito importante porque conduz o professor a se conscientizar do quê, do porquê e de como está fazendo sua prática educativa. As atividades aplicadas frequentemente em sala de aula só podem consideradas estratégias quando desenvolvem nos aprendizes a competência comunicativa e só são eficazes quando aplicadas de forma pré-programada e bem planejada com o público-alvo. Antes de aplicar todos os conceitos, o planejamento, os métodos, os recursos e tudo o que diz respeito ao aprendizado da língua inglesa, é necessário conhecer bem os alunos em seus aspectos emotivo, social, intelectual, se o seu estilo de aprendizagem é visual, auditivo ou cinestésico etc.

O campo da Linguística é bastante vasto porque os aspectos da linguagem são extremamente complexos. Não é nosso propósito detalhar as teorias da Neurologia (lateralização cerebral), da Psicologia (aspectos cognitivos), da Fonologia, da Fonética (sons e pronúncia), da Morfologia, da Sintaxe e da Semântica (estrutura gramatical) da língua inglesa, mas auxiliar o professor a compreender basicamente como funciona o processo de assimilação de uma língua estrangeira.

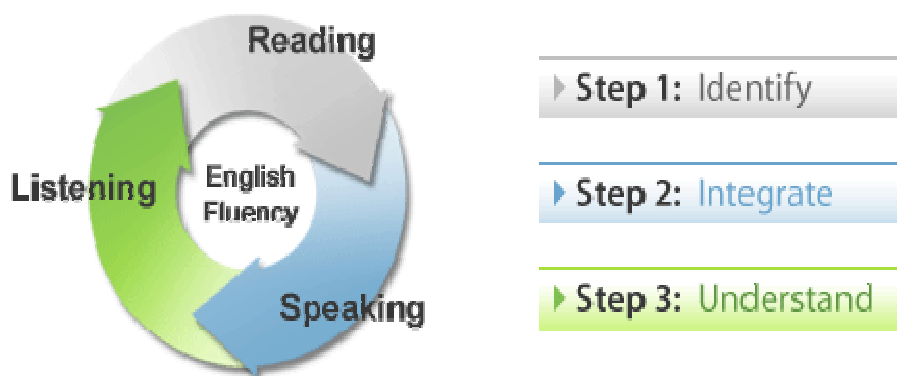
Aprender outra língua significa desenvolver as habilidades que permitem entender o que outras pessoas dizem e usar essa língua para dizer o que se quer dizer. Isso é denominado de fluência, e esse é o objetivo de todo aluno que deseja dominar uma língua estrangeira.

---

filosofia e crítica da alfabetização. O campo da Linguística inclui a ciência e as humanidades e oferece uma amplitude de cobertura que, para muitos estudantes aspirantes ao assunto, é a principal fonte de seu apelo. (tradução nossa)

<sup>26</sup> As estratégias são os procedimentos mentais e comunicativos que os alunos usam para aprender e usar a língua. Subjacente a todas as tarefas de aprendizagem é, no mínimo, uma estratégia. No entanto, na maioria das salas de aula, os alunos não têm conhecimento das estratégias subjacentes às tarefas de aprendizagem em que estão envolvidos. (tradução nossa)

**Figura 4** – Processo de aquisição da fluência na língua inglesa



**Fonte:** <http://callushere.wordpress.com/> Acesso em: 22/07/2014

As habilidades comunicativas descritas na figura 4 compõem o cerne do ensino e do aprendizado da língua inglesa, porque, através delas, é possível adquirir a competência comunicativa. Scarcella & Oxford (1992, p.68) afirmam que,

Before the mid-1960s, competence in a language was defined narrowly in terms of grammatical knowledge. At that time, linguists were interested in identifying the grammatical constructions children of different ages use. However, in the 1960s linguists and others extended the concept of competence. Hymes was among the first to investigate such extended notions. He argued that the ability to speak competently not only entails knowing the grammar of a language, but also knowing what to say to whom, when, and in what circumstances.<sup>27</sup>

As quatro habilidades de comunicação (*the four skills*) mais conhecidas pelas nomenclaturas em inglês são divididas em: *listening* (ouvir), *reading* (ler), *writing* (escrever) e *speaking* (falar). As habilidades da gramática (*grammar*) e vocabulário (*vocabulary*) são consideradas suplementares (SCARCELLA & OXFORD, 1992, p. 87). As habilidades comunicativas estão divididas em *input* (entrada), por meio do *listening* (através dos ouvidos), e *reading* (através dos olhos) e *output* (saída), por meio do *speaking* (através da boca) e *writing* (através das mãos). Quando essas quatro habilidades comunicativas se envolvem com a metodologia e as atividades, ajudam o aluno a construir o vocabulário, a pronunciar

<sup>27</sup> Antes de meados dos anos 60, a competência em uma linguagem foi definida estritamente em termos de conhecimento gramatical. Naquela época, os linguistas estavam interessados em identificar as construções gramaticais filhos de uso diferentes idades. No entanto, na década de 1960, linguistas e outros pesquisadores ampliaram o conceito de competência. Hymes foi um dos primeiros a investigar tais noções prolongadas. Ele argumentou que a capacidade de falar com competência implica não só conhecer a gramática de uma língua, mas também saber o que dizer a quem, quando e em que circunstâncias. (tradução nossa)

corretamente a língua-alvo, falar o idioma com precisão, a utilizar as palavras e as expressões adequadas para cada situação e a interagir com outras pessoas.

Alguns professores acham que é mais simples administrar a aula quando o *writing* é separado do *speaking*, e o *listening* é separado do *reading*, ou seja, as habilidades são apresentadas isoladamente. Scarcella & Oxford (1992, p. 86-87) e Brown (2001, p. 233-234) sugerem que a integração das quatro habilidades proporciona o sucesso no desenvolvimento da prática comunicativa em sala de aula, porque expõe os alunos a uma realidade linguística autêntica, e essa variedade os envolve em atividades interessantes e significantes da língua-alvo.

A maioria dos pesquisadores faz uma distinção entre a habilidade extensiva (*extensive*) e a intensiva (*intensive*). Todas as habilidades podem ser extensivas e intensivas. A principal diferença é que a primeira é mais eficaz, porque é absorvida ou praticada pelo próprio aluno, de forma livre, descontraída e, principalmente, de forma prazerosa; enquanto a segunda é abordada de forma sistemática, arbitrária, mais concentrada, menos relaxada e com a intervenção direta do professor. Por exemplo, quando um aluno escolhe um filme para assistir em casa e decide se coloca ou não as legendas e o áudio em inglês ou português, as habilidades de *reading* e *speaking* que ele está praticando são extensivas. Se isso acontecesse na sala de aula, seria intensiva. Quando um aluno está numa sala de bate-papo na internet (*chat*) com um nativo, ele está praticando o *writing* e o *reading* de forma extensiva, diferentemente de quando está fazendo uma prova ou respondendo ao livro de atividades (*workbook*) do curso, ou seja, de maneira intensiva.

Durante mais de seis décadas, os pesquisadores reconheceram a grande importância das quatro habilidades no aprendizado de idiomas. Alguns métodos e currículos de escolas, cursos e materiais didáticos tendem a enfatizar uma ou duas habilidades e a relegar outras. No caso da escola pública, essa situação é ainda mais acentuada, porque, devido às precárias condições, os professores desenvolvem o vocabulário e a gramática e só valorizam a habilidade da leitura (*reading*), utilizando-se apenas de textos.

Um dos critérios pertinentes para garantir o sucesso da prática pedagógica do professor nas aulas de LI é que, antes, que seja elaborado o currículo, escolhido o material didático, feitos os planos de aula, escolhida a metodologia e elaborados os objetivos para a aprendizagem. O professor de EFL/ESL deve, em primeiro lugar, conhecer o nível em que seus alunos estão (LIGHTBOWN & SPADA, 1999). Depois, é preciso efetivar adequadamente o processo de ensino, conforme as respectivas necessidades e os interesses.

Harmer (1998) classifica os níveis dos alunos em três: *beginner*, *intermediate* e *advanced* e suas outras subdivisões.

Quando se pretende abordar uma ou mais habilidades de forma isolada, essa separação só será considerada válida se as deficiências dos alunos forem superadas. Existem materiais didáticos e escolas de idiomas que oferecem cursos específicos de ESP<sup>28</sup>, como por exemplo, “*basic writing*”<sup>29</sup>, “*intermediate listening*”<sup>30</sup>, “*advanced speaking*”<sup>31</sup> etc. Analisar e comentar a respeito das habilidades comunicativas de forma aprofundada não é nossa intenção aqui, pois esse tema é longo e requereria outro trabalho acadêmico.

As habilidades receptivas (*receptive skills*) e o termo entrada, denominado, em inglês, de *input*, são os códigos linguísticos absorvidos no cérebro das pessoas e que favorecem a comunicação. As habilidades receptivas também são consideradas s passivas, ou seja, não é preciso esforço físico para desempenhá-las. Dentre as habilidades comunicativas receptivas, estão o *reading* (leitura) e o *listening* (escuta). Sobre isso, Harmer (2001, p. 199) assevera: “*Receptive skills are the ways in which people extract meaning from the discourse they see or hear*”. Toda e qualquer pessoa falante nativa de qualquer idioma recebe na infância os *inputs*, através da escuta (*listening*), antes de falar e ler. As crianças que nascem com necessidades especiais (não conseguem ouvir) não desenvolvem também a habilidade da fala (*speaking*).

O exercício de leitura em inglês deve iniciar com textos cujo vocabulário é reduzido, de preferência com uso moderado de expressões idiomáticas, regionalismos e palavras “difíceis” (de rara ocorrência). O assunto, se possível, deve ser de muito interesse do leitor. Não é recomendável o uso constante do dicionário. A atenção deve concentrar-se na ideia central, mesmo que os detalhes se percam, e o aluno deve evitar a prática da tradução. O leitor deve habituar-se a buscar identificar, m primeiro lugar, os elementos essenciais da oração, ou seja, sujeito, verbo e complemento. A proximidade com o nível de conhecimento do aluno é também uma condição importante assim como o grau de interesse dos textos, que deve avançar gradativamente, e o aluno deve procurar fazer da leitura um hábito frequente e permanente.

Dependendo do que estamos lendo, automaticamente, usamos uma estratégia de leitura apropriada. Quando estamos lendo um livro, nossos olhos e nosso cérebro se comportam de forma diferente de quando estamos lendo uma lista telefônica ou uma bula de remédio. Estudos demonstram (e a nossa experiência também) que os alunos tendem a ler todos os

---

<sup>28</sup> *English for Specific Purposes*, ou seja, Inglês para propósitos específicos.

<sup>29</sup> Escrita básica

<sup>30</sup> Escuta intermediária

<sup>31</sup> Conversação avançada

textos de uma mesma forma, do início ao fim, passando por todas as palavras sem atenção e sem usar as devidas estratégias, o que resulta em frustração. O ideal, no entanto, é que, se os alunos não conseguissem entender alguma palavra, utilizassem as estratégias adequadas nas diferentes atividades de leitura.

As principais estratégias para a interpretação dos textos, segundo Harmer (2001), são o *skimming* para ler um texto rapidamente e buscar as ideias principais; o *scanning*, para ler um texto, a fim de encontrar uma informação específica, e *reading for details*, para ler um texto minuciosamente, atentando para os detalhes, tendo como resultado final a compreensão global. Outras habilidades que podem ser desenvolvidas em relação à leitura envolvem saber reconhecer o objetivo do texto e a sua estrutura; estabelecer relações entre as ideias do texto; saber reconhecer a que nomes os pronomes se referem e inferir o *significado* de palavras e expressões desconhecidas.

Apesar de o *reading* ocupar o lugar principal nas aulas das escolas públicas brasileiras, é imprescindível saber que o aluno só desenvolverá a proficiência na língua inglesa se estiver recebendo o autêntico *input* do *listening*, seja através dos cds de áudio do material didático utilizado, de músicas, filmes, *drills* (exercícios de repetição), conversando com nativos, seja com outras atividades relacionadas. É claro que sua utilização de forma eficiente dependerá da situação, das condições e das circunstâncias enfrentadas pelo professor.

As habilidades produtivas (*productive skills*) e o termo saída (*output*) são os códigos linguísticos emitidos pelas pessoas, com a intenção de promover o entendimento na comunicação. As habilidades comunicativas produtivas são o *writing* (escrita) e o *speaking* (fala). As habilidades produtivas também são consideradas habilidades ativas e é preciso esforço físico para desempenhá-las.

A habilidade da escrita é uma prática tradicional de ensino independente da disciplina e considerada tediosa pelos alunos. No ensino de EFL, nas escolas públicas, é muito comum o professor escrever no quadro, e o aluno copiar no caderno. Nas escolas de idiomas, a escrita é mais elaborada e produtiva, devido à utilização de um material didático ilustrado com atividades mais interessantes e acompanhado de um caderno de atividades (*workbook*).

Através da experiência em sala de aula, percebemos os evidentes e constantes erros cometidos com a prática da escrita na língua inglesa pelos alunos. Isso é uma realidade no desenvolvimento natural da aprendizagem, que pode ser corrigido com a prática intensiva da leitura. O professor não deve deixar o aluno apreensivo, com uma preocupação demasiada em não errar. Corrigi-lo sempre pode ocasionar a limitação dessa habilidade. Solé (1998) enuncia que

é uma leitura crítica, útil, que nos ajuda a aprender a escrever em que os componentes metacompreensivos tornam-se muito evidentes. No contexto escolar, a autorrevisão das próprias redações escritas é um ingrediente imprescindível em um enfoque integrado do ensino da leitura e escrita, útil para capacitar as crianças no uso de estratégias de redação de textos. (1998, p.96)

Para estimular os alunos a escreverem de forma agradável, podem-se utilizar diversos recursos, como: preencher os espaços em branco (*fill in the gaps*) das letras de músicas (*lyrics*), preencher questionários de filmes legendados, textos incompletos e fatiados, ditados, jogo da forca, caça-palavras etc. Até mesmo em um nível básico, os alunos podem escrever uma carta para um amigo estrangeiro (*pen pal*) ou através de *e-mail* ou *chat*<sup>32</sup> na internet.

Quando os alunos estiverem se comunicando através do *speaking*, o professor deve ser bastante observador, prestar a devida atenção na pronúncia e na entonação dos alunos e corrigir-lhes a fossilização, ou seja, a pronúncia incorreta aprendida por um longo tempo na escola e que se consolidou na mente. Um exemplo clássico é a diferença de sons entre *red* e *head* e as palavras *apple*, *money*, *umbrella*, *orange* etc.

Uma forma de estimular os alunos tímidos a praticarem a comunicação oral é através da participação intensa nas atividades e do reconhecimento com frequentes elogios. A leitura de textos em voz alta e a utilização de teatro com roteiros pequenos são formas excelentes de desenvolver todas as habilidades, principalmente o *speaking*.

Na história do ensino e da aprendizagem de línguas estrangeiras, vários métodos e abordagens surgiram em diferentes contextos históricos, com diferentes características e propósitos a que se destinavam. Cada novo método surgia com o intuito de sobrepujar o método anterior. Para descrever os diferentes métodos e abordagens, é necessário utilizar uma terminologia adequada devido à grande abrangência do termo “método”. A partir de 1963, Edward Anthony subdividiu e convencionou o termo “método” em três categorias: 1) abordagem (*approach*); 2) método (*method*) propriamente dito e 3) técnica (*technique*). A abordagem é o termo mais abrangente dos três, porque engloba os conceitos teóricos acerca do aprendizado da língua. O método tem uma abrangência mais restrita, pois pode estar inserido dentro de uma abordagem. A técnica é o mais restrito e referindo-se a um procedimento específico adotado a partir de determinado método escolhido. Richards & Rodgers (2001, p.19) explicam:

---

<sup>32</sup> Em português, significa “conversação ou bate-papo” em tempo real entre usuários, por meio de aplicativos na internet. Fonte: Wikipedia (2014)

According to Anthony's model, approach is the level at which assumptions and beliefs about language and language learning are specified; method is the level at which theory is put into practice and at which choices are made about the particular skills to be taught, the content to be taught, and the order in which the content will be presented; technique is the level at which classroom procedures are described. (2001, p.19)<sup>33</sup>

Uma revisão histórica dos métodos de ensino de línguas mostra também que não existe simplesmente o “melhor” método ou a “melhor” abordagem para ensinar e aprender outra língua, seja segunda língua ou língua estrangeira. De acordo com Celce-Murcia (1991, p. 03),

The field of second (or foreign) language teaching has undergone many fluctuations and dramatic shifts over the years. As opposed to physics or chemistry, where progress is more or less steady until a major discovery causes a radical theoretical revision (Kuhn, 1970), language teaching is a field where fads and heroes have come and gone in a manner fairly consistent with the kinds of changes that occur in youth culture.<sup>34</sup>

Muitos professores de EFL não têm a noção histórica de como surgiram as pesquisas e as descobertas no campo do ensino de idiomas. Ao ensinar uma língua estrangeira é essencial que ele saiba tirar todo o proveito das metodologias e não apenas conhecer as teorias sobre o que é linguagem. Por isso, essa revisão sobre as antigas e as novas metodologias de ensino é pertinente para se conhecer profundamente, sua evolução, no passado e no presente, seus sucessos e fracassos. Aqui, procurou-se abordar cada método de forma concisa, explicitando suas principais características e analisando suas potencialidades e deficiências. O que pretendemos é fazer com que o professor esteja informado das opções metodológicas existentes e, depois, possa tirar proveito de cada uma delas em sua prática atual em sala de aula, principalmente no que se refere ao uso das TDIC.

O método da gramática e da tradução (*grammar-translation method*) surgiu na Alemanha, mais precisamente na Prússia, no final do Século XVII. É também conhecido como método tradicional, devido à abordagem tradicional para o ensino do latim e do grego, e como método clássico, porque se utilizava o método clássico de ensino, isto é, com foco nas

---

<sup>33</sup>De acordo com o modelo de Anthony, a abordagem é o nível em que suposições e crenças sobre a linguagem e a aprendizagem de línguas são especificadas; o método é o nível em que a teoria é posta em prática e em que as escolhas são feitas sobre as habilidades específicas a serem ensinadas, os conteúdos e a ordem em que vão ser apresentados; a técnica é o nível no qual são descritos os processos de sala de aula. (tradução nossa)

<sup>34</sup>A área de ensino de segunda língua (ou estrangeira) sofreu muitas variações e mudanças dramáticas ao longo dos anos. Ao contrário da Física ou da Química, em que o progresso é mais ou menos constante, até uma grande descoberta provoca uma revisão teórica radical (KUHN, 1970), o ensino da língua é um campo onde modismos e heróis vêm e vão, de uma forma bastante consistente com os tipos das mudanças que ocorrem na cultura da juventude. (tradução nossa)



regras gramaticais, na memorização de vocabulário, nas traduções de textos e nos exercícios escritos. O principal propósito desse método era de ajudar os alunos a lerem e a compreenderem a literatura. A característica mais marcante desse método, como o nome sugere, é aprender as regras gramaticais e aplicá-las para traduzir textos. Não se considerava a possibilidade da oralidade da língua-alvo naquele período, como afirma Brown: “languages were not being taught primarily to learn oral/aural communication, but to learn for the sake of being ‘scholarly’ or, in some instances, for gaining a reading proficiency in a foreign language.” (2000, p.15)

O primeiro curso publicado de gramática e tradução para o ensino do inglês foi escrito em 1793 por Johann Fick (1763-1821), em Erlangen, no sul da Alemanha. A partir do Século XIX, o método clássico passou a ser conhecido como método da gramática e tradução e foi aceito por um longo tempo como o único modo de se ensinar uma língua estrangeira. No Brasil, foi o primeiro método de ensino de língua estrangeira (ensino de grego e latim) de que se tem notícia, trazido pelos jesuítas em 1500.

Nesse método, as aulas são ministradas na língua materna, com pouco uso ativo da língua-alvo; o vocabulário, em grande parte, é ensinado na forma de listas de palavras isoladas, longas explicações a respeito das dificuldades da gramática são dadas; a gramática fornece as regras para juntar as palavras com foco na forma e em sua flexão; a leitura de textos clássicos difíceis é feita em estágios iniciais e se dá pouca atenção ao conteúdo dos textos, que são tratados como exercícios de análise gramatical; os exercícios típicos são de tradução de frases da língua-alvo para a língua materna, e à pronúncia é dada pouca ou nenhuma atenção. Esse método, até hoje utilizado nas escolas públicas brasileiras, não proporciona ao aluno nenhuma possibilidade de desenvolvimento para a comunicação oral, e o professor não necessita de habilidades especializadas para transmitir o conteúdo utilizando-o.

O método direto (*direct method*), que foi uma reação contra a ineficácia do método da gramática e tradução, também é conhecido como método natural, método reformista, método fonético, entre outros. O método direto conquistou, no início do Século XX, imensa popularidade, segundo afirma Larsen-Freeman (1986, p.18): “*Since the Grammar-Translation Method was not very effective in preparing students to use the target language communicatively, the Direct Method became popular*”. Esse método tem como regra básica não permitir a tradução de nenhuma palavra, mas guiar os alunos a aprenderem a língua-alvo de forma indutiva, sem a intervenção da língua materna, através da técnica de imersão. A transmissão dos significados era ensinada por meio de gestos e de gravuras, com o propósito

de fazer com que os alunos pensassem na língua-alvo. Ao invés de aprenderem a gramática dedutivamente, ou seja, através de regras no método anterior, a gramática era abordada no Método Direto inserida nos diálogos, indutivamente. A integração das quatro habilidades comunicativas é usada pela primeira vez no ensino de línguas.

Estimulado pela divulgação de um novo mundo industrial com negócios e viagens internacionais, o método direto foi amplamente aceito nas escolas particulares de línguas, onde os alunos eram motivados, e professores nativos eram contratados. O mesmo sucesso não ocorreu nas escolas públicas cujo orçamento era reduzido - o tamanho das salas de aula, o tempo e a falta de professores capacitados tornaram o método difícil de ser utilizado.

Um dos nomes mais conhecidos como divulgador desse método foi Charles Berlitz, que nunca aceitou essa denominação e preferiu chamar o método direto de “Berlitz Method”. O método foi criticado pela fraca fundamentação teórica, como afirma Brown:

By the end of the first quarter of this century the use of the Direct Method had declined both in Europe and in the United States. Most language curricula returned to the Grammar Translation Method or to a ‘reading approach’ which emphasized reading skills in foreign languages. (2001, p. 21-22)<sup>35</sup>

A premissa básica desse método era de que a aprendizagem de segunda língua deveria ser como a de primeira, ou seja, com muitas interações orais ativas, o uso espontâneo de língua, nenhuma tradução entre a primeira e a segunda língua e pouca ou nenhuma análise de regras gramaticais. Nesse método, as instruções de sala de aula são conduzidas exclusivamente na língua-alvo, e os professores devem conhecer a língua estrangeira. Só as sentenças e o vocabulário do cotidiano eram ensinados, a gramática era ensinada indutivamente e o vocabulário era ensinado através de demonstrações, objetos e figuras. Tanto a linguagem falada quanto a compreensão oral eram ensinadas através de leituras em voz alta, ditados e diálogos, e a gramática e a pronúncia correta eram enfatizadas.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o método audiolingual (*audio-lingual method*) foi desenvolvido na tentativa de fornecer aprendizagem rápida em línguas faladas aos soldados do Exército dos Estados Unidos. O método era baseado numa pedagogia tradicional de sala de aula desenvolvida de forma intensiva. Para isso, os alunos deveriam aprender através de diálogos, e não, da gramática e de tradução, com memorização, imitação e muita repetição.

---

<sup>35</sup> No fim do primeiro trimestre desse Século, o uso do Método Direto tinha diminuído tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. A maioria dos currículos de linguagem voltou ao método de tradução de gramática ou de uma "abordagem da leitura", que ressaltou as habilidades de leitura em línguas estrangeiras. (tradução nossa)

O método audiolingual, ao contrário do método da gramática e de tradução e do método direto, foi o primeiro a ser fundamentado nas teorias linguística e sociológica, amplamente divulgadas nos anos 40 e 50. Na teoria linguística, esse método foi influenciado pelos linguistas estruturalistas, principalmente por Bloomfield; e na teoria psicológica, pela Psicologia behaviorista defendida por Skinner. Sobre isso, Larsen-Freeman assevera:

As we have seen, the Grammar-Translation Method did not prepare people to use the target language. While communication in the target language was the goal of the Direct Method, there were at the time exciting new ideas about language and learning emanating from the disciplines of descriptive linguistics and behavioral psychology. (1986, p. 31)<sup>36</sup>

Esse método apresentava, em sua essência, que os professores usavam muito pouco a língua materna e deveriam proporcionar o ensino da língua para seus alunos como falantes nativos. Os diálogos eram ensinados através de muitos exercícios de repetição (*drills*), jogos, dramatização e memorização de frases longas parte por parte (*slots*), pois se acreditava que a língua era aprendida através da formação de hábitos do tipo S-R-R, isto é, estímulo (*stimulus*), resposta (*response*) e reforço (*reinforcement*). Havia muito uso de fitas gravadas, laboratório de línguas e material visual. A pronúncia era enfatizada desde o início e havia pouca ou nenhuma explicação gramatical. A gramática era ensinada por analogia indutiva, e não, dedutiva, ou seja, os alunos deviam responder às perguntas automaticamente sem parar para pensar e um grande empenho em evitar que cometessem erros. A cultura era valorizada e ensinada com o fim de conhecer o comportamento do cotidiano das pessoas que usam a língua-alvo.

No início da década de 60, o método da Sugestologia (*Suggestopedia*), também chamado de Sugestopedagogia e Super-Aprendizagem (*Super-Learning*), foi desenvolvido pelo médico búlgaro Dr. Georgi Lazanov, como outra inovação educacional que prometia grandes resultados, com vistas ao aproveitamento do potencial do cérebro. Acreditava-se que as pessoas eram capazes de aprender muito além do que imaginavam e de forma acelerada, se o ambiente de estudo fosse relaxante e confortável, para evitar que as interferências externas retivessem o aprendizado. Em 1966, o governo búlgaro autorizou a abertura de um Centro de *Suggestopedia* em Sófia – Bulgária - com o objetivo de aprofundar as aplicações daquela

---

<sup>36</sup>Como vimos, o método gramática-tradução não prepara as pessoas para usarem a língua-alvo. Enquanto a comunicação na língua-alvo é o objetivo do método direto, havia, no momento, excitantes novas ideias sobre a linguagem e a aprendizagem que emanam das disciplinas ‘Linguística descritiva’ e ‘Psicologia comportamental’. (tradução nossa)

abordagem, especialmente no ensino de idiomas estrangeiros. Lozanov utilizava técnicas de relaxamento oriundas da ioga, além de aplicações inusitadas das músicas barroca e clássica.

Lozanov acreditava que os seres humanos podiam usar apenas cinco por cento de sua capacidade mental e que essa capacidade poderia ser ativada através de atividade mental inconsciente. Sabe-se que tal tipo de atividade mental pode ser provocado com o poder da sugestão, que é o ato de incitar, estimular ou instigar. Existem pessoas com aptidão para determinados tipos de ação, mas não sabem que as detém, por isso é preciso que alguém as estimule. Outras, ao contrário, não têm nenhuma aptidão e se atrevem a fazer coisas que não devem. Geralmente são pessoas que não conhecem seus limites. Conforme Brown,

according to Lozanov, people are capable of learning much more than they give themselves credit for. Drawing on insights from Soviet Psychological research on extrasensory perception and from yoga, Lozanov created a method of learning that capitalized on relaxed states of mind for maximum retention of material. (2000, p.27)<sup>37</sup>

Larsen-Freeman (1986, p. 72-88) esclarece que a apresentação dos conteúdos é dividida em duas etapas. Na primeira, chamada de fase receptiva, o professor lê um diálogo no ritmo de uma música de fundo. Esse procedimento tem a finalidade de ativar os dois hemisférios cerebrais. Os alunos acompanham a leitura do professor e verificam a tradução. Posteriormente, o professor repete a leitura, e eles ouvem e relaxam. Em casa, eles releem o mesmo texto antes de dormir, a fim de fixar o conteúdo quando acordarem. A segunda fase, chamada de receptiva, visa à prática das novas estruturas. Nesse momento, os alunos organizam atividades de dramatização, jogos, música e exercícios de perguntas e respostas.

A Sugestologia de Lozanov foi muito criticada, principalmente porque o método se aplicava mais na memorização do que na aprendizagem. Muitos professores não encontravam salas de aula com música e cadeiras confortáveis. Lozanov foi reconhecido apenas como criador de um empreendimento de negócio, que visava ao lucro através de propagandas e promessas sem fundamentação completa em pesquisas.

A principal característica desse método era a apresentação do material didático à mente não consciente dos alunos, utilizando música e respiração rítmica, para induzir um estado de relaxamento favorável à absorção dos conhecimentos. Depois desse relaxamento, o material didático era apresentado de forma consciente aos alunos, de modo a despertar a

---

<sup>37</sup>De acordo com Lozanov, as pessoas são capazes de aprender muito mais do que se acredita. Baseando-se em insights de pesquisa psicológica soviética sobre a percepção extra-sensorial e yoga, Lozanov criou um método de aprendizagem que capitalizou estados de espírito relaxados para a retenção máxima de material (tradução nossa).

curiosidade e manter o interesse. A ativação do material era absorvida através das atividades que objetivam trazê-lo à consciência por meio de pôsteres nas paredes, com informações gramaticais, escuta e leitura de olhos fechados e outras atividades.

Como a Sugestologia, o método silencioso (*silent way*), criado nos anos 70, sustentava-se teoricamente mais nos argumentos cognitivos do que nos afetivos. A aquisição linguística é vista aqui como um processo em que as pessoas, através do raciocínio, descobrem e formulam regras, entendendo, assim, o sistema linguístico da língua aprendida. O fundador desse método foi Caleb Gattegno, baseado numa tendência dos anos 60 da “aprendizagem descoberta”. Ele acreditava, confiando na capacidade mental dos alunos, nas experiências de aprendizado (*background*) e nas habilidades comunicativas adquiridas, que o professor deveria empenhar-se para que os alunos fizessem suas próprias descobertas, estabelecessem seus critérios, obtivessem o funcionamento linguístico, adquirissem conhecimentos e, sobretudo, fossem autônomos como aprendizes e falantes da língua-alvo.

A principal característica desse método é que o professor fala muito pouco na sala de aula. Seu papel é visto aqui não apenas como transmissor do conhecimento, mas como um estimulador, que deve tirar as respostas dos alunos através de comandos verbais, utilizando objetos, fichas e quadro de palavras, todos coloridos. Eram utilizados também os *Cuisenaire rods*, conhecidos como “*varetas de Cuisenaire*”, que eram bastões curtos ou longos de vários tamanhos, feitos de plástico ou madeira, inventados por Georges Cuisenaire como um recurso para o ensino da matemática nas escolas primárias e que depois foram adotados por Gattegno para o ensino de línguas (DOWNMAN & SHEPHEARD, 2002, p.55). Em relação à utilização desses recursos no método silencioso, Brown explica:

In a language classroom, the Silent Way typically utilized as materials a set of Cuisenaire rods – small colored rod of varying lengths – and a series of colorful wall charts. The rods were used to introduce vocabulary (colors, numbers, adjectives [long, short, and so on]), verbs (give, take, pick up, drop), and syntax (tense, comparatives, pluralization, word order, and the like). The teacher provided single-word stimuli, or short phrases and sentences, once or twice, and then the students refined their understanding and pronunciation among themselves with minimal corrective feedback from the teacher. The charts introduced pronunciation models, grammatical paradigms, and the like. (2001, p. 29)<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup>Em uma aula de línguas, o Silent Way é normalmente utilizado como materiais de um conjunto de barras de Cuisenaire - pequena haste colorida de comprimentos diferentes - e uma série de quadros murais coloridos. As hastes foram usadas para introduzir vocabulário (cores, números, adjetivos [longas, curtas, e assim por diante]), verbos (dar, tomar, apanhar, cair) e sintaxe (tenso, comparativos, pluralização, a ordem das palavras, como quisier). O professor forneceu estímulos de uma só palavra ou frases curtas, uma ou duas vezes, e, em seguida, os alunos refinaram sua compreensão e pronúncia entre si com feedback corretivo mínima do professor. Os gráficos apresentam modelos de pronúncia, paradigmas gramaticais e semelhantes. (tradução nossa)

Esse método recebeu críticas por ser considerado muito difícil de ser aplicado, e o professor ficava muito distante para encorajar os alunos a participarem da atmosfera comunicativa. Os alunos eram mais orientados do que o método permitia, por não aprenderem no mesmo ritmo ou não deterem o mesmo conhecimento. Sua base eram o silêncio e os gestos do professor; os conteúdos eram apresentados de forma indutiva; as aulas eram baseadas no que os alunos aprendiam; os conteúdos eram apresentados com a utilização de objetos; os alunos iniciavam o seu aprendizado pelos sons da língua e deveriam colaborar, de forma mútua, com o processo de resolver os problemas da língua, inclusive fazerem autocorreção; era utilizado quadro de palavras; a avaliação era feita no final da aula, pelos alunos, e eram enfatizadas sua independência, sua autonomia e sua responsabilidade.

A Comunidade Linguística, ou *Community Language Learning (CLL)*, surgiu nos anos 70, desenvolvida por Charles A. Curran, professor de Psicologia da Universidade Loyola de Chicago, inspirado nas crenças e nas opiniões de Carl Rogers, que desenvolveu o ensino e a aprendizagem de idiomas partindo de três princípios: o cognitivo, o afetivo e o linguístico. O princípio afetivo serviu como elemento principal para Curran fundamentar seu método, sendo amplamente reconhecido como exemplo clássico de afetividade no ensino de línguas.

O CLL era baseado em técnica de aconselhamento psicológico, em que o aprendiz é visto não como um aluno, mas como um cliente. Os instrutores não são considerados como professores, mas pessoas treinadas com habilidades de aconselhamento, para cumprir o papel de conselheiros no aprendizado de línguas estrangeiras. Nesse método, os alunos não eram reconhecidos como uma classe, mas como um grupo (ou membros de uma comunidade) que necessita de terapia e aconselhamento para enfrentar seus medos, sua insegurança, sua ansiedade ou quaisquer coisas que pudessem ameaçar a aprendizagem. Por isso, os professores criavam um ambiente linguístico comunitário, que proporcionava companhia, afeto e amizade, a fim de facilitar e estimular o aprendizado da língua-alvo. Brown nos diz que

in order for any learning to take place, group members first needed to interact in an interpersonal relationship in which students and teacher joined together to facilitate learning in a context of valuing each individual in the group...The teacher's presence was not perceived as threat, nor was it the teacher's purpose to impose limits and boundaries, but rather, as a true

counselor, to center his or her attention on the clients (the students) and their needs. (2001, p.25) <sup>39</sup>

A principal desvantagem desse método era que o professor poderia ficar sem autonomia e direção na sala de aula, devido a estar sempre atendendo às necessidades dos alunos, principalmente nos primeiros estágios. Outro problema com o CLL era a total dependência da abordagem indutiva, sem se considerar a abordagem dedutiva, o que levantou dúvidas frequentes dos alunos, tornou a aprendizagem complicada e dependente e bloqueou a autonomia do aluno.

As principais características do CLL eram que os alunos deveriam ser vistos como pessoas “completas”, ou seja, apenas os sentimentos e as emoções não valiam, mas, principalmente, o modo como eles se relacionavam entre si. Os professores eram capacitados para aconselhar e observar a necessidade dos alunos, como se fossem “psicólogos”. Os alunos eram constantemente convidados a dizer como se sentiam, e o professor deveria ser capaz de compreender suas reações e conduzi-los a uma aprendizagem sempre melhor. As aulas eram gravadas e, posteriormente, a gravação era utilizada para explicar os conteúdos. Os professores não eram autoritários, ficavam na mesma posição dos alunos, e a cooperação e a não competição entre os alunos deviam ser incentivadas. Os alunos eram conscientizados a serem responsáveis pelo próprio aprendizado, a língua nativa era usada como apoio pelos alunos, que construíam frases em pedaços com blocos de palavras traduzidas pelo professor, e a abordagem indutiva era priorizada nas aulas.

O Dr. James J. Asher, professor americano de Psicologia, fundador do método Resposta Física Total, mais conhecido mundialmente como TPR (*Total Physical Response*), na verdade, começou experimentando TPR nos anos 60, quase uma década antes de ser amplamente divulgado como método e discutido nos círculos profissionais. Esse método recebeu esse nome porque, ao contrário de outros métodos que valorizam as habilidades da fala, enfatiza a compreensão auditiva. Essa atitude vem da observação da aprendizagem da língua materna pelas crianças, em que elas ouvem muito durante algum tempo e depois é que começam a iniciar as primeiras formas de comunicação oral. Em muitos pontos, esse método é semelhante ao sistema do Método Direto, a principal diferença é que, no início, a língua

---

<sup>39</sup>Para que a aprendizagem ocorra, os membros do grupo manter um relacionamento interpessoal no qual os alunos e professores se uniram para facilitar a aprendizagem num contexto de valorização de cada indivíduo no grupo. A presença do professor não foi percebida como ameaça, nem era seu propósito impor limites e fronteiras, mas ser um verdadeiro conselheiro e voltar sua atenção para os clientes (os alunos) e suas necessidades. (tradução nossa)

materna pode ser usada juntamente com a língua-alvo para facilitar o aprendizado. Sobre esse aspecto, Larsen-Freeman enuncia:

The idea of focusing on listening comprehension during early foreign language instructions comes from observing how children acquire their mother tongue. A baby spends many months listening to the people around it long before it ever says a word. The child has the time to make sense out of the sounds it hears. No one tells the baby that it must speak. The child chooses to speak when it is ready. (1986, p.109)<sup>40</sup>

Um dos principais motivos que fundamentava o TPR era reduzir a ansiedade e o estresse dos alunos que estudavam idiomas. Um dos critérios era que os alunos só podiam falar quando estivessem prontos. Forçá-los a falar antes gerava ansiedade e impedia a produção das habilidades de comunicação. O meio utilizado para resolver esse dilema foi abordar os conteúdos de forma humorada, com materiais ilustrados, atividades divertidas e engraçadas e a utilização de teatro cômico, provando que aprender uma língua estrangeira fica mais fácil quando ela é apresentada de forma divertida.

Como os outros métodos, o TPR tinha suas limitações. Ele parecia ser bastante eficiente para os alunos iniciantes, mas altamente desestimulante para os avançados. A leitura e a escrita não eram enfatizadas como deveriam, e os alunos ficavam aborrecidos com a mesma rotina em todas as aulas.

A aprendizagem da língua estrangeira através do TPR fluiu naturalmente, da mesma forma que os alunos aprenderam a língua nativa. Eles ouviam, pelas fitas-cassetes, palavras, frases e até histórias completas, acompanhando as ilustrações através de figuras e imagens; o movimento corporal era um grande recurso para facilitar o significado e tornar as aulas dinâmicas; o professor ditava comandos no imperativo, de forma humorada, para incentivar a prática comunicativa, e os alunos respondiam em silêncio aos seus comandos, obedecendo às ações, observando o professor e uns aos outros. Eles também ditavam comandos para o professor executar; o ritmo dos alunos era respeitado, e eles só podiam falar quando estivessem prontos; o teatro cômico era utilizado para evitar a ansiedade e a inibição dos alunos na hora de se comunicar; o professor não corrigia quaisquer erros dos alunos iniciantes durante a comunicação oral, salvo se o erro fosse grave, e a avaliação dos alunos consistia no desempenho das aulas e nas apresentações teatrais.

---

<sup>40</sup>A ideia de se concentrar em compreensão auditiva, durante as instruções iniciais de língua estrangeira, vem de observar como as crianças adquirem sua língua materna. Um bebê passa muitos meses ouvindo as pessoas ao redor dele muito antes de nunca dizer uma palavra. A criança tem o tempo para fazer sentido fora dos sons que ouve. Ninguém diz ao bebê o que ele deve falar. Ele escolhe fazê-lo quando está pronto. (tradução nossa)



O *Natural Approach* ou Abordagem Natural foi desenvolvido por Tracy D. Terrel, em 1977, baseado nas teorias de Stephen Krashen a respeito da aquisição de segunda língua. Essa abordagem surgiu com a experiência de Terrel como professor de espanhol na Califórnia, quando ele mesmo aplicou seu método de ensino nessa língua desde o nível elementar até o avançado. Esse método tem o objetivo de desenvolver as habilidades de comunicação, e o elemento mais importante na aquisição de uma língua é a tarefa inicial do professor em fornecer *input* compreensível (*comprehensible input*), isto é, a língua falada compreendida pelo aprendiz em silêncio.

Krashen e Terrel estabeleceram um fundamento teórico e prático para a Abordagem Natural. Em 1983, eles publicaram o “The Natural Approach” e identificaram a Abordagem Natural como a “abordagem tradicional” no ensino de idiomas, baseada em situações comunicativas sem a língua materna e sem qualquer referência dedutiva à gramática.

Segundo Krashen, a aquisição diz respeito ao processo inconsciente que envolve um desenvolvimento natural na proficiência de uma língua através da compreensão em uma situação com significado. Por outro lado, aprender é um processo em que as regras conscientes sobre o desenvolvimento da língua são desenvolvidas. O ensino formal é necessário para aprender a língua estrangeira, e a correção dos erros pelo professor ajuda no desenvolvimento das regras aprendidas. Richards & Rodgers consideram que

Stephen D. Krashen’s Monitor Model of second language development is an example of a learning theory on which a method (The Natural Approach) has been built. Monitor theory addresses both the process and the condition dimensions of learning. At the level of process, Krashen distinguishes between acquisition and learning. Acquisition refers to the natural assimilation of language rules through using language to communication. Learning refers to the formal study of language rules and is a conscious process. (2001, p. 22)<sup>41</sup>

A Abordagem Natural foi desenvolvida para ajudar os alunos iniciantes a se tornarem intermediários. Nesse método, os alunos ouvem muito o professor usando a língua-alvo desde o início do processo, a qual tem certas familiaridades com o Método Direto, com a exceção que os alunos podem usar a língua materna juntamente com a língua-alvo como parte do processo de aprendizagem. Nos estágios iniciais, os alunos não são corrigidos durante a

---

<sup>41</sup>O modelo monitor de desenvolvimento de segunda língua de Stephen D. Krashen é um exemplo de uma teoria de aprendizagem em que o método (a abordagem natural) foi construído. A teoria do monitor aborda tanto o processo e as dimensões da condição de aprendizagem. Ao nível do processo, Krashen faz a distinção entre aquisição e aprendizagem. A aquisição refere-se à assimilação natural de regras de linguagem através da utilização de linguagem de comunicação; a aprendizagem, ao estudo formal de regras de linguagem como um processo consciente. (tradução nossa)

produção oral. O professor focaliza o ensino mais no significado do que na forma. Nessa abordagem, o significado é considerado a essência, e o vocabulário (não a gramática), o âmago do idioma.

As teorias de Krashen receberam muitas críticas, particularmente sobre a orientação do período de silêncio do aluno, baseando-se na mesma forma do Total Physical Response de Asher, sobre o qual Krashen e Terrell afirmam que, se a competência estivesse formada através do input, a fala surgiria: “*comprehension precedes production, i.e., listening (or reading) comprehension precedes speaking (or writing) abilities*” (KRASHEN & TERRELL, 1983, p. 20).

Na Abordagem Natural, os objetivos e os conteúdos são baseados nas necessidades e nos interesses dos alunos; há uma preocupação constante em fazer com que o aluno fale a língua estrangeira o mais rápido possível; procuram-se criar ambientes favoráveis e relaxantes à aprendizagem e controla-se o ritmo das aulas e o conteúdo a ser ensinado; a língua materna é utilizada, caso seja necessário; a gramática não é enfatizada; o significado e o vocabulário são valorizados; utilizam-se técnicas semelhantes às do Método Direto e do Método Total Resposta Física; o *listening* é considerado a principal habilidade para o desenvolvimento do *speaking*, e as atividades são compostas de livros, cds, fitas-cassete, objetos, figuras, cartazes, mímicas e jogos.

A Abordagem Comunicativa ou *Communicative Approach*, conhecida também como *Communicative Language Teaching (CLT)* e *Functional Approach*, surgiu no final da década de 60, quando os linguistas britânicos fizeram um movimento em reação às teorias linguísticas do gerativismo americano de Noam Chomsky. A combinação do estruturalismo de Bloomfield, na Linguística, e do behaviorismo, na Psicologia educacional de Skinner, havia dado origem, nos anos 50, ao método audiolingual, baseados na prática da repetição mecânica e até hoje praticado por muitos cursos de línguas no Brasil. Somente a partir dos anos 80 foi que a abordagem comunicativa ganhou força total. A principal meta dessa abordagem é de permitir que os alunos sejam habilitados a se comunicar com eficiência. Considera-se que os aprendizes necessitam das regras de uso para se comunicar.

A abordagem comunicativa representou um grande avanço no ensino-aprendizado de línguas, por ser mais humano e se concentrar principalmente nos interesses do aprendiz. Inspirou os métodos mais eficazes atualmente. Entretanto, se esses métodos se limitarem aos *role-plays* mecanicamente em sala de aula serão menos eficazes. Se proporcionarem assimilação natural, através de interação humana, de situações reais e de comunicação em ambientes multiculturais, serão mais eficazes.

Suas principais características consistem no aprendizado de uma língua e sua forma comunicativa; prioriza o significado, e não, a estrutura ou a forma; tem uma visão holística, considerando os interesses, as necessidades e os sentimentos dos alunos; os pequenos grupos são criados para facilitar e otimizar a prática da comunicação; utiliza como técnica muita repetição (*drills e role plays*<sup>42</sup>), jogos e frases embaralhadas; não exclui a gramática, mas ela é colocada de lado; a língua-alvo é a principal utilizada, mas, se necessário, usa a língua materna, e o professor tem a principal função de criar ambientes criativos de comunicação.

Desde que Michael Lewis, em 1993, publicou o livro *“The Lexical Approach”* para o ensino de segunda língua, essa abordagem tem despertado muito interesse como uma alternativa para o ensino da gramática tradicional, ou seja, ensinada de forma dedutiva através das regras. A abordagem lexical recebeu forte influência do linguista David Wilkins, defensor do ensino do vocabulário, que afirmou que, sem a gramática, muito pouco pode ser transmitido, e sem o vocabulário, nada pode ser transmitido (THORNBURY, 2002, p. 13-14).

O *Lexical Approach* concentra o desenvolvimento das habilidades comunicativas, como o próprio nome diz, através do léxico, ou seja, com as palavras e suas combinações. Isso é baseado na ideia de que o mais importante para a aquisição de outra língua é ter a habilidade de compreender o significado e produzir comunicação, através das frases lexicais prontas. Essa série de frases prontas ou pré-fabricadas é chamada, em inglês, de *“chunks”*, com vocabulário integrado ou multipalavras. Harmer refere que

lexical phrases or ‘language chunks’ are like prefabricated building units. Apart from phrasal verbs, collocations, and compound words such as traffic light, walking stick, and workshop, language also chunks itself, according to Maggie Baigent, into ‘functional phrases’ (by the way, on the other hand, if you see what I mean), ‘idiomatic’ or ‘fixed expressions’ (a close shave, an only child, in love) and ‘verbal expressions’ (can’t afford to, not supposed to, don’t mind) (Baigent 1999:51). Michael Lewis demonstrates how a ‘lexical unit’, like I’ll give you a ring, I’ll drop you a line, I’ll see what I can do, I’ll see you later, etc. (2001, p. 21)<sup>43</sup>

<sup>42</sup>Encenação em que o idioma seria utilizado em uma situação real.

<sup>43</sup> Frases lexicais ou “pedaços de linguagem” são como unidades de construção pré-fabricadas. Além de phrasal verbs, colocações e palavras compostas, tais como semáforos, bengala e oficina de linguagem também são pedaços de si, de acordo com Maggie Baigent, em “frases funcionais” (a propósito, por outro lado, se você vir o que eu quero dizer), ‘idiomática’ ou ‘expressões fixas’ (um barbear mais rente, apenas uma criança, no amor) e “expressões verbais” (*eu não posso me dar ao luxo de, não deveria, eu não me importo*) (BAIGENT 1999. P.51). Michael Lewis demonstra como uma “unidade lexical”, como *eu vou te dar um anel, eu vou deixá-lo cair uma linha, eu vou ver o que posso fazer, eu vou vê-lo mais tarde* etc. (tradução nossa)

A principal metodologia de ensino no *Lexical Approach* é identificar, através de exercícios, os itens lexicais no texto, tais como comparar (*match*), completar lacunas (*gap-filling*), extrair colocações, reconhecer os sentidos diferentes (polissemia) e localizar os erros colocacionais (*miscollocations*). O ensino da gramática ocorre dentro do léxico, e não, o contrário. Em outras palavras, o léxico (as palavras) é o centro em criar significado. A ênfase aqui é na implicação lógica em que os professores devem investir mais tempo, ajudando os alunos a reconhecerem as formas das frases e passando menos tempo com as estruturas gramaticais.

Nos principais aspectos que norteiam o *Lexical Approach*, a aquisição do vocabulário é essencial para efetivar a comunicação; a habilidade priorizada é a fala (*speaking*), e a menos priorizada, a escrita (*writing*); o professor não corrige os erros dos alunos, pois os conteúdos são priorizados; tudo o que o aluno produz, mesmo de forma incorreta, é valorizado; a compreensão e a comunicação da língua-alvo dependem do conhecimento das frases prontas (*chunks*); a gramática inserida nos *chunks* deve ser percebida e identificada, e os alunos devem preencher com palavras os espaços em branco ou pôr na ordem corretas as frases embaralhadas.

A tabela abaixo classifica os métodos criados para o ensino da língua inglesa, durante a história, destacando suas peculiaridades. É possível refletir sobre qual deles é mais eficiente para ser utilizado em sala de aula que deve ser incorporado com o uso das TDIC a fim de o professor buscar a melhor forma de promover a aprendizagem.

**Quadro 1** – Visão geral sobre os métodos e abordagens empregados para o ensino de línguas.

<b>ABORDAGENS E MÉTODOS EMPREGADOS PARA O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA</b>						
<b>MÉTODOS/ABORDAGENS</b>	<b>CARACTERÍSTICAS</b>	<b>LÍNGUA MATERNA</b>	<b>PAPEL DO ALUNO</b>	<b>PAPEL DO PROFESSOR</b>	<b>MATERIAL UTILIZADO</b>	<b>METODOLOGIA</b>
<b>GRAMMAR-TRANSLATION</b>	Memorização de regras gramaticais e tradução visando à compreensão da leitura.	Usada	Passivo	Decide o que o aluno estuda e determina o ritmo das aulas.	Livros e dicionários	Tradução e leitura de textos
<b>DIRECT METHOD</b>	Habilidades orais com uso da gramática	Não usada	Pouco passivo	Ativo, porém pouco interage	Livros, fotos, gravuras e objetos	Repetições dos diálogos do professor
<b>AUDIOLINGUAL</b>	Habilidades orais e estudo da gramática de forma conjugada	Não usada	Passivo	Ativo e controlador	Livros, fitas cassetes, filmes e gravuras	Repetições dos diálogos do professor e das fitas cassetes
<b>SUGGESTOPEDIA</b>	Utiliza música e móveis confortáveis criando um ambiente relaxante para aumentar a autoestima do aluno.	Não usada	Ativo	Determina o andamento das aulas criando situações confortáveis	Textos, fitas cassetes e músicas	Interpretação de textos, diálogos, apresentações orais
<b>SILENT WAY</b>	Usa bastões para criar situações de aprendizagem e gráficos para ensinar a pronúncia.	Não usada	Ativo	Cria um ambiente descontraído atuando como observador e facilitador	Bastões coloridos, cartazes, livros, fitas cassetes e filmes	Usa o silêncio para favorecer a concentração dos alunos
<b>COMMUNITY LANGUAGE LEARNING</b>	Utiliza a psicologia empregando técnicas de terapia de grupo.	Não usada	Passivo	Ajuda os alunos a vencerem seus medos e alcançarem seus objetivos	A voz do professor e o uso de gravador	Gravação dos diálogos dos alunos seja em pares ou em grupo
<b>TOTAL PHYSICAL RESPONSE</b>	Realiza atividades dinâmicas e divertidas através de comandos	Não usada	Ativo	Decide por conta própria o que vai ensinar.	A voz do professor, objetos e fotos	Atividades de comando, interpretação de papéis e apresentação oral
<b>NATURAL APPROACH</b>	Objetiva as necessidades dos alunos, enfatizando as habilidades orais.	Usada às vezes	Pouco passivo	Cria ambiente favorável à aprendizagem controlando o ritmo e os conteúdos.	Livros, fotos, gravuras, jornais, revistas, CDs e jogos	Atividades que incluem leitura, tradução e conversação
<b>COMMUNICATIVE APPROACH</b>	Habilidades orais centradas no aluno	Usada às vezes.	Ativo	Ativo e dinâmico. Facilita o processo comunicativo	Livros, imagens, objetos, CDs, filmes e computador	Prática de conversação e repetições para corrigir a pronúncia
<b>LEXICAL APPROACH</b>	Valoriza o vocabulário e suas combinações (chunks).	Usada às vezes	Passivo	Centralizador e atuante	Livros, revistas, jornais e CDs	Exercícios de reconhecimento dos itens lexicais

Fonte: Richards e Rodgers, 2001

#### 4 O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA COM O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

O contexto tecnológico que permeia a sociedade atual tem provocado significativas transformações no cotidiano das pessoas, principalmente sobre o modo de ensinar e de aprender. Os benefícios das tecnologias digitais para a educação implicam mudanças inexoráveis em novas práticas da construção do conhecimento.

O papel da língua inglesa, nesse contexto, como a *língua franca* de comunicação global do mundo dos negócios, tornou imprescindível a aprendizagem desse idioma. De acordo com Kadri (2010), esses fatos trazem à tona diversas questões, como estas: Como ensinar a língua inglesa com as tecnologias da informação e comunicação? Quais os desafios com que os professores e os alunos lidarão diante de tantas transformações e opções didáticas? Como acompanhar e selecionar conteúdos que supram as necessidades dos discentes? Como tornar as aulas mais criativas, interativas e dinâmicas com o uso das tecnologias? Como as tecnologias podem tornar a aprendizagem da língua inglesa mais significativa?

A forma tradicional de ensino linear que sempre perdurou na educação, em que o professor assume o papel de dominador, detentor único do conhecimento e figura central na sala de aula, e o aluno é apenas receptor, ouvinte e agente passivo de sua aprendizagem, aos poucos, está sendo modificada para a prática colaborativa por causa das necessidades influenciadas que as tecnologias trouxeram para o convívio social da modernidade.

O conceito de ensino híbrido ou *blended learning*<sup>44</sup> nas práticas pedagógicas representa as distintas situações do ensino presencial e a distância. Segundo Tori (2010), o modelo de ensino presencial fordista, baseado em padrões pouco flexíveis e na produção em série, ainda hoje influencia o sistema educacional. O ensino moderno a distância, com os recursos tecnológicos da informação e comunicação, criou ambientes virtuais que, de forma eficiente, democratizou e universalizou a educação.

O ambiente digital, que se caracteriza em aprender fora da sala de aula presencial, pode se configurar de forma bastante significativa, como um espaço diferenciado de aprendizagem interativa e motivadora, porque pode provocar expectativas e situações reais da língua alvo, desde que seja construído com um *layout* bem planejado que possa desencadear o interesse dos alunos.

---

<sup>44</sup> É o termo usado para “o fenômeno da convergência entre virtual e presencial na educação.” (TORI, 2010. p. 29)

Para que todos os alunos possam ser assistidos, em relação às suas necessidades de aprendizagem, com o foco na comunicação na língua-alvo, e o professor possa usar plenamente as tecnologias, é necessário que estratégias inteligentes sejam criadas e utilizadas de forma que não crie ambientes extremos e paralelos de aprendizagem, visto que cada aluno tem formas diferentes de aprender. Portanto, sempre vai haver alunos conservadores e modernos na mesma sala de aula.

Os conteúdos fomentados pelas tecnologias para o processo de comunicação não usurpam a forma tradicional de ensinar, pelo contrário, elas se tornaram aliadas para facilitar e promover a qualidade do ensino e da aprendizagem.

#### 4.1 A IMPORTÂNCIA DAS TIC NAS AULAS DE INGLÊS

Durante muito tempo, o modo de aprender idiomas, nesse caso, a língua inglesa, configurou-se apenas nas metodologias decorativas de repetições apartadas do contexto real em que a língua deve ser usada. Houve, então, a necessidade de remodelar os currículos para que apreendessem as percepções, as necessidades e os anseios da sociedade contemporânea para sincronizar o descompasso que as metodologias tradicionais de ensino de línguas acarretaram à aprendizagem.

Esse novo cenário de ensino e de aprendizagem de idiomas, fundamentados nas tecnologias, vem quebrando os paradigmas estruturais do ensino tradicional e criando novas formas de aprendizagem para os alunos da geração internet já que, atualmente, os recursos *online* possibilitam, com seus inúmeros recursos e ferramentas, um ambiente de aprendizagem mais instigante, motivador e colaborativo. Partindo desses pressupostos, foi que surgiu a ideia de implementar o uso das tecnologias digitais no laboratório de informática da escola, com a utilização de DVD player, projetor, caixa amplificadora, computador e internet, de forma habitual, em todas as aulas de inglês.

#### 4.2 A CRENÇA DOS PROFESSORES E ALUNOS NOS USOS DAS TIC

As tecnologias da informação e comunicação, particularmente focadas no computador e na internet foram inspiradas através do rápido avanço tecnológico dos anos 80. O surgimento da informática, caracterizadas pelo processo da globalização, provocou mudanças significativas na forma de pensar e de agir dos seres humanos e, conseqüentemente,

influenciou, de forma expressiva, a forma de interação no cotidiano da nossa sociedade moderna. Sobre isso, Lemos (2010) explica:

A socialidade contemporânea vai aproveitar o potencial comunitário, associativo, ou simplesmente agregador dessa nova tecnologia. Se os radicais que criaram os microcomputadores na década de 70 propunham a informática para todos, os internautas da década de 90 propõe a conexão generalizada. A microinformática, berço da cibercultura, surge na sinergia da qual falávamos entre a socialidade e as tecnologias digitais. (2010, p.109).

Vivemos em um mundo onde as pessoas, na busca interminável pelo conhecimento, conseguem adquirir e propagar informações, descobertas, notícias e acontecimentos e a capacidade extraordinária de interagir em tempo real com outras pessoas em qualquer lugar do mundo. A revolução tecnológica não só influenciou o mundo dos negócios e os setores da economia mundial, como também gerou um grande impacto no setor educacional de todo o planeta, seja no ensino presencial ou a distância, tornando-se indispensável atualmente no ensino e na aprendizagem de línguas estrangeiras, pelo fato de proporcionar inúmeras vantagens para professores e alunos, em detrimento do ensino tradicional linear através de técnicas de memorização e repetição.

Com os avanços tecnológicos ocorridos nos últimos anos, a educação não poderia ignorar e precisou se adequar às mudanças do Século XXI. Atualmente, é desafiador para as escolas usarem as tecnologias dentro e fora da sala de aula. O foco preponderante, nesse contexto, não está apenas nas tecnologias, mas também no processo pedagógico, criando possibilidades de promover a produção do conhecimento.

Aprofundando a discussão acerca das funcionalidades do uso nas tecnologias no ensino da língua inglesa, buscamos analisar e apresentar, de modo imparcial, sua utilização, que pode contribuir com o processo de ensino e aprendizagem ou tolhê-lo. Devemos entender que as tecnologias, com destaque para o computador e a internet, devem ser consideradas ferramentas mediadoras que irão ou não favorecer o processo de ensino e aprendizagem, dependendo da forma como o educador do Século XXI desenvolva as estratégias com as informações propagadas pelas TIC para atuar no desenvolvimento do conhecimento dos educandos.

As tecnologias apresentam inúmeras vantagens para o ensino de línguas. Nesse caso, trataremos, especificamente, da aprendizagem da língua inglesa. Lai & Kristsonis (2006) assevera que o uso do computador e da internet, associado ao ensino de línguas, desenvolve a



motivação e a autonomia, devido à quantidade de recursos audiovisuais, de hipertextos e de materiais autênticos para a aprendizagem que suprem as necessidades individuais dos alunos. Esses inúmeros recursos podem promover aprendizagem experimental com situações reais do idioma, através de softwares, blogs, *wikis*, *podcasts*, vídeos, jogos *online* e até mesmo as redes sociais, em que o aluno pode interagir tanto com o professor quanto com outros alunos e até mesmo com nativos, vivenciando uma verdadeira imersão na língua-alvo e desenvolvendo todas as habilidades comunicativas do idioma.

Outra vantagem importante é a capacidade que as tecnologias têm de desenvolver a autonomia dos alunos, seja de forma presencial ou a distância, promovendo a interatividade com os alunos, por meio dos inúmeros recursos online, em qualquer hora do dia e local onde o aluno estiver conectado. Esse processo ocorre quando o professor promove um relacionamento de mediação, motivação, segurança e reconhecimento da potencialidade para o aluno gerenciar o próprio aprendizado e elevar a autoestima. Atualmente, com o desenvolvimento das tecnologias com a internet, por meio das plataformas de aprendizagem e de softwares, o professor pode acompanhar, assessorar e avaliar o desempenho dos alunos dentro e fora da sala de aula.

Nesse contexto, o sentido de autonomia na aprendizagem compreende a capacidade que o aluno detém de buscar sozinho o conhecimento necessário para obter as respostas das atividades propostas sem a dependência total do professor, a fim de que possa gerir seus estudos com desenvolvimento absoluto. Martins (2002) referiu-se ao sentido de autonomia na aprendizagem relatando o seguinte:

Vem do grego e significa *autogoverno*, *governar-se a si próprio*. Nesse sentido, uma escola autônoma é aquela que governa a si própria. No âmbito da educação, o debate moderno em torno do tema remonta ao processo dialógico de ensinar contido na filosofia grega, que preconizava a capacidade do educando de buscar resposta às suas próprias perguntas, exercitando, portanto, sua formação autônoma. Ao longo dos séculos, a ideia de uma educação antiautoritária vai, gradativamente, construindo na noção de autonomia dos alunos e da escola, muitas vezes compreendida como autogoverno, autodeterminação, autoformação, autogestão e constituindo uma forte tendência na área. (2002, p.224)

Segundo relatos vários colegas de profissão em páginas de grupos no *Facebook* relacionados sobre a educação e seus profissionais, a infraestrutura de muitas escolas está em situação deplorável e não favorece como deveria as condições necessárias para esse fim. Muitos afirmam que, onde trabalham muitos laboratórios de informática não funcionam a contento, e as razões para essa inércia devem-se, principalmente, à ausência de professores capacitados para gerir os equipamentos e os sistemas voltados para o ensino presencial ou a

distância, à falta de funcionários para cuidar da manutenção e da configuração dos computadores, às dificuldades burocráticas para a assistência técnica, aos problemas técnicos de impressora, à ausência ou baixa velocidade da conexão com a Internet e, principalmente, à falta de vontade da equipe pedagógica de usar os equipamentos. Gips (2004) afirma que as tecnologias custam caro, e muitas escolas públicas tornam-se desiguais e injustas por não poderem oferecer o mesmo nível de qualidade de ensino para que seus alunos possam competir com os de escolas privadas para o mercado de trabalho.

Segundo Oliveira (2007), muitos professores do ensino básico ao universitário ainda resistem a utilizar as tecnologias em suas aulas, principalmente por causa do aumento de trabalho e de uma criterização mais rígida no planejamento das aulas sem influenciar no aumento da remuneração. Outros motivos que os professores justificam o não uso das tecnologias é que os equipamentos estão obsoletos e apresentam defeitos com frequência, incompatibilidade com os sistemas operacionais, hardwares ou falta de conexão com a internet. Enfim, se não houver um interesse em se fazer algo diferente, esses aspectos negativos sempre serão empecilhos para a formação plena dos alunos diante dos desafios da moderna geração tecnológica.

Há que se ressaltar que, quando usadas em prol da educação como ferramentas e apoio didático para os professores e os alunos, as tecnologias revertem na melhor qualidade de ensino e efetivação da aprendizagem. Sobre isso, Moran reitera:

Ensinar com a Internet será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas do ensino. Caso contrário servirá somente como um verniz, um paliativo ou uma jogada de marketing para dizer que o nosso ensino é moderno e cobrar preços mais caros nas já salgadas mensalidades. (MORAN, 2008. p.8).

As novas tecnologias e a internet devem atuar como suporte, ser usadas com precaução, e nunca, para fins de entretenimento quando os alunos estiverem ociosos na sala de aula. “Tecnologia é um conjunto de discursos, práticas, valores e efeitos sociais ligados a uma técnica particular num campo particular” (BELLONI, 1999. p.53). Caberá ao professor capacitado planejar suas aulas e saber como utilizá-las em benefícios da aprendizagem dos alunos.

Enfim, as tecnologias podem proporcionar melhorias significativas ao ensino da língua inglesa, além de motivar, desenvolver as habilidades linguísticas e as potencialidades de autonomia, colaboração e confiança para o uso da língua-alvo, melhorar o aproveitamento escolar e, conseqüentemente, a formação do aprendiz.

### 4.3 APRENDENDO IDIOMAS EM AMBIENTES VIRTUAIS

A utilização das mídias digitais nos virtuais (digitais) de aprendizagem surgiu como um novo paradigma nas formas convencionais e presenciais de ensinar e de aprender. Com o uso dessas tecnologias da informação e comunicação, o professor pode apropriar-se dessas ferramentas a fim de potencializar as habilidades comunicativas e favorecer o desenvolvimento da fluência na língua inglesa.

Os ambientes virtuais de aprendizagem ou, mais popularmente chamados de (AVA), são definidos como

sistemas computacionais disponíveis na internet, destinados ao suporte de atividades mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação. Permitem integrar múltiplas mídias, linguagens e recursos, apresentar informações de maneira organizada, desenvolver interações entre pessoas e objetos de conhecimento, elaborar e socializar produções tendo em vista atingir determinados objetivos. (ALMEIDA, 2003)

Apesar de as plataformas de ensino a distância, conhecidas como LMS<sup>45</sup> ou plataformas de e-learning<sup>46</sup> desenvolvidas com o suporte na internet promoverem a interação e conseguirem amenizar consideravelmente os efeitos da distância na aprendizagem, elas não conseguiram substituir completamente a assistência humanizada do professor. Uma das plataformas de ensino mais conhecida e utilizada é a plataforma MOODLE<sup>47</sup>, que oferece gratuitamente inúmeras funcionalidades para o gerenciamento de cursos totalmente *online* ou complementar a um curso presencial.

Nesse contexto, surge a dúvida sobre a diferença entre plataforma virtual de aprendizagem e o ambiente virtual de aprendizagem. Bittencourt (2006) explica que o termo “plataforma” é muito usual na informática para se referir ao sistema computacional em que o AVA está sendo executado, enquanto o AVA é projetado e oferecido por determinada plataforma. O conjunto de ferramentas (*chat*, e-mail, portfólio, fórum, *podcasts*, hipertextos, vídeos, imagens, *wikis*, blogs, entre outros) que integram as inúmeras possibilidades de integração entre professores e alunos no processo educativo. O autor salienta que nem todo AVA depende, como na maioria dos casos, de uma plataforma específica ou *software* para funcionar, ou seja, um AVA pode surgir de várias elementos simples e ter diferentes

<sup>45</sup> *Learning Management system* em inglês.

<sup>46</sup> Vem do termo em inglês *electronic learning* ou aprendizagem eletrônica, um formato de educação a distância com suporte na internet.

<sup>47</sup> *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*. ([www.moodle.org](http://www.moodle.org))

estruturas e *layouts* no gerenciamento das informações, mas, de modo geral, eles só podem ser considerados um ambiente digital de aprendizagem quando oferecem todo o suporte e apoio necessários para promover a interação e o *feedback* com os alunos.

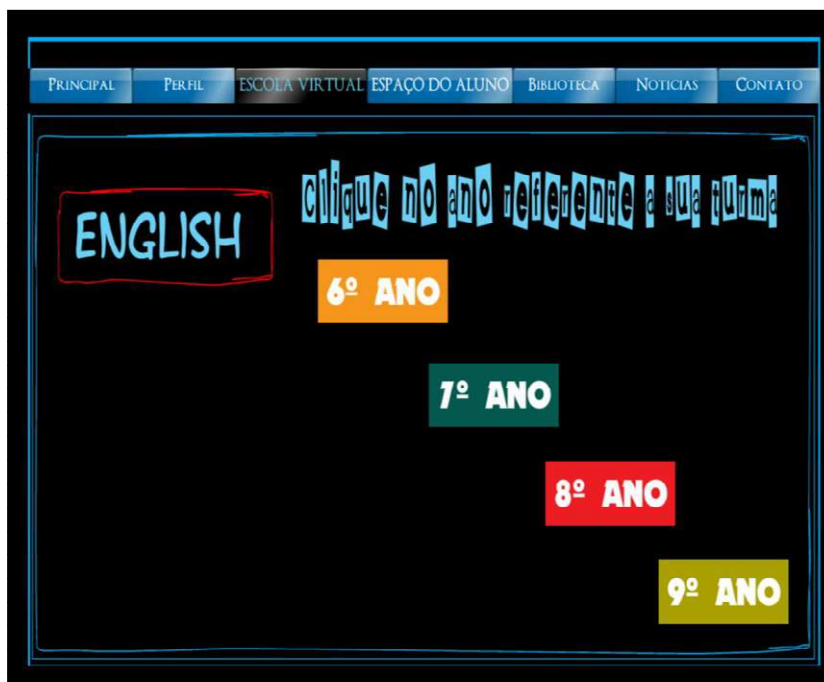
Esse conjunto de tecnologias em AVA usado como ferramentas associadas à proposta de ensino da língua inglesa, dentro e fora da sala de aula, contribui sobremaneira para melhorar o rendimento, quando acompanhada de uma metodologia instigante e, ao mesmo tempo, prazerosa, visando estimular a colaboração, a integração e a interação dos alunos. Segundo Moita (2006), a construção do conhecimento deve ser associada aos interesses dos alunos:

Os jovens aprendem não só com o que lhes é diretamente ensinado, mas desenvolvem padrões de participação nas práticas desenvolvidas em cada comunidade (...), o que inclui as práticas discursivas, o saber fazer e a utilização de diferentes recursos. Os conhecimentos encontram-se, por isso, associados ao contexto que lhes dão sentido. (MOITA, 2006)

Na aprendizagem colaborativa com a intermediação da internet, o aluno passa a ser o “protagonista” da própria aprendizagem e deixa de ser apenas receptor dos conhecimentos do professor. Os alunos são estimulados a fomentar o conhecimento adquirido através da interação na emissão e na recepção das mensagens, desenvolvendo as habilidades comunicativas da língua inglesa. Esse *feedback* ativo de aluno para aluno, bem como de professor para aluno utilizando-se a plataforma *online* instiga-os a compartilharem o saber e a desenvolver o pensamento crítico, o que resulta em resultados muito melhores na aprendizagem do que na forma de ensino tradicional.

Isso não se aplica à substituição completa de tecnologias antigas por novas ou tornar o ensino totalmente “high-tech”. Mas, com uma abordagem integrada, essa tecnologia será um recurso essencial para o processo educativo e um objeto de transformação no fazer pedagógico. Não faz sentido venerar ou expurgar o uso das novas tecnologias, mas dependerá do professor do Século XXI elaborar meios estratégicos para selecionar as informações que sejam relevantes para que os alunos construam seus conhecimentos. Baseado nessa realidade, foi desenvolvido, no ano letivo de 2013, na escola pesquisada, um projeto para o ensino em inglês chamado de “Inglês na net” ([www.inglesnanet.weebly.com](http://www.inglesnanet.weebly.com)) como um ambiente virtual de aprendizagem. Trata-se de uma ferramenta de aprendizagem complementar para ser usada dentro e fora da sala de aula de forma fácil e totalmente intuitiva.

**Figura 5** – Tela da primeira versão do AVA “Inglês na Net”

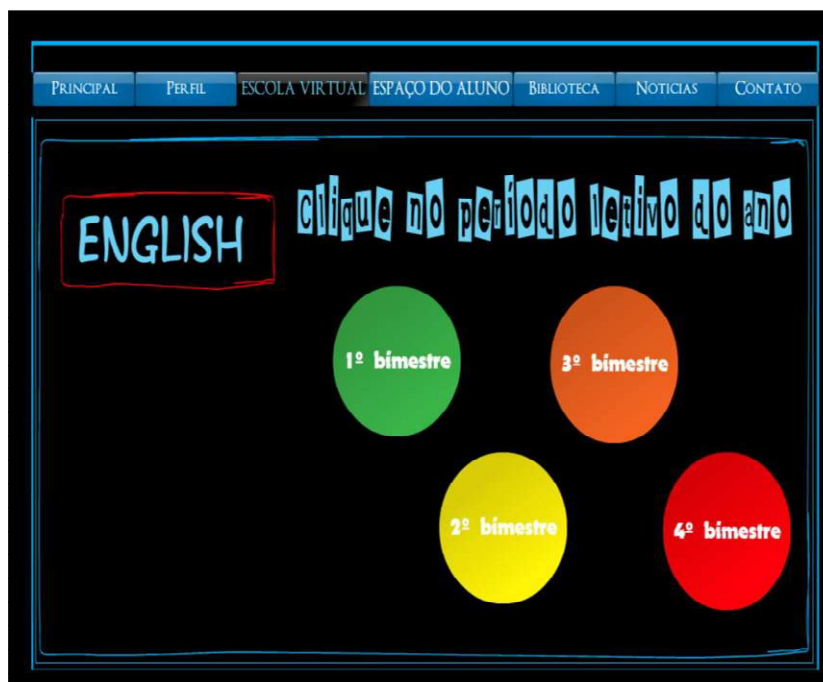


A concepção original do AVA como ferramenta pedagógica teve a ideia de um curso *online* interativo, totalmente sem custo e de fácil navegação para os alunos com a duração ao ano letivo correspondente. O intuito primordial do projeto foi de atrair a atenção do aluno e mediar um fluxo interativo com os conteúdos e o suporte do professor. O currículo e o planejamento foram organizados para cada série específica e para cada bimestre. Porém todo o seu *corpus* é focado nas quatro habilidades comunicativas e interligado com os conteúdos de outros sites através de hyperlinks<sup>48</sup>.

A versão atualizada deste ambiente virtual apresenta em sua página inicial a possibilidade de visualizar um manual para facilitar a utilização de todos os recursos no site. Um manual da nova versão do website foi elaborado em duas versões online, uma disponível em PDF para download no link: <http://migre.me/p27hf> e a outra em forma de revista digital online pelo Youblisher podendo ser visualizado no link: <http://migre.me/p2iP9>.

<sup>48</sup>Nesse caso, são links que permitem a navegação em outros sites agregados de outras mídias (som, imagem, escrita, etc.). GOMES (2010)

**Figura 6** – Tela do ambiente virtual divididos por bimestre



Um ambiente virtual empregado a fim de usufruir de todas as suas funcionalidades só trará os benefícios desejados como um instrumento linguístico se for utilizado com planejamento pedagógico estratégico voltado para o pleno envolvimento dos aprendizes. Não basta o professor utilizar as tecnologias por si só, mas criar um real e envolvente ambiente de aprendizagem para atingir a autonomia do desenvolvimento de diferentes aspectos linguísticos.

#### 4.4 ENSINANDO A LÍNGUA INGLESA COM AS TDIC NA ESCOLA PÚBLICA: RECOMPENSAS E DESAFIOS

A escola tem a função de instruir e formar cidadãos críticos que sejam ativos e atuantes na sociedade. Mas, para que isso aconteça, as instituições de ensino precisam estar preparadas e embasadas pedagogicamente para acompanhar as céleres mudanças que ocorrem em sua volta. Para isso, os professores precisam estar em afinidade com os conteúdos e informações que sejam pertinentes ao desenvolvimento intelectual de seus aprendizes digitais empregando uma metodologia de ensino inovadora e moderna para motivá-los a ser participativos.

Segundo Palfrey & Gasser (2011), na era da moderna sociedade virtual, os pais e os professores precisam estar “atenados” com a geração de “nativos digitais”, que surgiu a partir de 1980 e, com suas congêntas habilidades com as tecnologias e a internet, busca

descobrir e revelar sua identidade em seus espaços conectados por diversas mídias. Esses indivíduos, inerentes do Século XXI, detêm potencial para o dinamismo, a criatividade, o raciocínio múltiplo e simultâneo e facilidade de se entediar facilmente se algo com que eles lidam não seja fascinante e significativo. Os autores reiteram que a escola precisa estar adaptada atualizada com as novas tecnologias para lidar com esse público, em detrimento da perda do interesse de seu público e da ineficiência de seu papel na sociedade:

Os professores se preocupam com o fato de eles próprios estarem em descompasso com seus alunos Nativos Digitais, que as habilidades que eles têm ensinado no passado estejam se tornando perdidas ou obsoletas e que a pedagogia do nosso sistema educacional não consiga se manter atualizada com as mudanças no panorama digital. (PALFREY & GASSER, 2011, p. 18)

Os cursos de Letras, que deveriam preparar o profissional de ensino de línguas estrangeiras, também contribuem para que os professores de inglês não empreguem as TICS. Muitos docentes do ensino superior também desconsideram a apropriação dos recursos tecnológicos em suas aulas. Esse aspecto acaba influenciando a formação e a qualidade dos serviços dos futuros professores. Baseado nesse aspecto, o Ministério da Educação, através do Parecer CNES / CES nº 492/2001, sugere que as TDIC sejam incorporadas aos projetos pedagógicos e curriculares do Curso de Letras, considerando que o profissional de ensino “deve ser capaz de refletir teoricamente sobre a linguagem, de fazer uso de novas tecnologias e de compreender sua formação profissional como processo contínuo, autônomo e permanente”.

O ensino é um processo contínuo, por esse motivo a escola e o professor devem estar sempre em constante processo de atualização. Essa postura é totalmente relevante para que as mudanças que ocorrem na sociedade dirijam novos olhares para os processos metodológicos e permitam mais agilidade na comunicação e novos caminhos para o processo de ensino e aprendizagem. Tardif (2010) caracteriza o professor ideal como

alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos. (2010, p.39)

Um dos principais desafios encontrados atualmente pelos profissionais da educação é a implementação das TDIC como mediadoras da aprendizagem no ambiente escolar, especificamente no ensino de língua inglesa, devido ao fato de os alunos sempre estarem em

contato com as tecnologias midiáticas fora da escola, cujo avanço descomunal faz surgirem novos recursos, programas e aplicativos, o que resulta em novos modismos nessa imensa “rede” tecnológica que acaba sendo utilizada primeiramente pelos alunos. A maioria dos professores não acompanha esse mesmo ritmo, e isso reflete para os alunos a imagem de uma pessoa descontextualizada e convencional.



## 5 METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesta seção, descrevemos como a metodologia, os métodos e os instrumentos de pesquisa foram aplicados para a coleta dos dados e os registros das informações que fundamentaram este estudo.

### 5.1 NATUREZA DA PESQUISA

Trata-se de um estudo de caso, de caráter descritivo e exploratório adicionado de coleta de dados. De modo geral, esta pesquisa procede no enfoque qualitativo para embasar o trabalho e alcançar o propósito desejado. Adotamos a forma do estudo exploratório de natureza qualitativa, cujo objetivo, segundo Charoux (2006, p. 38),

É de conhecer o significado que se refere ao objeto estudado, pontos de vista, processos, percepções, abstrações, enfim, a perspectiva dos participantes da situação estudada. Com mais frequência essa finalidade aplica-se às pesquisas exploratórias (de diagnóstico) ou descritivas (CHAROUX, 2006, p. 38).

Em conformidade com a visão da autora, a pesquisa qualitativa é praticável para a realização deste estudo, porque procura explorar e descrever as atuações e os comportamentos das pessoas sobre o problema pesquisado.

A pesquisa teve como *start*<sup>49</sup> procurar investigar os aspectos intrínsecos do corpo discente, através de um questionário *survey*<sup>50</sup> estruturado com múltiplas respostas para diagnosticar os dilemas, os anseios, as frustrações e as dúvidas relacionadas à falta de envolvimento dos alunos na aprendizagem do idioma inglês. Com a coleta de dados, pretendemos detectar e analisar os impasses existentes na escola pública pesquisada a fim de buscar soluções durante a realização do processo de ensino digital da língua inglesa.

Segundo Charoux (2006, p. 45), os questionários são “instrumentos adequados para a obtenção de dados primários para a pesquisa qualitativa, tendo como vantagem o baixo custo e o alcance de um grande número de informações”. Esse questionário permitirá com essas informações a análise exploratória e descritiva para a fundamentação e realização desta pesquisa.

---

<sup>49</sup>Início em inglês

<sup>50</sup>A pesquisa *survey* similar ao censo foi desenvolvida e largamente utilizada pelos centros de pesquisas norte-americanos. Consiste de métodos de amostragem, da construção dos instrumentos de pesquisa (questionário) e das técnicas de coleta de dados. Fonte: <http://www.gestrado.org/?pg=dicionario-verbetes&id=203>. Acesso em: 22/07/2014.

A Escola Municipal Professora Elita Barbosa da Fonseca é uma instituição da rede pública municipal, localizada na Rua 13 de outubro, s/nº, na cidade de Tangará/RN. A escola funciona nos três turnos e oferece ensino para os ciclos do Ensino Fundamental e EJA aos alunos da zona urbana e rural. Apesar de constar no endereço como situada no centro do município, situa-se em uma região periférica do município e lida com vários problemas sociais, principalmente de pobreza e de violência, que refletem diretamente nos péssimos índices no IDEB.

Os alunos selecionados para esta pesquisa são de ambos os sexos e com variadas faixas etárias, das turmas do 6º ao 9º anos, nos turnos matutino e vespertino do Ensino Fundamental II da Escola Elita Barbosa da Fonseca na cidade de Tangará/RN. Os dados foram coletados através de um questionário, no início do ano letivo de 2013, com a participação voluntária de 201 alunos- 77 do turno matutino e 124 do turno vespertino. As informações coletadas abordaram desde os aspectos sociais, como idade, sexo, renda familiar, etc., até os aspectos cognitivos de aprendizagem, a importância de aprender inglês, motivação para os estudos, habilidade e convivência com as novas tecnologias e a frequência na utilização da internet.

Esses dados, obtidos através do questionário, serviram inicialmente com a pretensão de compreender a realidade da escola sob a percepção dos próprios alunos. Acreditamos que as mudanças que designam a melhoria da qualidade do ensino devem partir, principalmente, do educador que, com sua reflexão e empatia, poderá sempre estar no lugar do aluno com o objetivo de atender às suas necessidades.

Partindo dessa amostragem quantitativa realizada com os alunos, foi iniciada uma reformulação desafiadora na prática de ensino, pois foi preciso quebrar paradigmas fora da escola com a Secretaria Municipal de educação do município para apresentar o projeto inovador de ensino e obter o apoio necessário e da direção da escola para utilizar o laboratório de informática. Várias reuniões também foram realizadas com colegas professores, pais e os alunos, pois a maioria não estava familiarizada com a forma de ensino diferente da prática tradicional. Para promover um ensino inovador, focado no uso autônomo das tecnologias dentro ou fora da sala de aula para os alunos, foi necessário convencer toda a comunidade escolar mostrando que as mudanças pretendidas iriam modificar a forma de estudo com a qual estavam acostumados.

Depois de coletar e averiguar as evidências empíricas foi possível diligenciar, a *posteriori*, a implantação desafiadora das TDIC nas aulas de língua inglesa e chegar a uma conclusão sobre suas funcionalidades para alcançar os resultados desejados.

## 5.2 REALIDADE DA ESCOLA PESQUISADA

A pesquisa aborda a realidade do ensino de língua inglesa em uma escola da Rede Municipal de Ensino na cidade de Tangará/RN - a Escola Municipal Professora Elita Barbosa da Fonseca, fundada em 05/10/1989, com mais de mil alunos do Ensino Fundamental I e II, e cujo corpo docente conta com 41 professores. Dos três professores de LI, só um é habilitado em Letras/Inglês.

**Figura 7** – Fachada da Escola pesquisada



**Fonte:** Foto tirada pelo próprio autor em 22/04/2013

A escola localiza-se em um bairro periférico da cidade próxima ao Bairro Nossa Senhora de Fátima, conhecido popularmente como o “Bubu”. Trata-se de um bairro que apresenta um histórico de violência, de insegurança, de extrema pobreza, com famílias desestruturadas. Conseqüentemente, as crianças e os adolescentes dessa localidade que frequentam a escola estão em situação de risco.

Quanto à estrutura, a escola tem 14 salas de aula convencionais, uma sala de recursos multifuncionais para educação especial, uma biblioteca, um auditório, uma quadra poliesportiva coberta e um laboratório de informática, onde se fomentou a observação desta pesquisa.

As salas de aula convencionais têm estrutura simples e são equipadas apenas com quadros de giz. Em algumas delas, há quadro branco, poucos ventiladores para lidar com o clima quente da região; as carteiras são antigas, algumas quebradas e não oferecem qualquer

conforto para os estudantes. Muitas portas, janelas, lâmpadas e ventiladores foram danificados pelos próprios alunos. A rede elétrica apresenta problemas de oscilação, algumas tomadas não funcionam, e muitos aparelhos elétricos já foram avariados. Em muitas salas, sequer existe mesa para o professor poder desempenhar suas obrigações, portanto, resta “procurar” alguma carteira remanescente na sala de aula ou na escola para sentar e fazer o registro de frequência, por exemplo. A escola dispõe de inúmeros recursos digitais. Alguns ficam armazenados dentro da sala da diretoria, e outros, no laboratório de informática. A maioria dos professores ainda recorre somente ao livro didático para todas as disciplinas, como recurso norteador de suas aulas, sem se apropriar do uso das TDIC.

O laboratório de informática é equipado (Fig. 7,8 e 9) com diversos aparatos tecnológicos, a saber: 20 computadores conectados à internet, 20 cadeiras estofadas, notebook, projetor, impressora, caixa amplificadora, TV, DVD, CD player, bebedouro geláguas e ar condicionado. Os únicos problemas enfrentados durante a pesquisa foram as constantes oscilações da rede elétrica, restrição de uso para outras finalidades (reuniões, eventos, palestras, etc.), três computadores que não estavam funcionando e a lenta velocidade da internet.

**Figura 8** – Equipamentos no laboratório de informática



**Figura 9** – Alunos assistindo aula no laboratório de informática



**Figura 10** – Aula ministrada no laboratório de informática



### 5.3 PERFIL DOS SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

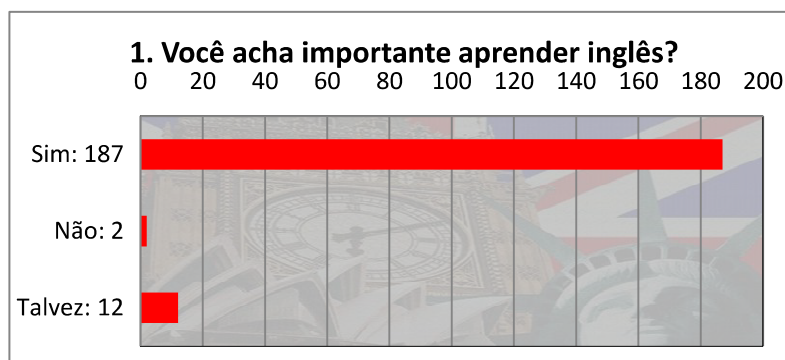
Os 201 sujeitos respondentes da pesquisa são alunos do turno matutino: 77 (38%) e vespertino: 124 (62%) do 2º ciclo do Ensino Fundamental, divididos em 6º ano: 30 (15%), 7º ano: 48 (24%), 8º ano: 54 (41%) e 9º ano: 69 (34%). A faixa etária desses adolescentes está entre 09 e 13 anos (48%), 14 e 18 anos (51%) e 19 anos (1%), do sexo masculino (47%) e feminino (53%). Quanto à renda familiar, a maioria dos integrantes é de classe social baixa

(61%), por estarem inscritos em diversos programas sociais do governo, totalizando até um salário mínimo. O transporte escolar administrado pela prefeitura para o acesso à escola é fundamental para 51% dos alunos entrevistados, enquanto 44% deles seguem a pé para a escola, e apenas 5% vão por meios próprios, principalmente de mototáxi.

**Figura 11** – Alunos segurando os *QRcodes* na aula



O único contato que os alunos da escola pesquisada têm com a língua inglesa acontece na escola ou em casa, através de músicas que ouvem pela rádio comunitária local, porquanto nunca tiveram a chance de estudar em uma escola de idiomas. O gráfico abaixo apresenta que 93% dos alunos participantes da pesquisa têm consciência de que aprender inglês é muito importante para o desenvolvimento pessoal e profissional.



Conforme mostra o gráfico 1, os alunos mencionaram a aplicabilidade da língua inglesa no currículo escolar, vida profissional e pessoal. 187 deles afirmaram que aprender inglês é importante, dois disseram não, e 12, talvez.

#### 5.4 PERFIL DO PROFESSOR PESQUISADOR

O professor pesquisador atua como professor de inglês com experiência na rede privada e pública de ensino há mais de doze anos. Na escola pesquisada, é professor efetivo desde 2008. É graduado em Letras, com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade Estadual da Paraíba, tem Pós-graduação em Metodologia de Ensino de LI, em uma instituição privada de ensino na Bahia, além de experiência internacional com curso preparatório para o ensino de inglês pelo *English Language Institute of The University of Alabama, USA*<sup>51</sup>, onde foi selecionado pelo programa Inglês sem Fronteiras para estudar nos EUA em 2013. Participou de diversos eventos nacionais e internacionais na área da Linguística Aplicada (LA) e Tecnologia Educacional, em que ministrou cursos e apresentações orais sobre como usar as TDIC nas aulas de LI.

Atualmente, está cursando o Mestrado Profissional em Formação de Professores<sup>52</sup> (MFP) da Universidade Estadual da Paraíba, com a aprovação da CAPES<sup>53</sup>, e reconhecido pela Portaria do MEC<sup>54</sup> nº 1.364 em 29 de setembro de 2011.

Durante toda a pesquisa, o professor pesquisador não se ausentou em nenhum momento de suas rotinas trabalhistas para coletar os dados e observar suas experiências em sala de aula, mesmo atuando em duas escolas e cidades diferentes, com 60 horas semanais.

#### 5.5 INSTRUMENTALIZAÇÃO DA COLETA DOS DADOS

A coleta de dados foi essencial para obter o diagnóstico necessário para entender a situação da qualidade do ensino e o baixo rendimento na aprendizagem a fim de saber o porquê de os alunos estarem totalmente desmotivados para aprender inglês na escola pública pesquisada. Assim, os dados foram coletados no início do ano letivo de 2013, através de um questionário formulado com 19 questões pelo professor pesquisador sobre a proposta de uma

---

<sup>51</sup> Instituto de Língua Inglesa da Universidade do Alabama, EUA.

<sup>52</sup> Fonte: <http://pos-graduacao.uepb.edu.br/ppgfp/2011/11/10/uepb-abre-inscricoes-para-primeiro-mestrado-profissional-em-formacao-de-professores-a-ser-implantado-no-pais/>

<sup>53</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

<sup>54</sup> Ministério da Educação

nova metodologia de ensino da língua inglesa associadas às tecnologias, com o intuito de obter o *feedback* dos respondentes voluntários e elaborar estratégias que surtiram efeitos positivos, o que resultou conseqüentemente, na análise, na elaboração e na conclusão desta pesquisa.

## 5.6 PRODUTO FINAL: INGLÊS DIGITAL NA ESCOLA: MOTIVAÇÃO, INTERAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Em virtude da necessidade de oferecer aos alunos da EMPEBF o ensino da LI no formato digital com o uso das TDIC, elaboramos como produto final um ambiente virtual denominado INGLÊS NA NET<sup>55</sup>, com o objetivo de tornar o ensino e a aprendizagem da língua inglesa organizados, instigantes, dinâmicos e envolventes, além de proporcionar o contexto real do idioma em consonância com as necessidades do mundo moderno para a prática da comunicação de forma interativa em um mundo sem fronteiras.

**Figura 12** – Conteúdos do 6º ano no primeiro bimestre no AVA



Optamos pela criação de um AVA (Fig. 14), por três motivos: primeiro, por ser algo inédito para os alunos e para a comunidade escolar da escola pesquisada, pelo fato de seus alunos só conhecerem a metodologia tradicional de ensino; segundo, porque é uma tendência

<sup>55</sup>[www.inglesninet.weebly.com](http://www.inglesninet.weebly.com)



mundial o mercado de ensino de idiomas através de plataformas virtuais<sup>56</sup> devido à capacidade de motivar, incentivar e envolver os alunos para se tornarem mais ativos e autônomos no processo de aprendizagem, já que o ambiente virtual também pode ser acessado fora da sala de aula. E terceiro, o professor não precisa dispor de recursos financeiros, pois, o domínio *weebly.com* é totalmente gratuito. O site é totalmente intuitivo para gerir e oferece a possibilidade de organizar, atualizar, adaptar e estruturar os conteúdos, o desempenho e a avaliação dos alunos conforme a necessidade do que for exigido de forma ágil e eficiente.

**Figura 13** – Tela do AVA contendo todas as habilidades comunicativas



Um ensino flexível, em que se usam o computador e a internet, em um ambiente virtual (Fig. 15) com um layout totalmente *clean*<sup>57</sup>, é considerado uma ferramenta promissora para o ensino e a aprendizagem, segundo Arcoverde & Cabral (2004), que asseveram:

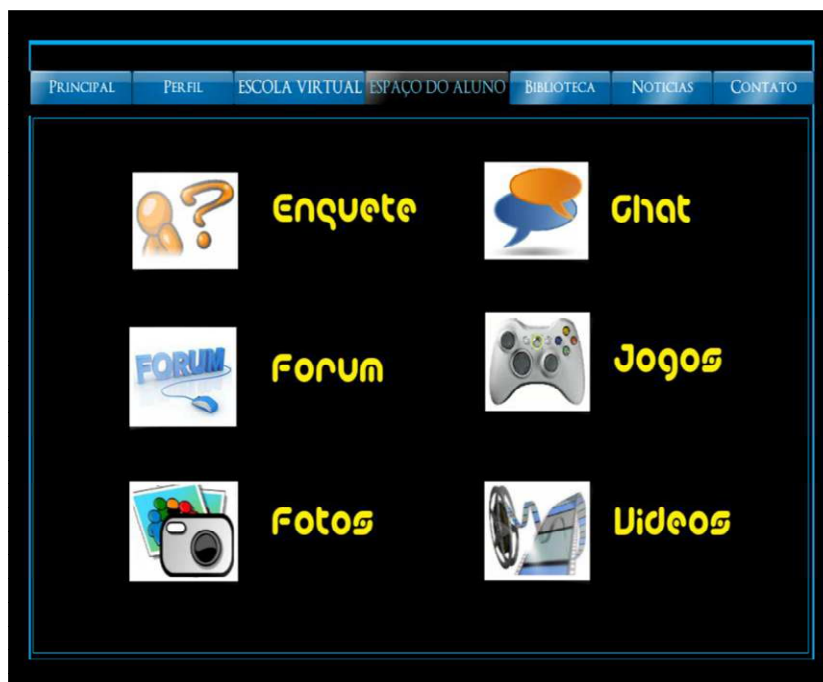
É evidente que a utilização da Web como um espaço de viabilização de cursos é viável e sustentável. Consiste, portanto, em um espaço que, bem utilizado pode propiciar trocas de experiências e interações sociais. Torna-se um aluno on-line, através do uso dessas tecnologias, renova as possibilidades de aprendizagem. (2004, p. 211)

<sup>56</sup>Exemplos de sites que ensinam idiomas online: LiveMocha, SharedTalk, Babbel, Italk, Busuu etc. (gratuitos) e Englishtown, OpenEnglish etc. (pagos).

<sup>57</sup>Tem a ideia de “limpo”, ou seja, páginas com aspecto simples, organizado e de fácil navegação.

É importante ressaltar que o AVA, é um espaço virtual de aprendizagem colaborativa e deve ser elaborado de forma a atender à prerrogativa da produção coletiva do conhecimento focando a interação dos educandos na abordagem dos conteúdos e na realização das tarefas.

**Figura 14** – Tela contendo ferramentas motivacionais para a aprendizagem



As páginas dessa versão 1.0 (Fig. 16), que foram utilizadas no período desta pesquisa, pretendiam, inicialmente, tornar o ambiente amigável e simplificado para os alunos utilizarem dentro ou fora da escola sem quaisquer dificuldades. Os conteúdos são abordados através de hipertextos<sup>58</sup> cujos links direcionam para outras páginas específicas de forma organizada, mas não linear. Foram criadas apenas sete seções caracterizadas na barra de navegação escritas na língua materna para facilitar a compreensão. O *layout* da página já foi atualizado duas vezes com a sugestão dos alunos e a versão atual está completamente reformulada e publicada totalmente na língua-alvo.

A página inicial do AVA é composta de uma barra de tarefas no topo da página para facilitar e direcionar rapidamente o aluno para os conteúdos. Na seção *escola virtual* estão disponíveis todos os conteúdos e os direcionamentos de cada bimestre seguindo o planejamento anual preparado para ser concluído dentro do ano letivo. Ao clicar, o aluno de

<sup>58</sup>Hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. (LÉVY, 2010, p. 33).

forma intuitiva clica no bimestre que está em curso, depois no ano letivo, vindo após os conteúdos bimestrais. Os conteúdos ou tópicos de estudo possuem links que conduzirão o aluno para todas as habilidades linguísticas segmentadas em outras páginas da internet compostas de textos, vídeos, áudio e arquivos de diversos tipos e formatos.

Para complementar e auxiliar os alunos com os seus estudos o AVA dispõe de outras ferramentas interessantes como enquete, biblioteca com arquivos, rádio *online*, manual, fotos, calendário e meios de contato direto com o professor, seja por meio das redes sociais ou formulário de contato na barra de tarefas no topo da página.

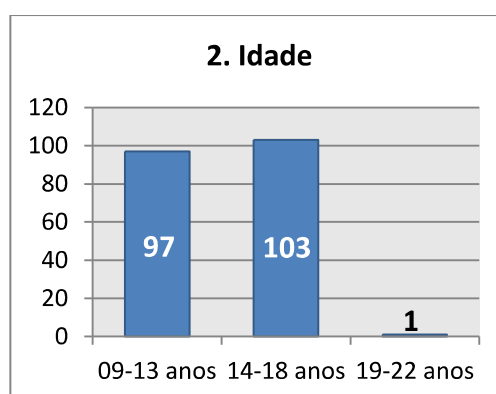
Desde que a página foi criada e começou a ser utilizada nas aulas de inglês no laboratório de informática da escola, os alunos passaram a ver a língua inglesa com outra perspectiva porque o AVA permitiu abrir um leque de inúmeros recursos de aprendizagem dos mais variados tipos, distribuído formas e opções de tarefas que para os alunos estimulou o desenvolvimento da autonomia na aprendizagem, restando ao professor a missão de ajudá-los e orientá-los neste processo.

Apesar do exaustivo trabalho de administrar todo o conteúdo do site dentro e fora da sala de aula, os excelentes resultados e o aumento do interesse dos alunos pelas aulas de inglês com o uso desta ferramenta, refletem no professor o sentimento de dever cumprido e enobrecimento de sua missão.

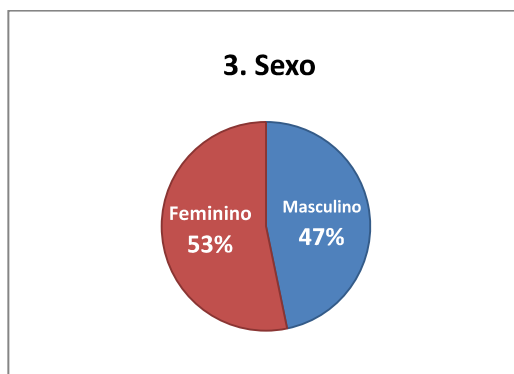
## 6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise dos dados por meio do questionário elaborado sobre as TDIC na aula de língua inglesa tornou possível conhecer o perfil e os anseios dos sujeitos participantes da pesquisa que viabilizaram as reflexões e as discussões sobre a temática em estudo. As questões trataram sobre o perfil sócio-econômico, a integração do ensino e a aprendizagem da língua inglesa com as tecnologias e como elas estão presentes no cotidiano dos respondentes. As distinções e as informações encontradas nos resultados foram sobremaneira importantes para fundamentar este trabalho.

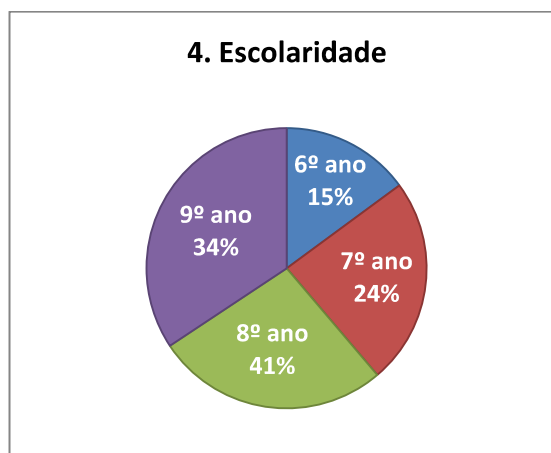
A pesquisa comprovou preliminarmente que, mesmo tendo poucas condições financeiras, 57% dos estudantes sabem manusear o computador sozinho, 17%, parcialmente, e 26% com a ajuda de alguém. Outro dado interessante apontado na pesquisa mostra que 74% acessam a internet com frequência, seja em *lanhouses* (76%), na escola (11%) ou em casa (12%). Isso demonstra que a rede mundial já faz parte do cotidiano do alunado, independentemente da classe social. Segundo a pesquisa, alguns alunos estão sempre conectados porque possuem computador com internet em casa ou por meio do celular (55%); enquanto isso, apenas 1% dos entrevistados não tem esse comportamento, sendo considerados excluídos digitalmente por não terem acesso à tecnologia devido às condições financeiras e por residirem na zona rural.



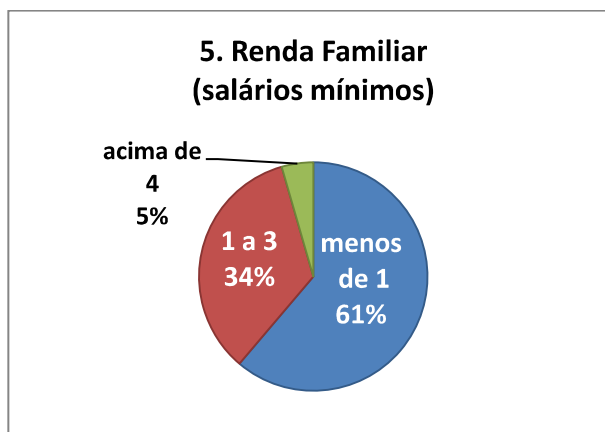
Diante deste contexto, o gráfico 2 apresenta a faixa etária dos 201 alunos que participaram de forma voluntária para a pesquisa. A idade de 97 alunos estava entre 09 e 13 anos; 103, de 14 a 18 anos; e apenas um estava acima dos 19 anos. O resultado revelou que o público pesquisado consistiu de 99% (noventa e nove por cento) de adolescentes.



O gráfico 3 descreve o sexo dos sujeitos da pesquisa – 107, do sexo feminino, e 94, do masculino. Em todas as turmas da escola pesquisada, a presença feminina foi sempre superior à da masculina.



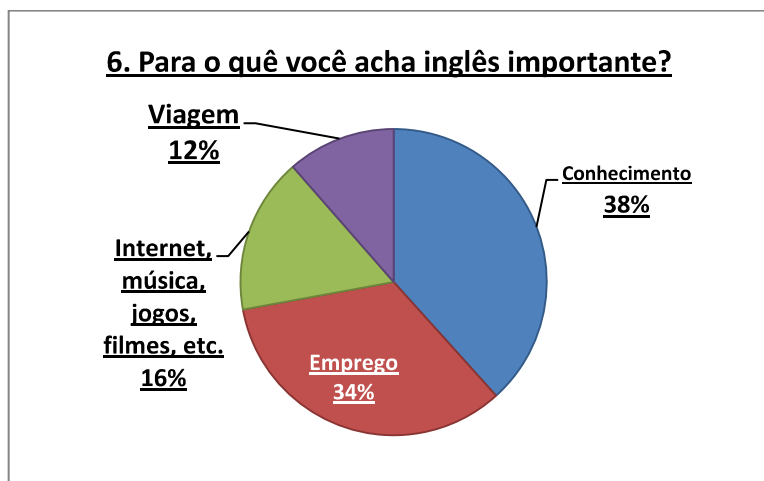
O gráfico 4 apresenta a escolaridade dos participantes dividida pelos anos finais do Ensino Fundamental. 15% (quinze por cento) de alunos do 6º ano, 24% (vinte e quatro por cento), do 7º ano, 41% (quarenta e um por cento), do 8º ano, e 34% (trinta e quatro por cento), do 9º ano. Quando o projeto começou a ser utilizado, foi diagnosticado durante as aulas que muitos alunos não sabiam manusear os recursos do computador por nunca terem tido aula de informática e não dominavam a leitura e a escrita com propriedade. Com o decorrer das aulas, os alunos aprenderam nas aulas de inglês como a usar a máquina de forma mais autônoma.



De acordo com o gráfico 5, a maioria dos sujeitos da pesquisa é classificada, em relação à caracterização socioeconômica, como de baixa renda (61%), por evidenciar a renda familiar inferior a 1 (um) salário mínimo, e os participantes integraremos programas sociais do governo federal. Com essa informação, é possível observar que esse índice de baixa condição financeira pode refletir diretamente na maioria dos casos num ambiente familiar desajustado, com péssimas condições de moradia, convívio social de risco etc. Esses fatores cruciais comprometem o estado físico e psicológico da criança escolar e pode desfavorecer e comprometer a aprendizagem.

Essa realidade transporta aos relatos descritos por Paulo Freire (2000) quando ele relata sobre a impossibilidade de *cruzar os braços* como educador diante da fome e miséria que escraviza e que foram impostas a milhões de pessoas por causa da globalização. Segundo ele, o educador não pode acomodar-se diante do discurso silencioso que a pobreza justifica o fracasso escolar e tem a responsabilidade e o poder de mudar esta realidade:

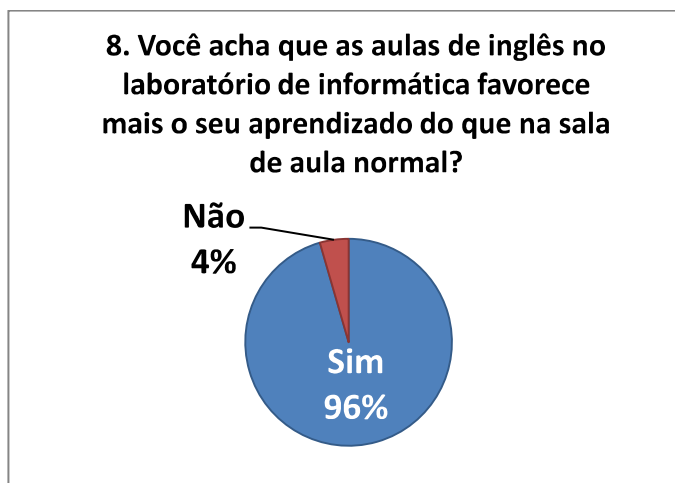
Não posso, por isso, cruzar os braços fatalistamente diante da miséria, esvaziando, desta maneira, minha responsabilidade no discurso cínico e "morno", que fala da impossibilidade de mudar porque a realidade é mesmo assim. O discurso da acomodação ou de sua defesa, o discurso da exaltação do silêncio imposto de que resulta a imobilidade dos silenciados, o discurso do elogio da adaptação tomada como fado ou sina é um discurso negador da humanização de cuja responsabilidade não podemos nos eximir. (FREIRE, 2000, p. 45).



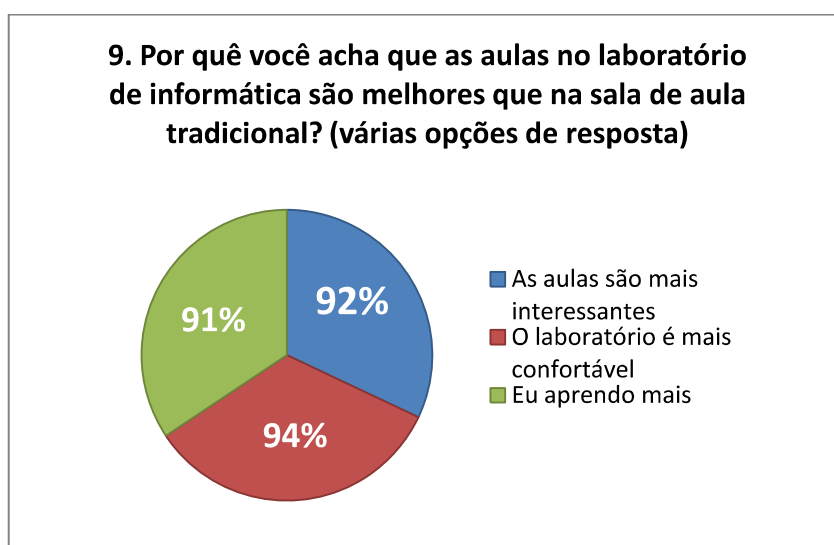
O gráfico 6 mostra que os alunos mencionaram a aplicabilidade da língua inglesa no contexto da vida profissional e pessoal. A maioria afirmou que aprender inglês é fundamental para obter conhecimento; em seguida, que conseguir um emprego como essencial para quem sabe inglês. Apesar desse resultado, é imprescindível que o professor esclareça e conscientize sempre aos alunos sobre a importância de aprender inglês. No planejamento curricular, esse é o primeiro tópico de estudo abordado no início do ano letivo.



Esse gráfico retrata como os alunos da escola pesquisada preferem aprender a língua inglesa. É perceptível que eles gostam que sejam exploradas todas as habilidades linguísticas na forma tradicional de ensino. Isso significa que a dependência absoluta do professor nas aulas de língua inglesa era fundamental para eles. Após a implementação do AVA, os alunos tornaram-se mais independentes de seu papel na aprendizagem.



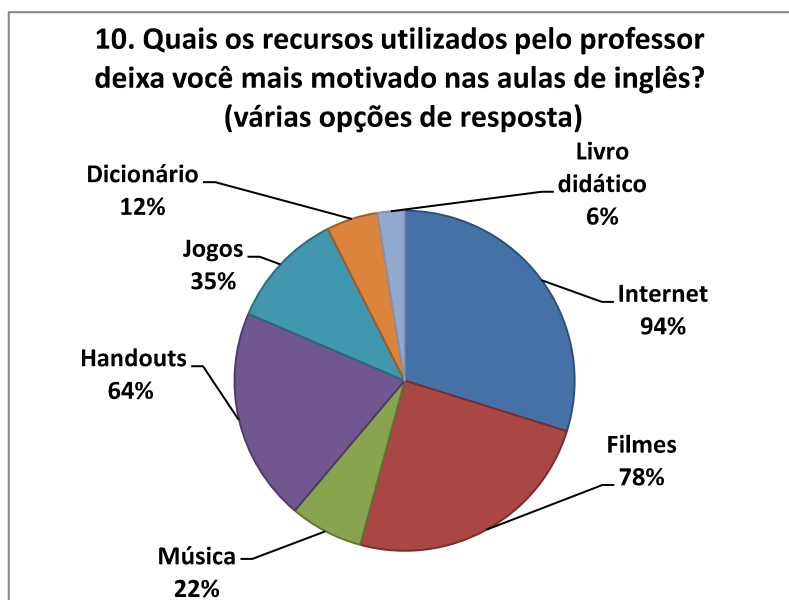
Em relação ao laboratório de informática (gráfico 8), 96% dos alunos consideram o laboratório como o melhor local da escola para assistir às aulas, ou seja, a maioria dos participantes prefere assistir às aulas no laboratório de informática em vez da sala de aula tradicional.



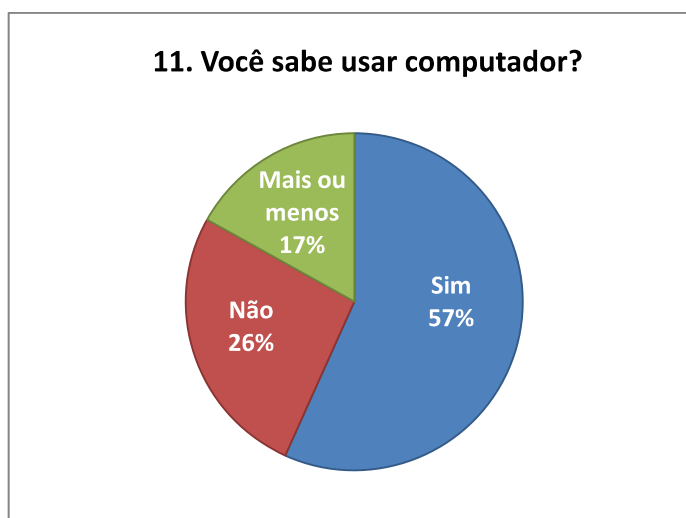
O gráfico 9 comprova de forma específica que os integrantes pesquisados elegeram o laboratório de informática como o lugar mais propício para a aprendizagem na escola. Segundo os resultados da pesquisa, 92% dos respondentes afirmaram que as aulas no laboratório ficam mais interessantes, 94%, que o ambiente é mais confortável, e 91%, que aprendem mais. Vale ressaltar que, os inúmeros recursos tecnológicos quando foram associados à metodologia de ensino e mais a estrutura do laboratório foram significativos para se promover um ambiente favorável para estimular o interesse e a participação dos alunos.



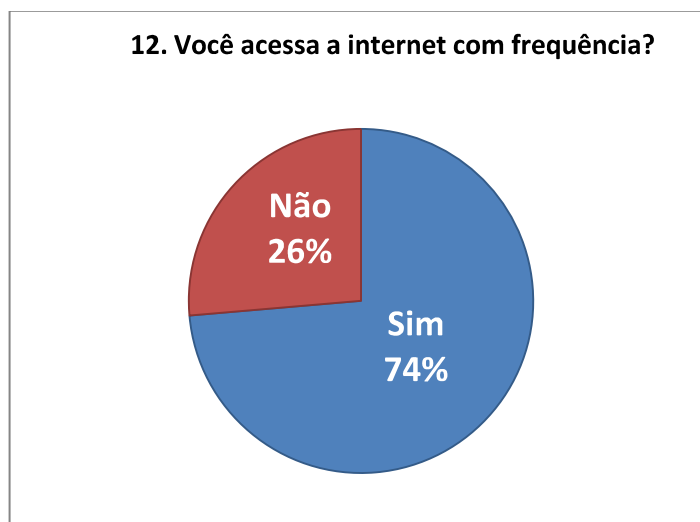
A justificativa do conforto mencionada na pesquisa é plausível, porque as salas de aulas normais são extremamente quentes e as carteiras velhas e desconfortáveis. No laboratório a sala espaçosa e o clima ameno deixam os alunos mais calmos e relaxados para estudar.



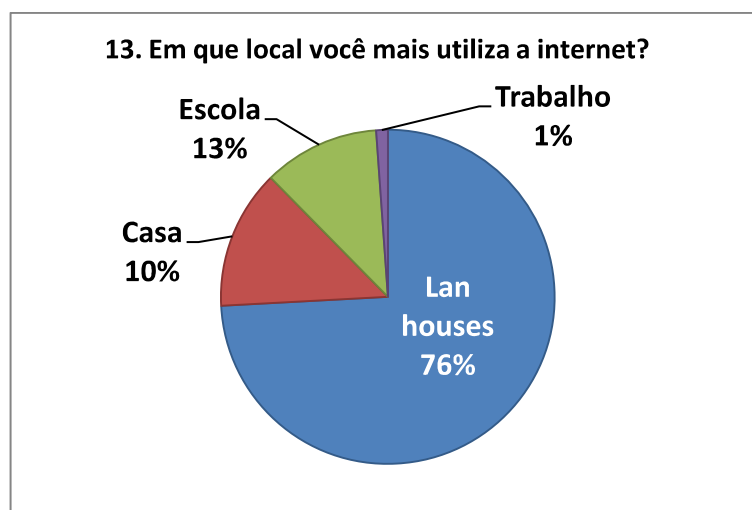
Dentre os recursos preferidos (gráfico 10) nas aulas de inglês, a internet vem em primeiro lugar (94%), abrangendo quase a totalidade dos alunos; em seguida, os filmes (78%) e os *handouts* (64%). O livro didático (6%) é o recurso mais desmotivador na opinião dos participantes da pesquisa.



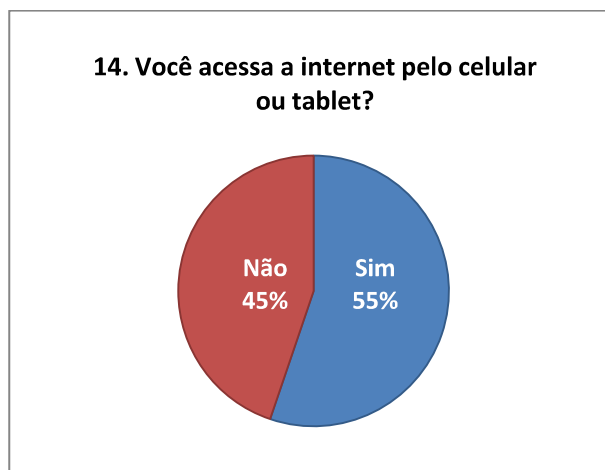
Como mostra o gráfico 11, uma grande parcela dos participantes da pesquisa ainda não domina com propriedade o uso da informática. A pergunta refere-se se à capacidade de o aluno sozinho usar a máquina apenas para as funcionalidades básicas.



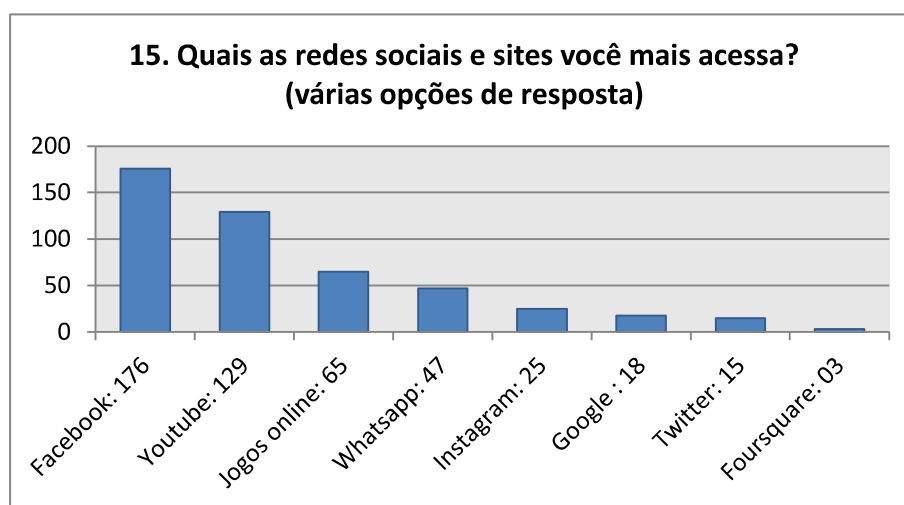
Nos últimos anos, houve um aumento significativo da frequência do uso da internet (gráfico 12) pelos sujeitos da pesquisa. Enquanto a maioria dos alunos (74%) que estão conectados reside na zona urbana, a minoria (26%) está desconectada por residir na zona rural.



O gráfico 13 retrata a realidade dos alunos pesquisados concernente aos locais utilizados para os alunos se conectarem à internet. As “Lan houses” ainda são o lugar preferido (76%) pela maioria dos participantes. Em segundo lugar, vem a escola (13%), o que representa que ela não é significativa para permitir o aluno conectado na rede mundial. Apenas 10% deles se conectam na própria residência ou na de familiares.



Em relação ao acesso à internet pelo celular (gráfico 14), apenas pouco mais da metade dos alunos se conecta à rede usando aparelhos eletrônicos móveis. Apesar da maioria dos usuários serem pessoas carentes, eles não abrem mão de possuírem um celular com acesso a internet para estarem conectados.



Esse resultado (gráfico 15) demonstra como os participantes se conectam com a internet. Em primeiro lugar, a rede social *Facebook* (88%) é a preferida dos sujeitos pesquisados; em segundo, o canal de vídeos *Youtube* (64%); os jogos *online* (33%) ficaram em terceiro lugar e, em seguida, os aplicativos *Whatsapp* (23%), *Instagram* (13%), *Twitter* (8%) e *Foursquare* (2%). Só foram incluídas no questionário essas opções, porque foram consultados previamente pelos integrantes da pesquisa.

Conforme os questionamentos obtidos pelos respondentes, foi possível diagnosticar como se encontrava a realidade no âmbito pedagógico quanto ao uso dos recursos didático-

tecnológicos na escola alvo desta pesquisa. As respostas fornecidas comprovaram que os alunos antes da aplicabilidade dos aparatos tecnológicos disponíveis no laboratório de informática, encontravam-se totalmente desmotivados na aprendizagem da língua inglesa quando apenas eram usados apenas os recursos tradicionais como quadro de giz e livro didático.

Para alcançar os resultados desejados e promover a transformação do ensino da língua inglesa em um ambiente motivacional de aprendizagem foi necessária a revitalização de todo o planejamento pedagógico com a utilização plena das TDIC no laboratório de informática, ou seja, foi preciso enfrentar duros desafios e promover uma literal quebra de paradigmas na escola pesquisada.

Convém salientar que o laboratório de informática da Escola Municipal Elita Barbosa da Fonseca possui uma extrema relevância e importância para os alunos, já que, por meio dele foi possível realizar esta proposta pedagógica inovadora com os seus recursos e ferramentas, principalmente, proporcionar o acesso às tecnologias com maior conforto e comodidade.

Ao concluir esta pesquisa foi constatado que após a utilização das tecnologias nas aulas de língua inglesa no laboratório de informática houve um aumento significativo do interesse e participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Foi possível reconhecer que o acesso ao AVA trouxe novas perspectivas ao contexto educacional e conduziu o aluno a descobrir e ampliar novos horizontes quanto a aprender a língua inglesa na escola pública.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa, apresentei de forma descritiva um estudo sobre a importância e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação para o ensino da língua inglesa abordando todas as habilidades comunicativas com vários métodos e técnicas para compreensão e produção oral por meio de um ambiente virtual criado para sistematizar os conteúdos e facilitar a aprendizagem. Para isso, recorreremos à análise das respostas coletadas dos participantes investigados na escola pública alvo deste estudo para chegar a efetivação da proposta de trabalho e percepção dos resultados.

Concomitante com essas reflexões, abordamos, dentre outros tópicos, questões relevantes sobre as concepções linguísticas sobre o ensino de LI no Brasil, o uso das TDIC no ensino do inglês e a produção final de um AVA para ser utilizada na escola pública pesquisada, onde foram analisadas e discutidas a sua utilização e os resultados.

Considerando todos os aspectos investigados nesta pesquisa, podemos afirmar que, apesar dos inúmeros investimentos que vêm sendo feitos nos últimos anos para as instituições públicas, com a aquisição de diversos equipamentos tecnológicos para o uso educacional, as escolas ainda não estão acompanhando a evolução da sociedade, sobretudo em relação ao conceito de modernização de ensino, ou seja, as salas de aula não evoluíram à frente da modernidade, pois ainda não se adequaram às perspectivas dos nativos digitais e continuam com a mesma forma linear e tradicional de ensinar.

Agora, mais do que nunca, as tecnologias correlatas da informação e comunicação que consolidam a “proficiência computacional” precisam ser priorizadas por governos, secretaria de educação, diretores, professores, pais, alunos e pela sociedade em geral, no âmbito da educação pública, em especial, ao ensino da língua inglesa, pois a familiaridade no uso delas, dentro ou fora da sala de aula, pode proporcionar novas oportunidades e expandir novos horizontes para os alunos.

Assim como o resultado do letramento prepara os indivíduos para obterem o conhecimento de mundo, aprender o inglês oferece a competência para conhecer, interagir, trabalhar e viver no mundo real e globalizado. As TDIC, quando vinculadas como ferramentas no ensino de LI, cumprem um papel de destaque e inúmeras vantagens no aprimoramento das habilidades comunicativas e funcionais dos jovens para ingressarem no mercado de trabalho.

Outro aspecto abordado é a função principal e relevante do professor no uso das tecnologias nas aulas de LI. O papel do professor é extremamente relevante para mudar a

realidade do contexto social de seus alunos, tornando-se mediador e facilitador dessas mudanças.

Diante desses pressupostos, a formação dos professores torna-se imprescindível para direcionar o uso da prática comunicativa associado ao uso das tecnologias para atender as necessidades de seus educandos.

Quando o professor de LI não domina as TDIC, devido à falta de preparo em sua formação ou à hostilidade com as tecnologias, dificilmente conseguirá ministrar uma aula cativante e, muito menos, fazer transformações relevantes para atrair, integrar e motivar os aprendizes a aprenderem e fazerem prática do conhecimento adquirido.

Na pesquisa também abordamos que através do planejamento é possível deliberar com sucesso o processo de ensino-aprendizagem de LI com as tecnologias. Sem o devido planejamento haverá a incidência do imprevisto e a perda do foco dos objetivos desejados. A criatividade do professor em suas aulas só poderar aflorar se houver compromisso, paixão e empatia para seus alunos.

O professor do Século XXI tem em suas mãos o desafio de romper paradigmas e de criar estratégias de ensino customizadas concomitante com as TDIC e que sejam eficazes em proporcionar um ambiente linguístico de interação cujo foco resulte na construção e no conhecimento de seus alunos. É imprescindível um professor de língua inglesa com uma nova visão que acompanha o contexto que vivemos nos dias atuais e que possa trazer o mundo para a sala de aula, afim de que os alunos reconheçam a importância do inglês e estejam imbuídos na busca do conhecimento.

O ambiente virtual de aprendizagem “Inglês na Net” criado de forma gratuita através do portal *weebly* serviu como um divisor de águas para direcionar e aplicar a nova proposta pedagógica que teve o objetivo de fomentar e organizar todos os conteúdos do currículo escolar com a pretensão de sair do estilo tradicional conteudista e gramatical de ensinar para outra proposta mais dinâmica e interativa voltada para todas as habilidades comunicativas, inerentes à aprendizagem de qualquer língua estrangeira.

Essa forma de ensinar por meio do AVA quebrou todos os paradigmas do ensino tradicional na escola pública pesquisada, pois, tornou possível de forma inédita, a forma híbrida de ensinar, ou seja, os alunos pesquisados também podem aprender fora da escola por meio do ensino a distância (EAD).

Nessa proposta os conteúdos foram elaborados e separados de forma apropriada para cada série escolar e bimestre específicos. Os alunos de forma intuitiva e acompanhados com o professor vão assimilando, praticando, tirando dúvidas e ao mesmo tempo se divertindo com

todos os recursos disponíveis e em vários formatos digitais. A ideia do uso papel passa a ser vista de forma mais ecológica, pois, a maioria das atividades é feita no próprio computador e o uso do papel diminuiu consideravelmente, sendo utilizado apenas em casos necessários, como a indisponibilidade do laboratório ou internet e nas avaliações bimestrais.

Nesse aspecto, o aluno passa a ser não apenas assimilador ou coadjuvante de seu aprendizado, mas o protagonista principal na busca pelo conhecimento. A sensação de autonomia e de independência transmitida pelo computador ajuda a melhorar a autoestima dos aprendizes e representa, de maneira significativa, um ensino mais lúdico, estimulando novas formas de pensar e de enfrentar situações e problemas do cotidiano. Esse aprendizado mais intuitivo e divertido faz toda a diferença nas aulas e torna a aprendizagem da língua inglesa mais focada e produtiva.

Após a realização dessa experiência de ensino na escola pública alvo, com a inserção das mídias e o computador como ferramentas educacionais na aprendizagem da língua inglesa, concluímos que as tecnologias usadas isoladamente, mesmo com infinitas funcionalidades e recursos para melhorar a qualidade do ensino, não trarão significativas mudanças na aprendizagem se o professor não souber mediá-las e usá-las com a devida propriedade e significado para os alunos.

Uma questão bastante relevante que gostaria de mencionar foi a oportunidade de poder ir aos Estados Unidos pela primeira vez durante a realização do mestrado e elaboração inicial desta pesquisa. Fui selecionado pelo programa “Ciências sem fronteiras” para participar de uma formação de seis semanas apenas para professores de língua inglesa de escolas públicas em uma universidade americana. Tive o privilégio de ser escolhido para estudar no *The English Institute* na *The University of Alabama*, no sul dos Estados Unidos, para participar do curso *The Brazilian Teacher Training Program* onde tive excelentes experiências e troca de conhecimentos com ótimos professores desfrutando de uma estrutura considerável mesmo de primeiro mundo.

Durante as aulas foi possível entender como funciona a educação norte-americana, um pouco da cultura do sul e principalmente a forma de como ensinam. Essa viagem foi inesquecível e serviu profundamente para minha inspiração e reflexão para mudar a minha prática pedagógica mesmo diante das inúmeras dificuldades.

É relevante ressaltar que a América enxerga a educação como algo prioritário e que de ser de extremo rigor e qualidade. A estrutura, normas, qualificação dos professores e investimentos do governo deveriam servir de modelo, na minha opinião, para as escolas públicas brasileiras.

Considerando a abordagem de todos esses pressupostos pautados, temos a expectativa de que as discussões teóricas sobre a temática do ensino de línguas mediado pelas tecnologias possam melhorar a compreensão sobre o assunto e contribuir para se perceber bem mais como se configura essa realidade em muitas escolas públicas brasileiras.

Por fim, esta pesquisa não pretendeu findar o assunto; outros inúmeros estudos que foram desenvolvidos são considerados pertinentes para obter uma ideia mais abrangente do ponto em questão e comparar com a realidade de outros contextos similares a este trabalho.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. B. **Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n. 2, p. 327-340, dez. 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2.pdf>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2014.
- ARCOVERDE, Rossana. CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Linguagem e navegabilidade: uma leitura crítica de três sites de ensino de língua portuguesa. In :COLLINS, Heloísa. FERREIRA, Anise. (orgs.) **Relatos de experiência de ensino e aprendizagem de línguas na internet.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.
- BARROS, Maria das Graças; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. As concepções de interatividade nos ambientes virtuais de aprendizagem. In: SOUSA, Robson Pequeno de. et al (Orgs.). **Tecnologias digitais na Educação.** Campina Grande: Eduepb, 2011. p.208.
- BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância.** 2 ed. São Paulo: Autores Associados, 1999.
- BITTENCOURT, Juliano. **Ambientes e plataformas virtuais de aprendizagem.** Jun. 2006. Disponível em: <<http://www.jbittencourt.com/2006/06/01/ambientes-e-plataformas-virtuais-de-aprendizagem/>>. Acesso em: 20 de agosto de 2014.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira.** Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BROWN, H. Douglas. **Principles of language learning and teaching.** 4. ed. New York: Longman, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy.** 2. ed. New York: Longman, 2001.
- CANDAU, Maria Vera (org). **A didática em questão.** 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. **Ensino de língua inglesa.** São Paulo: Cengage Learning, 2011. p.8-9.
- CASTELLS, Manuel. **Novas perspectivas críticas em educação.** Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Communication power.** New York: Oxford University Press, 2009.
- CELCE-MURCIA, Marianne, (ed.) **Teaching english as a second or foreign language.** 2. ed. Boston: Heinle&Heinle, 1991.
- CHAROUX, Ofelia M. G. **Metodologia: processo de produção, registro e relato do conhecimento.** 3.ed. São Paulo: DVS Editora, 2006.
- CLOUD, Nancy; GENESEE, Fred.; HAMAYAN, Else. **Dual language instruction: a handbook for enriched education.** Boston: Thomson Heinle, 2000.

CRYSTAL, David. **English as a global language**. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

\_\_\_\_\_. **The Cambridge Encyclopedia of Language**. 3.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

DOWNMAN, Jane.; SHEPHEARD, John. **Teaching English as a foreign/second language**. Cambridge: Hodder & Stoughton, 2002.

EL KADRI, M. S. **inglês como língua franca: Um olhar sobre programas disciplinares de um curso de formação inicial de professores**. Entretextos, Londrina, vol. 10, n. 2, jul/dez. 2010, p. 64-91.

ENOMOTO, Luísa Midori Amorim. **Projeto de website educativo voltado ao ensino da língua inglesa para crianças do ensino fundamental entre 9 e 12 anos**. São Paulo: USP, 2010.

FERREIRA, Edilene Lucena. **O uso pedagógico das tecnologias da informação e comunicação no ensino e na aprendizagem da língua inglesa**. João Pessoa: UFPB, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FRONKIM, Victoria.; RODMAN, Robert; HYAMS, Nina. **An Introduction to Language**. 7.ed. Boston: Thomson Heinle, 2003.

GOMES, Josenir Hayne. **A implantação do laboratório de informática na escola: uma experiência exitosa**. 2009.

GOMES, Luiz Fernando. **Hipertextos multimodais: leitura e escrita na era digital**. Jundiaí: Paco Editorial, 2010.

HARMER, Jeremy. **How to teach english**. London: Longman, 1998.

\_\_\_\_\_. **The practice of english language teaching**. 3.ed. Malaysia: Longman 2001.

KRASHEN, Stephen D.; TERREL, T. D. **The natural approach: language acquisition in the classroom**. Oxford: Pergamon/Alemany Press, 1983.

LARSEN-FREEMAN, Diane. **Techniques and principles in language teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1986.

LEFFA, Vilson J. Aprendizagem de línguas mediada por computador. In: Vilson J. Leffa. (Org.). **Pesquisa em linguística aplicada: temas e métodos**. Pelotas: Educat, 2006, p. 11-36.

\_\_\_\_\_. Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade. Considerações sobre o fracasso da LE na escola pública. In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). **Inglês em escola pública não funciona?** São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p.21, 31.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 5.ed. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2010.

LÈVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

LAI, Cheng-Chieh; KRITSONIS, William Allan. **The advantages and disadvantages of computer technology in second language acquisition**. Doctoral Forum National Journal for Publishing and Mentoring Doctoral Student Research Vol. 3, Ed.1, 2006. Disponível em: <<http://faculty.ksu.edu.sa/saad/Documents/CALL%20Advantages%20and%20disadvantages.pdf>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2014.

LIGHTBOWN, Patsy M.; SPADA, Nina. **How languages are learned**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1999.

MARTINS, Angela Maria. **Autonomia e educação: a trajetória de um conceito**. Cadernos de pesquisa, nº 115, Fundação Carlos Chagas, 2002, p. 207-232.

MARTINS, C. B. M. J.; MOREIRA, H. **O campo CALL (Computer Assisted Language Learning): definições, escopo e abrangência**. Unisinos, v. 10, n. 3, 2012, p. 247-255.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves Cordeiro. **Games: contexto cultural e curricular juvenil**. 2006. 181 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Como utilizar a Internet na Educação**. Disponível em <[www.scielo.br/pdf/ci/v26n2/v26n2-5.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ci/v26n2/v26n2-5.pdf)> Acesso em 10 de Fevereiro de 2014.

NETTO, Samuel Pfromm. **Telas que ensinam, mídia e aprendizagem: do cinema às tecnologias digitais**.3.ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

NUNAN, David. **Second language teaching and learning**. Boston: Heinle & Heinle, 1999.

Oliveira, W. L. **O docente do ensino médio e as tecnologias da informação e comunicação: análise de possíveis alterações no processo de trabalho**. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

OTHERO, Gabriel de Ávila; MENUZZI, Sérgio de Moura. **Linguística computacional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre: Artmed, 2011. p.12-21.

PIRES, Simone Silva. **Vantagens e desvantagens do ensino de língua estrangeira na educação infantil: um estudo de caso**. UFRS. Porto Alegre, 2001. p.6

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Vencer barreiras e emergir das adversidades com pleno êxito, sempre com o pé no chão. In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). **Inglês em escola pública não funciona?** São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p.60.

RICHARDS, Jack C.; RODGERS, Theodore S. **Approaches and methods in language teaching**. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

SANTANA, Bianca.; ROSSINI, Carolina. Educação. In: BRAMBILLA, Ana. (Org.) **Para entender as mídias sociais**. 2. ed. PUC, SP, 2011. p.166.

SANTOS, Santa Marli Pires. **A ludicidade como ciência**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SANTOS, Eliana Santos de Souza e. O ensino da língua inglesa no Brasil. Babel: **Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, n.1, dez. 2001.

SCARCELLA, Robin C; OXFORD Rebecca L. **The tapestry of language learning: the individual in the communicative classroom**. Boston: Heinle & Heinle, 1992.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Ricardo Augusto de. Aprendizagem/ensino de segunda língua e fossilização. In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p.159.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 10. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

THORNBURY, Scott. **How to teach vocabulary**. England: Longman 2002.

TORI, Romero. **Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem**. São Paulo: Ed. SENAC. 2010.

WARSCHAUER, Mark.; HEALEY, Deborah. **Computers and Language Learning: An Overview**. *Language Teaching* Vol. 31 no. 2, 57-71, 1998.

## **APÊNDICE**

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOBRE AS TDIC NAS AULAS DE INGLÊS

### QUESTIONÁRIO SOBRE TECNOLOGIAS NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA



Responda as perguntas apenas marcando a opção com X. Não precisa se identificar e obrigado por participar!

1. Qual a sua idade? ( ) 09-13 anos ( ) 14-18 anos ( ) 19-22 anos ( ) 23-30 anos ( ) acima de 31 anos
2. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino
3. Série: ( ) 6º ano ( ) 7º ano ( ) 8º ano ( ) 9º ano ( ) EJA
4. Turno: ( ) Manhã ( ) Tarde ( ) Noite
5. Estado civil: ( ) solteiro ( ) casado ( ) outro
6. Qual a renda total de sua casa? ( ) menos de 1 salário mínimo. ( ) 1-3 salários ( ) acima de 4 salários
7. Qual o meio de transporte que você utiliza para chegar à escola? ( ) ônibus ( ) mototáxi ( ) carro ( ) moto ( ) pé
8. Você acha importante aprender inglês? ( ) sim ( ) não ( ) talvez
9. Se sua resposta foi sim, o que você acha importante?  
( ) emprego ( ) conhecimento ( ) diversão (internet, música, filmes e jogos) ( ) viagem ( ) outros \_\_\_\_\_
10. Se sua resposta foi não, porque você acha que não é importante:  
( ) Sou obrigado a estudar ( ) Não gosto da matéria ( ) Não vou precisar usar ( ) Outros \_\_\_\_\_
11. Como você gosta de aprender inglês na escola? *(pode marcar várias opções)*  
( ) Falando ( ) escrevendo ( ) ouvindo ( ) lendo ( ) traduzindo ( ) professor explicando
12. Você acha que as aulas no laboratório de informática, com o uso das novas tecnologias, favorecem mais o seu aprendizado do que na sala de aula normal?  
( ) sim ( ) não ( ) Explique \_\_\_\_\_
13. Quais os recursos didáticos deixa você mais motivado na aula de inglês? *(pode marcar várias opções)*  
( ) internet ( ) música ( ) filmes ( ) jogos ( ) dicionário ( ) tarefas ( ) slides ( ) caça-palavras ( ) livro didático
14. Você sabe usar computador? ( ) sim ( ) não ( ) talvez
15. Você usa a internet com frequência? ( ) sim ( ) não ( ) talvez
16. Se sua resposta foi sim, em que local você se conecta com a rede?  
( ) casa ( ) lanhouse ( ) escola ( ) trabalho ( ) outros \_\_\_\_\_
17. Se sua resposta foi sim, que sites você mais acessa? *(pode marcar várias opções)*  
( ) Facebook ( ) Whatsapp ( ) Jogos ( ) Youtube ( ) Twitter ( ) Instagram ( ) Google  
( ) outros \_\_\_\_\_
18. Se sua resposta foi não, por que você não se conecta?  
( ) Não tenho computador ( ) Não tenho internet ( ) Não sei usar ( ) Não gosto ( ) Outros \_\_\_\_\_
19. Você usa a internet pelo celular ou tablet? ( ) sim ( ) não